Regina Rheda

Livro Que Vende

Rockordel

ALTANA

Livro Que Vende

A sabotagem das instruções para um experimento proposto em um livro didático de ciências causa explosões que machucam crianças em algumas escolas do país. Mal a notícia aparece na tevê, o corpo da principal suspeita pelo ato terrorista é encontrado pela sua faxineira, coberto por folhas de papel onde se imprimiu um longo poema chamado *Rockordel*. A autoria do poema é atribuída ao professor que assina o livro didático sabotado. Dois tempos narrativos vão revelando a trama relacionada às explosões e mostram, com humor e agilidade, um Brasil que entra no terceiro milênio claudicando entre o anacronismo e a modernização.

Este é o quarto livro de ficção de Regina Rheda, escritora caracterizada pela narrativa poderosa, a criatividade exuberante, o erotismo sem-vergonha e a fina ironia. De leitura deliciosa, permeado de agudos insights sobre o comportamento humano, *Livro que vende* compõe-se de uma história principal e duas histórias-dentro-da-história. A história principal, em prosa, constrói-se de intrigas no ambiente editorial e apresenta uma provocante visão dos efeitos da globalização econômica e cultural nas relações humanas. A segunda é uma fábula iluminista infanto-juvenil, escrita por uma personagem da história principal; nesta fábula, adolescentes

Regina Rheda

Livro que Vende

ALTANA

PRODUÇÃO:
BUREAU ALTANA

CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO:
CARMEM MACHADO LUZ

XILOGRAVURA:
MARCO FERREIRA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rheda, Regina
Livro que vende : romance / Regina Rheda. – 1ª. ed. – São Paulo : Altana, 2003.

Bibliografia.
1. Romance brasileiro
I. Título

03-4338 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura brasileira 869.93

ISBN 85 - 87770-20-9

São Paulo
2003
1ª. edição

EDITORA ALTANA LTDA.
Rua Cel. José Eusébio, 95 - Casa 100-3
CEP 01239-030 - Consolação - São Paulo / SP
Fones: 11 3214.3516 / 3214.3129
editoraaltana@uol.com.br

Agradecimentos a:

Ledig House International Writers' Colony, NY,
por ter me acolhido para começar
a escrever este livro;

Roberto Navarro, por ter escrito comigo
um argumento para um roteiro de longa-metragem
que nunca foi filmado e que, 20 anos mais tarde,
transformei no poema épico deste livro, o *Rockordel*;

Ebe Spadaccini, pela generosa consultoria sobre
produção de livros didáticos;

Charles, pelo amor e lealdade.

Rostos e mãos de crianças em carne viva.

O professor tenta manter-se calmo, Ter problema é normal, ter problema é normal. Inspira o ar, imprime o vapor na vidraça, solta os olhos na rua.

O sócio-majoritário estaciona a BMW e afasta uma repórter de tevê, Fale com o nosso advogado. Um porteirinho corre para o patrão em pulos de pardal, toma-lhe a pasta, escolta-o até o elevador, devolve-lhe a pasta sem ganhar o obrigado. Esse carcamano casca-grossa sempre esquece de agradecer, o porteiro gostaria de declarar aos jornalistas, e Deus castiga, bem-feito.

Sobe o sócio-majoritário para a sala de reunião, chega o diretor editorial – e nem são oito da manhã. O diretor editorial declara nada a declarar aos jornalistas, assina o livro à recepção, atropela duas revisoras ao relógio de ponto, afunda o botão do elevador.

Rostos e mãos de crianças em carne viva. O pensamento do professor corre na rua, foge na pressa das pessoas. Ter problema é normal. O que é que empurra aquela gente pelas calçadas, cruzamentos, passarelas? Conflitos, problemas. Problemas são movimento, não acabam. Na ilusão de resolvê-los, as pessoas tomam iniciativas, envolvem outras pessoas e as contaminam. A tendência dos problemas é proliferar. E, já que é assim, por que alguém deveria ficar preocupado? Problemas humanos são ninharias, e nosso universo é tão grande. Infinito, mesmo, e, como ele, outros bilhões de universos se expandem, sem falar nos que se contraem, cada um com bilhões de galáxias distantes bilhões

de anos-luz entre si e com bilhões de estrelas cada uma. O planeta em que arrastamos nossos problemas mixurucas depende de uma estrelica chamada Sol, um pontinho embaçado na periferia da Via Láctea, que é uma galáxia com bilhões de sóis, bilhões de rostos e mãos de crianças em carne viva, rostos e mãos de crianças em carne viva.

Entra na sala o sócio-majoritário e, atrás, o diretor editorial. Olhos baixos, boca fechada, roncam bom-dia para os sapatos do professor. O diretor digita um número, Só responde a secretária eletrônica, passei a noite toda ligando, vamos começar assim mesmo.

Reuniões sem rodeios nem cafezinho metem medo no professor, que se remexe na cadeira. Um azar o sócio-majoritário ter sabido da notícia pelo telejornal, junto com mais sessenta milhões de olhos hipnotizados pelo livro de ciências, pelos adolescentes com caras de bobo, pela menina enfaixada no hospital, pelo batom em forma de bicota da apresentadora.

Quatro alunos da sétima série ficaram feridos devido a uma experiência com material explosivo, durante aulas de ciências, em duas escolas do país. A experiência faz parte do livro A Magia da Ciência, de Sandoval Cafeteira. Ao seguirem as instruções para a experiência, os estudantes misturaram ácido sulfúrico concentrado a uma substância que, em contato com o ácido, provocou uma explosão. Esta estudante de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, corre o risco de perder os dedos da mão direita e deverá submeter-se a uma cirurgia corretiva nos lábios. Os pais e os professores das vítimas pretendem mover uma ação conjunta contra a editora Tornatore, que publicou o livro. O autor, professor Sandoval Cafeteira, não quis dar entrevista.

O professor apaga as estrelas da tevê, rostos e mãos de crianças. Na sua frente, inflamam-se o sócio-majoritário e seu charuto,

expandem-se e contraem-se as carótidas do diretor editorial. Em volta da mesa de reunião, os três profissionais aplicam sua experiência de décadas na criação e produção de livros didáticos para administrarem as conseqüências do acidente com responsabilidade e espírito cooperativo.

– Eu não vou assumir essa merda – trituram o charuto os dentes do sócio-majoritário. – Não fui eu que explodi a cara das crianças. Eu só banco os profissionais, porra, e um profissional tem a obrigação de saber o que está fazendo.

O diretor editorial esmurra a indireta na mesa:

– Se a empresa não assume a responsabilidade, muito menos eu, um pau-mandado, pago para cumprir ordens. Me mandam investir só nos títulos que já estão vendendo, eu invisto. E se os títulos são uma merda, não é culpa minha, eu não sou autor.

O professor se empina, escoiceia, rebate:

– Eu que assino a obra, mas não sou eu que escrevo o livro! – e todos sabem como é difícil para ele admitir aquilo. – Nas provas que eu chequei não tem experiência explosiva, podem conferir!

Diretor editorial e sócio-majoritário examinam as provas xerocadas do professor, mesmo sem entender nada de química.

– Cês vão conferir também o arquivo da empresa – sacode o pé o professor. – Nas provas do meu livro não tem nenhuma experiência com ácido concentrado, que o governo condena. Não tem nenhuma experiência sem o sinal da caveirinha indicando o perigo do ácido sulfúrico ácido muriático permanganato de potássio hidróxido de sódio álcool querosene cal formol tintura de iodo acetona água sanitária naftalina água oxigenada, essa perfumaria toda que o ministério considera tóxica. Está tudo como manda o figurino, embora eu ache um exagero. O que o governo quer é transformar os estudantes deste país nuns bundas-moles. Pois como é que um professor de ciências vai promover o conhe-

cimento científico pela prática e a observação, se hoje em dia ele não pode mais nem acender um fósforo na classe?

Os dedos do diretor editorial farejam as páginas, nervosos:

– Você pode ter deixado escapar uma experiência perigosa, por engano...

– Estão me sacaneando – diz o professor. – Fale com a Maritza, Douglas, ela que acompanhou a produção do começo ao fim.

O diretor editorial afunda as teclas do celular, onde será que ela se meteu? será que está viajando? dando para algum macho?

– Morta, minha nossa senhora! – a faxineira chora, arranca-se do apartamento, grita para o zelador, o porteiro, os vizinhos. – A dona Maritza tá morta!

O corpo está no chão do quarto, envolto num formulário contínuo com um texto em versos, de título ROCKORDEL. Embaixo do título, a faxineira teria sido capaz de ler DE SANDOVAL CAFETEIRA, se não fosse analfabeta.

A Gaúcha estava vendendo a imitação da pulseira Cartier por novecentos dólares. Pagava mil e quinhentos pelo aluguel de um apartamentinho de papel mâché e se sentia feliz porque ele era no Village. Vivo melhor aqui do que na minha casa de três quartos em Alegrete, era a desculpa que ela se dava quando suas visitas não conseguiam achar o caixote com uma latrina dentro, que ela chamava de banheiro. Estava completando seu terceiro ano no bairro mais badalado da capital do mundo, e poderia viver outros tantos ali, se sempre lhe aparecessem faxinas para fazer e clientes como aquela menina. A venda da pulseira já lhe pagaria boa parte das dívidas. A menina também achava que estava fazendo um ótimo negócio porque a imitação lhe parecia idêntica à verdadeira, que ela ouvira dizer que custava quarenta mil dólares.

– Olha só que graça essas ferramentinhas que vêm junto – a Gaúcha tirou uma minichave de fenda e um parafuso dourados de dentro de uma caixa de veludo. – Estica o braço.

Melissa esticou um braço de seda. Em volta do pulso fino, a Gaúcha parafusou uma metade do bracelete à outra. Melissa franziu um bico:

– Como é que eu vou colocar isto, quer dizer, juntar as metades e parafusar, tudo com uma mão só?

A Gaúcha olhou com inveja o braço macio, Parece o pescoço de um cisne, pensou, nem quando eu era novinha eu tive um braço assim. Aquela menina estava acostumada ao bem-bom. Sempre teria alguém por perto, pronto a parafusar e desparafusar sua falsa Cartier quantas vezes ela quisesse.

– Com o tempo você acaba pegando o jeito – a Gaúcha trancou as ferramentinhas na caixa de veludo.

Melissa ergueu o pulso, virou e revirou a jóia na frente das íris douradas, o pensamento longe. Essa encardida vai achar defeito, pensou a Gaúcha. A menina inclinou o pescoço de bailarina:

– É uma graça, agora preciso de roupas pra combinar com ela.

– Roupa não é comigo – a Gaúcha escancarou a porta, deu para a menina um sorriso de vendedora junto com um cartão. – Roupa de grife, perfume, computador, essas coisas você encontra baratinho nesse endereço aí. Eu só mexo com jóia.

Melissa pulou para a rua, para dentro de um táxi, para a Quinta Avenida. A Gaúcha fechou a porta devagar, examinando o braço polvilhado de cálcio, esfarinhado na labuta novaiorquina.

Lojas, sim, em loja é que era legal ir, e ao minizôo do Central Park. Eram as únicas coisas que Melissa achava interessantes naquela excursão cheia de idosos. Dona Lizabetta, que tinha se perdido entre os dinossauros do Museu de História Natural, para alívio do marido, fizera um cirurgião plástico esticar tanto a sua

pele que um percussionista poderia dar um show no Central Park, batucando no seu rosto. Dona Maria das Neves, que o marido não pudera acompanhar na viagem porque estava aproveitando as férias para fazer um tratamento de canal, reclamava de tudo, do vento, do tornado, do cansaço, do pé, do joelho, da comida, da obesidade das americanas, da falta de gosto das americanas. Seu Pimentel ficava lambuzando Melissa com a goma arábica dos olhos amarelos. Patrícia era legal mas muito velha, uma solteirona de trinta anos. E o guia, que era um gato, transpirava muito e estava sempre ocupado:

– Aqui na Wall Street vocês podem ver uma escultura do artista colombiano Bolero. Ali no Moma vocês podem ver pinturas do russo Chacal.

Para piorar a situação, os idosos, de saudade dos filhos e netos, tinham eleito Melissa a mascote do grupo (o que deixou Patrícia um pouco enciumada, na opinião de dona Lizabetta). Que graça aquela gente achava em pagar uma fortuna para ver um cineasta velho e feio, chamado Woody Alien, apitar músicas antigas numa clarineta, Melissa não entendia, assim como não entendia o gosto pelas estátuas de nariz quebrado e as pinturas borradas dos museus. Legal era fuçar nos nove andares da loja Warner Bros. para comprar um par de quedes com o desenho do Piupiu, e sair da loja Disney com um boné do Huguinho e uma caneca da Margarida, depois de deixar as impressões digitais em todos os artigos dispostos nos oito andares. Legal era comprar Calvin Klein, Guess, Gap, boné Polo by Ralph Lauren, asinha de anjo em loja de cacarecos, toneladas de maquiagem na Macy's, meias de tudo quanto é modelo, cor e tecido nas farmácias, cartões postais notebook mailstation palm top pocket PC pizza pretzel hot dog.

O professor Cafeteira entrou no salão de copidesque, arreado num blazer de grife. Fingiu procurar alguma coisa com os olhos, nas mesas, no chão, nas lixeiras, nos bustos das funcionárias. Vagar no salão sempre lhe fazia bem. Gostava do efeito que produzia naquelas fileiras de óculos, todas se voltando para ele como plantas de interior para a janela ensolarada. Às vezes jogava um sorriso de lado num daqueles vultos astigmáticos, tomando o cuidado de não acertar o único homem do grupo. Melhor não dar confiança para homens para não correr o risco de se meter com bichas.

As hélices dos ventiladores sopravam os papéis das copidesques e cozinhavam a sala em fogo alto. Cafeteira detectou uma funcionária nova: o único par de óculos fixo no manuscrito, uns trinta e cinco anos na beleza suficiente, no rosto limpo, nos peitos grandes. Maquiada, perfumada e de salto alto, poderia deixar outros homens com inveja dele, num restaurante caro. Funcionária nova é assim mesmo, não desprega os óculos do texto nem a bunda da cadeira. Fala pouco e baixinho, toma pouco café, faz pouco xixi, cocô nem tem coragem. Seu telefone não toca.

O telefone dela tocou.

– Tudo bem, me inteirando das coisas, aos pouquinhos.

Funcionária nova não tem idéia do lucro que o professor Cafeteira dá para aquela editora. São vinte anos de capa, um milhão de exemplares-ano, no calcanhar do primeiro colocado. Funcionária nova não tem culpa de usar óculos cegos ao fulgor de uma estrela da grandeza de um Sandoval Cafeteira.

– É para o senhor, professor Cafeteira – as duas placas captadoras de energia enfim se voltaram para o sol. – É o Douglas.

– Pois não, obrigado, hããã...

– Maritza.

– Muitíssimo obrigado, Mariza.

– Mari-t-za.

– Maritza.

Obrigado, muitíssimo obrigado. O que é que estava dando nele? Tinha agradecido demais e ficara derramando um hããã no bocal do telefone, esperando que uma copidesquezinha lhe dissesse seu nome. Precisava evitar situações estúpidas como aquela. Ainda que todos os óculos da sala já estivessem baixados sobre os textos, os ouvidos continuavam atentos ao farfalhar de suas calças de linho.

Douglas, o diretor editorial, perguntou se Cafeteira já tinha terminado de fazer o que tinha que fazer no salão de copidesque. Cafeteira nunca tinha nada para fazer no salão de copidesque. Douglas sabia disso, e Cafeteira sabia que Douglas sabia. Mas eles faziam parte de uma equipe e precisavam colaborar um com o outro. Estou quase no fim, mais dois minutinhos só, disse Cafeteira, e Douglas disse Depois dê um pulo aqui, por favor.

O autor ficou revirando cinco minutos numas revistas científicas velhas, que estavam em cima de um móvel, e desceu à sala do diretor, largando para as funcionárias o seu rastro luminoso de gelo.

O diretor separou as sobrancelhas para receber seu autor mais rentável. Aquele poço de boçalidade, rosnou por baixo da língua.

Construíra a marca Sandoval Cafeteira letra por letra, desde o momento em que o professorzinho ginasial de calças caídas e tênis retorcidos aparecera na pequena editora com um projeto de ciências rabiscado à mão. Douglas Barroso fazia de tudo, editava, copidescava, redigia, revisava, tirava xerox, pesquisava, fotografava, até desenhar ele desenhava. Os projetos novos pingavam com uma má vontade de pensão de aposentado. Douglas agarrou aquele alinhavo semiletrado de lições copiadas das coleções mais adotadas nas escolas e só conseguiu dormir

depois de transformá-lo em livro. Sem Douglas, o professor Sandoval Cafeteira não existiria, não existiriam os outros autores milionários, por assim dizer, de livros didáticos da editora Tornatore, não existiria a própria editora Tornatore. E quem era capaz de reconhecer isso, fora o próprio Douglas? Ninguém. Só ele tinha o conhecimento do processo editorial necessário para tanto. Ele, um assalariado que se matava catorze horas por dia para fabricar milionários.

A sala de Douglas ficava em um dos andares que tinham ar condicionado, onde sócio-majoritário, diretores e editores se conservavam frescos e saudáveis como maços de alface num refrigerador. Aquele conforto todo tinha sido obtido em cima da exploração dos autores, pensou o professor Cafeteira. Quantos funcionários tinha aquela empresa? Seiscentos? Oitocentos? Mil pessoas sustentando famílias, comprando casas, passando férias em Nova York, acumulando fundo de garantia, tudo às custas dos autores. E quanto ganhavam os autores? Não mais do que três por cento sobre o preço de capa! O professor sentou-se frente a frente com o diretor e olhou para ele como um fazendeiro para o seu gado.

Douglas marcou a hora: quatro. Tinha feito uma reunião de duas horas com a autora Liamara Minestrone para decidir se o nome da sua coleção seria Gramática com Alegria ou Gramática Com Alegria. Fazia parte de seu trabalho promover reuniões longas e arrastadas para que os autores se sentissem importantes. Ele sabia que podia resolver tudo em dez minutos, por telefone ou e-mail, e os autores também sabiam. E todos sabiam que todos sabiam. Mas havia aquele pacto entre os componentes da equipe. A reunião com o professor Cafeteira não deveria durar menos do que a reunião com a professora Liamara para que o professor não se sentisse menosprezado.

Douglas só precisaria dizer três frases: Cafeteira, a sua coleção desceu para o oitavo lugar em vendas. Precisa seguir as novas orientações do governo. Contratamos uma ghostwriter para reescrever tudo.

Mas a vida não é uma sinopse.

– Tudo bem, professor? O senhor está sumido, precisa aparecer mais, venha quando quiser, é sempre um prazer conversar com uma pessoa de cultura tão abrangente, fique à vontade, aceita um cafezinho? Judite, traz um café para o doutor Cafeteira. Com açúcar ou sem, professor? Com açúcar mascavo? Judite, açúcar mascavo para o doutor Cafeteira. Como não tem açúcar mascavo, cadê aquele açúcar mascavo que eu mandei comprar para pôr no cafezinho do professor Cafeteira? Como o boy não foi? Outras coisas agendadas, mas que outras coisas? O açúcar mascavo do doutor Cafeteira tem prioridade nesta casa. Chama o boy e manda ele comprar esse açúcar mascavo agora. Peraí, Judite. Como, professor Cafeteira? Pode ser adoçante dietético mesmo? Tudo bem, Judite, pode ser adoçante dietético desta vez, mas eu quero ver esse açúcar mascavo hoje sem falta aqui na minha mesa. Bom, professor, eu chamei o senhor aqui para dizer que, primeiro, nós estamos muito satisfeitos com o desempenho do A Magia da Ciência. Ele estava em segundo lugar, no calcanhar do líder. Este ano ele deu uma avançada, está praticamente pau-a-pau com o líder. Só que o líder foi para o sétimo lugar, este ano. Quero dizer que o seu livro, professor, está em oitavo lugar, quero dizer, está entre os dez mais, o que é uma posição privilegiada.

Sandoval Cafeteira tirou o blazer. As mãos e o nariz queimaram. Oitavo lugar! Um autor se esfalfa para atingir a vice-liderança, e o que é que a editora faz por ele, além de lhe pagar uma ninharia em direitos? Arrasta-o para o oitavo lugar, com um péssimo

trabalho de marketing, divulgação e distribuição. Talvez ele devesse oferecer sua coleção a uma empresa concorrente.

Douglas sabia o que Cafeteira estava pensando. Uma só edição de A Magia da Ciência, mesmo em oitavo lugar, já pagava todos os diretores durante um ano, inclusos os prêmios por produtividade de seis ordenados. Perder Cafeteira e perder o emprego eram uma coisa só. O diretor pingou adoçante no cafezinho do professor.

– Oitavo lugar, professor, o senhor deve estar pensando, oitavo lugar é uma merda. Mas não é, não. O senhor veja que o ministro da economia vive se gabando de que o Brasil é o oitavo PIB do mundo. Sabe lá o que é ser o oitavo PIB? O senhor, que é uma pessoa culta, pode fazer idéia do que seja ser o oitavo PIB. Não é o nono, que é o penúltimo lugar na lista dos dez mais, muito menos o décimo, que quase fica fora da lista, mas é muito melhor do que isso, é o oitavo, e oitavo para um país do terceiro mundo, como o nosso, é muita coisa. Agora veja o senhor que o Brasil é o oitavo mercado de livros do mundo, e isso também é uma grande vantagem, porque somos uma nação que não lê, temos vinte milhões de analfabetos com mais de quinze anos, criamos milhões de crianças que não podem ir para a escola porque precisam trabalhar para não morrer de fome, e o senhor tem que concordar comigo que tirar o oitavo lugar em venda de livro num país assim é a mesma coisa que tirar o primeiro lugar, não tem diferença nenhuma. E sabe por que é que o Brasil é o oitavo mercado de livro? Porque vende muito livro didático. Dois terços dos livros vendidos no Brasil, professor, são didáticos, sabe lá o que é isso? Mas eu não chamei o senhor aqui só para cumprimentá-lo por estar entre os dez autores mais vendidos. Chamei também para a gente discutir um pouco a política educacional do governo. Eu queria ver se o senhor concorda comigo. Eu acho esse ministro da educação um demagogo, um populista. Ele fica querendo mostrar serviço, não

quer mexer com a curriola dele, que é onde ele deveria mexer, e resolveu mexer nos livros didáticos. Taí o professorado ganhando uma miséria, tendo que vender taperuére pra dar de comer aos filhos, taí o problema do tráfico de crack nas salas de aula, das depredações das escolas, do desvio de verbas da educação para contas fantasmas no exterior, da merenda escolar apodrecendo, taí toda essa merda, e o ministro resolve criar caso com o livro didático. Inventou essa coisa autoritária de PCB, Parâmetros Curriculares Brasileiros, um monte de regra politicamente correta que um livro didático tem que seguir para ganhar a recomendação do ministério da educação. Qual é a conseqüência disso? A conseqüência é a seguinte: a coleção que não ganhar a recomendação do ministério os professores vão parar de adotar, porque esses professores são todos uns bundões, umas marias-vai-com-as-outras... não o senhor, bem entendido, não os autores de livros didáticos, esses são outro nível. Mas os professorzinhos da rede pública, que são nossos grandes clientes, vou te contar, se o governo disser Peida, esses professorzinhos vão lá e peidam. Nisso todo mundo do ramo entrou bem, todas as editoras de livros didáticos do Brasil estão nesse corre-corre para adaptar suas coleções aos tais dos Parâmetros Curriculares politicamente corretos do governo. E esses PCB são uma complicação, um monte de jargão em pedagogês, uma burocracia, então eu quero preservar meus autores. Autor meu não tem culpa se o ministério quer mostrar serviço. O autor meu é o autor criativo, não o burocrata. Autor meu não vai sujar a mão com veadagem de ministro. Então eu estou contratando uma profissional para adaptar seu livro de ciências às porras daqueles PCB.

O professor Cafeteira bateu o fundo da xícara no pires, sacudiu o pé, suspirou. Douglas leu aqueles sinais: quem manda no meu livro sou eu.

– Claro que a essência da sua obra vai permanecer intacta. A moça não vai mexer nisso, porque disso ela não entende, não tem a formação que o senhor tem, não tem a sua criatividade, não tem o cacife de um campeão de vendas, e nem precisa, na verdade nem deve. Ela só vai fazer o copidesque, quer dizer, a redação, o senhor sabe melhor do que eu o que é um copidesque, eu não preciso explicar. E nisso de fazer a redação, ela vai aproveitar e dar uma maquiadinha no seu trabalho para ele ficar bem com o governo. O senhor só vai precisar se preocupar com uma coisa, e me perdoe se eu estiver abusando da sua generosidade, o senhor só vai se preocupar em dar uma lidinha no material copidescado para aprová-lo, vai corrigir algum errinho que por acaso tenha escapado, pôr uma vírgula aqui, tirar outra dali, essas coisas. Até porque, a essas alturas, o material vai ter passado pela avaliação, quer dizer, avaliação não, o seu material está acima de qualquer avaliação, mas o material vai ter passado pela apreciação – esta é a palavra adequada ao seu caso – apreciação de sete pareceristas, o que significa que a coleção vai estar com uma qualidade tamanha que, puxa vida, vai ficar exatamente como o senhor tinha sonhado quando fez o projeto, dezoito anos atrás.

O professor Cafeteira fixou os olhos na unha do dedão para se concentrar. Por algum motivo inexplicável, o diretor falava com ele como se estivesse conversando com um retardado. Aquela história de oitavo lugar ser bom, qualquer um sabe que do terceiro lugar para baixo ninguém considera. E a lista dos dez mais, na opinião do professor Cafeteira, era uma invenção para consolar fracassados. Ah, mas ao contrário do que achava o Douglas, o professor sabia muito bem o que estava fazendo! Se havia um problema com sua obra era que ela estava passando por uma pequena crise circunstancial, provocada pelos caprichos de um

ministro e pela incompetência da editora Tornatore. Sandoval Cafeteira tinha condições de se inteirar dos tais Parâmetros Curriculares Brasileiros e reformular sozinho sua coleção, sim! Era o que ele iria fazer. Iria dizer para o diretor enfiar a copidesque e os sete pareceristas no cu.

– Veja bem, Douglas, a nível de... – começou. Mas foi interrompido pelo telefone.

O diretor atendeu. Era a filha Melissa, de Nova York, pedindo autorização para gastar mais dinheiro.

O professor aproveitou e cutucou a cutícula para pensar mais um pouco. Estava claro que o problema não era ele. Ele não tinha nada que consertar cagada dos outros. Por que é que ele teria que reescrever uma obra consagrada, trabalhar dobrado? Por acaso receberia em dobro? Nada disso, não receberia um tostão a mais. Pois editora e ministério que se entendessem. O professor não iria mexer uma palha. Era isso o que o professor tinha que fazer: nada. Ele já fazia muito pelos outros, os outros que fizessem um pouco por ele.

Douglas desligou o telefone:

– O senhor ia dizendo, professor?

Cafeteira só precisava falar Ok, estarei esperando pelo original copidescado, obrigado e tchau. Mas a reunião tinha que durar pelo menos mais uma hora.

– Eu ia perguntar se você viu o jogo ontem.

Douglas contribuiu para preencher o tempo que faltava, discutindo futebol e comentando as qualidades de Maritza, a moça que iria trabalhar para Cafeteira: tinha bastante experiência na área e umas tetas bem grandes.

No estacionamento, o manobrista entregou ao professor seu carro importado do ano.

– Falou, Felício, obrigado aí, tudo de bom – os dedos do professor estapearam o ombro subalterno.

Profissão boa para pobre, essa de manobrista, pensou Cafeteira. O sujeito fica o dia todo no mole, olhando a mulherada chegar e ir embora, e tendo a oportunidade de guiar carro em que só poria as mãos assaltando. É sempre bom para uma empresa manter um time de manobristas fardados. Ao tomarem conta dos carros, passam uma boa imagem da casa, transmitem confiança e responsabilidade. A presença de manobristas na folha de pagamento significa que os negócios vão bem. E vamos supor que os negócios não estejam indo bem, o salário dos manobristas é tão baixo que não desequilibra as contas. O empresário brasileiro que emprega manobristas contribui para o bem-estar social, protegendo cidadãos capazes e honestos do desemprego decorrente de uma economia em acelerado processo de automatização e globalização.

O espaldar do assento fedia a desodorante de farmácia. Um estranho tinha entrado naquela Ferrari, berrava o perfume de pinho. O manobrista. Se a gente fosse fundo na análise da situação da editora Tornatore, pensou o professor Cafeteira, chegaria à conclusão de que ela na verdade não precisava de manobristas. Primeiro porque tirar o próprio carro do estacionamento não derruba o braço de ninguém. Depois porque era um absurdo que uma empresa em fase de contenção de despesas, num país de economia em recessão e em processo de globalização, mantivesse manobristas em sua folha de pagamento. Vamos supor que o Felício fosse demitido, por exemplo. Ele teria que se virar e abrir um negocinho próprio. Seria melhor para ele, teria a oportunidade de progredir, sair dessa vida parasita de manobrista. Manobrista não é profissão que se apresente. O professor Cafeteira daria a idéia do corte de manobristas ao sócio-majoritário da editora, uma hora daquelas.

Maritza foi tomar um cafezinho. Da velha garrafa térmica de tampa espanada saiu o café funcionário, o café morno e azedo das oito às seis. Engoliu-o de uma vez. Sentiu o gosto da quase-morte, do coquetel de barbitúrico. Enfiou um chiclete na boca e mastigou a vida. Depois de dez anos como free-lance sem direito a férias, décimo-terceiro, décimo-quarto, convênio médico e assistência odontológica, tinha conseguido um emprego fixo com todas essas mordomias. Seu crachá de copidesque nível III justificava-lhe o salário baixo e escondia sua verdadeira função. O sol tinha que brilhar. Ela escreveria na sombra, outra vez.

Maritza Santacatarina preferia escrever ficção. Tinha cinco gavetas cheias de contos e romances próprios, todos inéditos, rejeitados por editoras do país inteiro. De certo modo, orgulhava-se das rejeições. Elas confirmavam que seu trabalho era bom demais para ser assimilado. Atestavam que era vítima da estupidez dos intelectuais brasileiros. Dois sentimentos nutriam-lhe a vida solteira: o desejo de ser uma escritora de prestígio e a auto-piedade. Antes de dormir, a poder de muito Lexotan, encontrava conforto em ruminar seu suicídio e a degradação de sua ambição literária na penumbra do anonimato.

Sua mesa ficava num canto com vista para Mateus, um saco de mau colesterol amarrado por um cinto. Mateus chegava meia hora mais cedo para fugir do rush e ler a bíblia. A bíblia era mais do que o modelo para a vida na terra e a garantia da vida no céu, achava ele. Era o livro mais copidescado do mundo. Por isso tinha a importância que tinha. Através da bíblia, Deus demonstrava que o trabalho de copidesque era a espinha dorsal de todo o processo editorial. Os autores podiam saber dar a aula, dizia Mateus, os dedos-balões erguendo o copinho de café. Mas não sabiam escrever os livros. A grande maioria não sabia nem escrever, ponto final. Os editores, estes eram muito bons para

puxar o saco dos autores nas reuniões e ler jornais. Mas quem dava vida aos projetos, assim como Deus dera vida ao barro, eram os copidesques. E como eram injustiçados! Sempre culpados pelos erros, nunca elogiados pelos acertos. Quando eles fechavam uma obra, quem é que recebia os cumprimentos da diretoria? Os editores. Quem é que ganhava prêmios anuais de três salários? Os editores! No juízo final, Deus separaria os copidesques de um lado e os editores do outro, mandando estes últimos para o inferno.

Mateus dormia em serviço, dormia muito, os quadris transbordando a cadeira, os beiços derrubados no texto, os óculos escorregando no nariz gorduroso. Mas era eficiente. Copidescava um original em metade do tempo necessário aos colegas. Depois pedia um xerox do material ao boy e dormia.

O boy entregava o original copidescado às revisoras. Aos cochichos, elas comentavam que, sem o trabalho delas, que era corrigir uma quantidade inconcebível de erros de toda natureza, a empresa iria à falência. Era uma injustiça elas ganharem tão mal, para praticamente refazerem todo o trabalho dos copidesques. E pelo amor de Deus, editar do jeito que aqueles editores editavam, até elas editavam, e escrever aqueles livros, qualquer uma ali escrevia, se tivesse saco.

O boy comentava com os outros boys: nós é que carregamos esta empresa nas costas. Ninguém mais faz porra nenhuma. As revisoras ficam fofocando, os copidesques dormindo, os editores lendo jornal e os diretores discutindo futebol com os autores, que não sabem nem enumerar as páginas dos seus originais. Os donos? Esses não têm competência para tocar a empresa, ou porque não conseguem enxergar a situação ou porque enxergam e não têm peito para demitir esse bando de vagabundos.

Permanece sem solução o caso da copidesque encontrada em estado de coma, há quatro dias, em seu apartamento. O corpo estava enrolado em um poema intitulado Rockordel, impresso em formulário contínuo. Maritza Santacatarina foi transferida hoje cedo da uteí do Hospital Hipócrates para um quarto de um hospital público de São Paulo. A direção do hospital não quis confirmar as suspeitas de ingestão de uma overdose de drogas e vedou a entrada aos jornalistas. A polícia mantém suas descobertas em sigilo e diz que elas darão um novo rumo às investigações. O repórter Arduíno Rademacker tem mais informações. Arduíno.

Integrantes da organização católica de extrema direita Purgatório Agora estão fazendo a queima simbólica do poema Rockordel, aqui na frente do prédio onde vive o professor Sandoval Cafeteira. Pouquíssimas pessoas tiveram acesso a trechos do poema, que está em poder da polícia. Mas os manifestantes afirmam que o poema blasfema contra a sua religião e exigem que seu autor, que eles acreditam ser Sandoval Cafeteira, se confesse ao padre, e em seguida peça perdão a Deus em público, sob pena de arder para sempre no fogo do inferno. O professor Sandoval Cafeteira está sendo acusado de negligência por ter publicado um livro didático com instruções para fazer experiências com material explosivo. As experiências provocaram ferimentos em quatro estudantes. O advogado de Cafeteira negou que o professor tenha escrito o livro e o poema. Arduíno Rademacker para o Jornal Nobre.

Mateus cheirou a comida e fez o em nome do pai:

– Dessa a gente escapou, Deus seja louvado.

Maritza espetou o ar com o garfo:

– Deus sempre deixa a corda arrebentar pelo lado mais fraco.

Pronto, ia começar o seu calvário do dia, pensou Mateus. Maritza, aquela herege, agora culpava Deus pela demissão em massa de funcionários de baixa renda da Tornatore.

– Deus não tem nada a ver com isso, Maritza. Faz anos que a direção diz que a empresa está passando por dificuldades, que tem que apertar cinto, controlar despesa, isso e aquilo. Cê não soube da palhaçada da diretoria de finanças?

Claro que Maritza soube, foi um pouco antes de ela entrar na Tornatore. Os empregados estavam reivindicando o reajuste dos seus salários superdefasados. A primeira resposta veio da diretoria de finanças: uma circular oferecendo brindes a qualquer um da empresa que desse as melhores sugestões de corte de gastos. A segunda resposta vinha agora, com a "demissão em massa", como dizia o sindicato, de office boys, faxineiros, manobristas, ascensoristas, telefonistas, digitadoras, funcionários da manutenção. Deflagrou-se o terror da boataria. Todo mundo estava com medo de receber a terceira resposta, a própria demissão.

Na entrada do prédio, sindicalistas distribuíam exemplares do jornal O Manuscrito noticiando o faturamento record das editoras de livros didáticos.

A alta rentabilidade do mercado brasileiro de livros didáticos atraíra a atenção de investidores americanos, e a editora Tornatore estava recebendo a visita de dois representantes de um grupo multinacional. Esganados nas gravatas, gotejando calor, os executivos foram guiados através dos labirintos de tapadeiras a todos os setores da empresa por um sócio-majoritário estufado de boa vontade. Destino final, o restaurante vip, depois de um desvio protocolar pelo refeitório dos empregados.

O departamento de recursos humanos considerou a visita um evento tão importante quanto a páscoa e o natal, e mobilizou a sua equipe de artistas para decorar o refeitório dos empregados

em homenagem à grande nação do norte. Em tempos nos quais um parto ou um cadáver em decomposição são vistos como criações artísticas, há que se atentar à arte que então se expressou sobre os azulejos daquelas paredes, em cartolina, guache, celofane e algodão. Fotos de artistas de Hollywood e ídolos de rock, recortadas de revistas, sobrepuseram-se a caubóis, computadores e a Estátua da Liberdade garatujados em papel almaço e coloridos com hidrográficas fosforescentes; bandeiras americanas e brasileiras, bordadas de lantejoulas, alternaram-se com desenhos de hambúrgueres, bananas e hot dogs contornados com purpurina; sobre as mesas estreitas, Pelés de feltro marrom e Bill Gates de algodão, colados em cartolina, se equilibraram entre os bandejões, nem sempre conseguindo evitar um mergulho no feijão ou na sopa. Do teto pendiam serpentinas nas cores das bandeiras dos dois países. No ambiente cheio e abafado, a decoração gritava e apertava ainda mais as pessoas umas contra as outras. Fosse ela ou não o motivo pelo qual, naquele dia, o arroz-com-feijão derrapasse no esôfago, o bife se contorcesse, a sobremesa engasgasse, o fato é que, acabado o almoço, quase todos os olhos sentiam necessidade de repousar na cafonice bege das florzinhas que empalideciam os azulejos nos dias normais, quando a celebração do dia das mães, da chegada da primavera, do dia da criança e das eleições ainda era apenas um brainstorm dos artistas do departamento de recursos humanos.

– Parece decoração de creche de periferia – Maritza mordeu.

Mateus abocanhou a ponta esbranquiçada da sua fatia de melancia. Sempre tão crítica aquela Maritza. Uma chata de pai e mãe, que Deus o perdoasse, mas o próprio nome já mostrava, com aquele t no meio do Mariza – o que é que aquela mulher tinha de especial para merecer uma letra a mais do que as outras Marizas? – e aquele sobrenome, Santacatarina tudo junto, para ser diferente

do tradicional. Ela não tinha idéia do que fosse humildade, tolerância, amor ao próximo. Mateus percebeu a boa bisca que ela era logo que ela chegou na Tornatore. Maritza conversava no telefone com o diretor como se fosse íntima, e saudava os autores com ôi em vez de bom dia, e nunca convidava ninguém do salão de copidesque para tomar cafezinho. Toda vez que Mateus lia a bíblia, ela ficava espiando com ar de deboche. E a cara que ela fazia quando ele bocejava um pouquinho! Pois ela pensava que era a única pessoa com bom-gosto para achar a decoração do refeitório feia? Todo mundo achava aquilo feio, e nem por isso ficava piorando a situação, comentando como aquilo era feio. Por acaso o comentário iria deixar aqueles desenhos mais parecidos com as coisas de verdade, ou aquela combinação de cores mais harmoniosa? Não, o comentário só deixava a gente ainda mais irritado, mais pecador. Talvez a entrada de Maritza na Tornatore tivesse um significado que Mateus ainda não compreendera. Aquela mala-sem-alça podia ser um veículo para algum comunicado de Deus aos homens e mulheres deste mundo.

Sobre as bandejas de sobremesa, as pontas das fatias de melancia recortavam abstratos no cenário.

– Mateus, me explica uma coisa. Se Deus existe, por que é que permite que o miolo da melancia seja servido só no restaurante vip e as pontas fiquem para nós?

As bochechas de Mateus se inflaram e murcharam devagar com os gases meditabundos de um arroto.

– Se Deus existisse, das duas uma – Maritza continuou. – Ou repartia os miolos de melancia entre todas as pessoas de bem, ou fazia as pontas das melancias gostosas que nem o miolo.

Mateus gastava muita energia na luta contra a fome, faltava-lhe a força para contra-argumentar. Nunca ninguém da Tornatore tinha implicado com Deus na frente dele. Muito pelo contrário.

Na editora trabalhavam outros devotos ao Senhor e à propagação da Sua palavra, crentes, católicos, espíritas, e principalmente aqueles católicos que freqüentam sessão espírita, de vez em quando pisam num terreiro, visitam a cartomante. Alguns até aproveitavam o almoço para sentar perto de um colega recém-admitido e tentar transmitir-lhe os ensinamentos da bíblia. Mas no caso do Mateus com a Maritza estava havendo uma inversão, ela é que pregava, e pregava o ateísmo. E não só na hora do almoço. Era na hora de abrir o contra-cheque, que o pessoal chamava de Cebolão (Se Deus existe, Mateus, das duas uma, ou é injusto, ou nunca comparou a empresa brasileira com a sueca, porque lá na Suécia o peão ganha só um pouquinho menos do que o diretor), era subindo a escada (Só porque Deus voa, Mateus, esquece que o pobre não tem asa, e obriga a gente a ir a pé até o primeiro andar pra pegar o elevador, que pára no térreo só para os altos funcionários), era na hora de pegar uma carona (Deus não tem contador, se tivesse saberia do rombo no orçamento familiar dos subalternos que precisam pagar estacionamento pra poderem trabalhar, porque só os altos funcionários da Tornatore têm autorização para deixar os carros na frente do prédio sem pagar nada), era na hora do atropelo para bater o cartão e ir embora, que o pessoal chamava de Guerra dos Sovacos (Se Deus te ama, por que te massacra na frente do relógio de ponto, enquanto dos editores para cima ninguém precisa bater cartão na Tornatore?), era quando eles cruzavam com o sócio-majoritário perto da recepção (Se Deus é o criador de todas as coisas, então também criou o charuto fedorento que o sócio-majoritário acende nas dependências da Tornatore, onde é proibido fumar). Aquela Maritza era o cão. Talvez sua obsessão em desafiar as convicções de Mateus fosse um chamado de Deus. O copidesque devia estar sendo convocado para mostrar a luz àquela alma inquieta.

– Deus criou um mundo perfeito, com todas as condições para a humanidade ser feliz – Mateus reagiu. – Mas ela preferiu viver em pecado, e agora paga pelo seu erro.

Uma copeira de touca branca e uniforme engomado atravessou o refeitório, da cozinha para o restaurante vip, carregando duas jarras de cristal com coca-cola.

– Você me convenceu, Mateus – Maritza encostou o guardanapo de papel no lábio. – Deus não só existe como é sócio da Tornatore e brega. Você não tem vergonha de amar um deus que acha chique servir coca-cola em jarra de cristal?

Puta que pariu, e Deus, na sua infinita bondade, lhe perdoava os palavrões, mas Mateus não se sentia suficientemente iluminado para aceitar o desafio personificado naquela pentelha. E o pior é que ela havia sido escalada para almoçar no mesmo horário que ele. Mateus achou melhor conversar com a colega ao lado, uma sindicalista, outra reclamona, mas que pelo menos ele já tinha encontrado numa missa, a de sétimo dia para um funcionário da gráfica que morrera de infecção generalizada depois de uma operação de apendicite num hospital conveniado com a empresa. Outro inflar de bochechas com gases digestivos inspirou-lhe o discurso adequado, e o beiço vermelho de molho de tomate tremulou sobre o espaguete servido com concha:

– Os americanos não vão querer pôr dinheiro numa empresa arcaica, escravista que nem esta. Pega mal para a democracia deles.

– Os americanos querem é dinheiro, vão continuar demitindo em massa – bradou a sindicalista, a voz se impondo ao berreiro do refeitório e à pancadaria da cozinha.

– Ao contrário. Os empresários americanos precisam de consumidores. Aposto que vão modernizar a editora, diminuir o salário dos grandes, que são poucos, pra poder subir o dos

pequenos, que são a esmagadora maioria – esganiçou outra, os poros chorando copiosamente pela misericórdia de um aparelho de ar condicionado.

– Só sei que do jeito que está não vai ficar – garantiu um quarto par de óculos, medindo o crescimento da fila para o bandejão.

Do outro lado do corredor, o restaurante vip cegava no branco da louça, dos azulejos, das toalhas, dos uniformes das copeiras, dos sorrisos dos sócios. Gravatas Hermès e Armani despencavam de todos os pescoços masculinos. De dentro da caixa de som, João Gilberto cochichava sua musiquinha tímida. Entre bocadas de feijoada, macarroneava-se um portunhol castiço. O sócio-majoritário queimava todas as calorias obtidas naquela refeição, gesticulando para os americanos as receitas dos pratos servidos. Uma tradutora contratada especialmente para a ocasião empregava a língua na tarefa de colher couve dos dentes. A ordem era manter o condicionador de ar ajustado ao muito frio, inundar o ambiente de cordialidade e falar de tudo, menos negócios e nomes feios.

Douglas sondou os colegas. Os colegas sondavam os gringos. Levaria meses para que os americanos dessem uma posição à Tornatore, mas os diretores estavam otimistas e já se armavam para pedir verba aos donos. Cada um calculava o investimento necessário para otimizar a estrutura do seu departamento, exigindo o máximo dos subalternos e o mínimo do cacique, e multiplicava o montante por três, na esperança de conseguir pelo menos metade. Essa era a cisma que Douglas mastigava com o paio e a carne seca.

Mas ele tinha outra. Aqueles executivos grandes e desengonçados, de vastos estômagos, olhos cinzentos e cabeças loiras, treinados a injetar milhões de dólares em mercados estranhos,

e que naquele momento se refestelavam com o terceiro prato de feijoada, Douglas os inseria na lista secreta e variada dos possíveis candidatos a marido de sua filha Melissa.

– Maluco, só você mesmo, a Mel nem namorar namora, eu te proíbo, que palhaçada – respirava a mulher e cuspia a língua do Douglas e rolava a cabeça no travesseiro para fugir-lhe às mordidas, à lixa. – Vá fazer a barba.

– Quando eu começo eu vou até o fim, eu pus essa menina no mundo, vou garantir o melhor para ela – Douglas fungava, o que a mulher dizia entrava por um ouvido e saía pelo outro, a língua dele entrava e saía.

– Tira a língua da minha orelha, dá aflição.

– Ser pai é um negócio para sempre, eu comecei, eu vou até o fim – Douglas avançava por cima, de lado, por trás, pelo pé, chupava um artelho da mulher, que caía na gargalhada.

– Ra ra ra, não dá mais, agora chega, você me fez rir, perdi o tesão.

Um pai não afrouxa, vai até o fim. Douglas não tinha criado uma filha para entregá-la de mão beijada a qualquer universitariozinho de cabelos rançosos. Dera vida a Melissa, dera saúde, educação.

– Dou o marido.

– Não diz besteira, no seu tempo você fez a sua escolha, agora deixe a menina fazer a dela, tira o dedo daí, assim não, você sabe que assim eu não gosto.

Douglas acomodava o pai de Melissa dentro da mãe, um pai não se afrouxa, pode tudo. Só não pode contra o tempo, esse doutor frankenstein que se acha no direito de manipular uma filha nenezinha transparente babona banguela ranhenta e lhe estufar peitos, rechear-lhe ancas, recortar-lhe cintura, aquecer-lhe o ventre, perfumar-lhe o hálito, aveludar-lhe o sexo, adoçar-lhe os

lábios com mel... Mel... Melissa, ahh, ahh, ahh, Douglas terminava, virava para o lado, dormia, roncava: ia até o fim.

O guardanapo de linho estendido sobre os joelhos, a gravata Hermès polvilhada de farinha de mandioca. Douglas calculava quantas Melissas caberiam no colo de um daqueles americanos de esqueleto feito de fêmures. Tão delicada, a Melissa, um botão de flor de canteirinho de estufa, inclinado na ponta de uma haste sem espinho. Mas corajosa, um mandacaru. Aos três aninhos, já sabia atravessar a rua sozinha. No primeiro dia de aula, nem chorou. Sozinha, foi três vezes a Orlando – de excursão, mas sem parente nem professora nem amiga. Agora, nas ruas de Nova York, a hastezinha devia estar se curvando até o chão, sem se quebrar, dobrada pelo vento que lhe arrancava os cabelos finos. Se a questão era coragem, Douglas tinha vergonha e obrigação de admitir, Melissa não saíra a ninguém da família. Já a futilidade, a preguiça de ler e a falta de curiosidade científica a menina tinha herdado da mãe. A que infernos a combinação de futilidade e coragem poderia levar uma mocinha bonita, Douglas não parava de imaginar.

– Paranóia, Douglas, você já disse essas coisas pra terapeuta? terminou mesmo? então vou me lavar.

O nó da gravata Hermès oscilava com a mastigação. Gostava dos Estados Unidos, o botãozinho de flor, poderia gostar de um marido americano, de morar num país civilizado. Melissa se espreguiça de manhã, aponta o bico do peito para o grande maxilar quadrado. A hastezinha sobe no tronco da sequóia, pétala rasgada, ahh, Melissa.

Horrível aquele chocolate em pó de dissolver em água fervente. Melissa tomou dois copos, uma porque ela nunca tinha visto aquilo no Brasil e outra para fazer hora no café do museu, até os

idosos se cansarem de calcar os calos em volta das tranqueiras. Ela preferia ter ido de novo olhar as vitrines da Avenida Madison, mas sem dinheiro? Seu pai estava cada vez mais pão-duro e mais chato, Vá nos museus aprender alguma coisa, filha, vá se instruir. E até que o passeio no Metropolitan não estava tão ruim. Pelo contrário, ficar lá sugando o chocolate aguado e horrível era bem legal. Melissa levantava da cadeira toda hora, para pegar uma coisa de cada vez, guardanapo colher embalagenzinhas de mel manteiga creme açúcar adoçante dietético geléia de morango de framboesa de amora de uva, porque estava sendo admirada por um gato de cabelos pretos, sentado sozinho a uma mesa encostada na parede. Não olhou direto para ele, só de lado, e rápido, quando se levantou pela sexta vez. Daí derrubou os olhos no chão.

Com os meninos da sua idade, tinha um jeito diferente de flertar, olho no olho, dobrando o braço à frente do rosto para empurrar a cabeleira lisa por cima da cabeça, desde a orelha direita até a esquerda, e soltá-la num descabelamento programado. (Esse gesto todas as paulistas da geração de Melissa faziam centenas de vezes ao dia, melhor efeito obtendo a que tivesse a cabeleira mais farta e mais escorregadiça, e que conseguisse, por um milagre do santo padroeiro das adolescentes, descabelar-se da maneira mais espontânea). Mas do gato ali no café do Metropolitan Melissa tinha medo. Os olhos dele eram dois ursos. Era um pouco velho, não devia ter menos que trinta anos. Tinha a experiência carimbada nas olheiras. Por baixo das sobrancelhas pretas, olhava escuro, fundo, enxergava dentro, via o coração de Melissa pular. Assustava os segredinhos da menina com o vulto das íris, cutucava-os com pupilas pontiagudas. Melissa tremeu. Nunca, mas nunca, em toda sua vida, tinha ficado tão apaixonada.

Sua décima-primeira levantada foi a última. Nos poucos segundos em que ela se virou de costas para pegar uma coisa qualquer (e balançar a crina sobre as costelas) o gato de cabelos pretos desapareceu. Melissa passou uns olhos rápidos pelas mesas próximas à parede, o bico apontado para baixo, o rosto escondido pelos cabelos, uma vontade de chorar ardendo nariz adentro. Era nisso que dava ser boba, bastava ficar apaixonada para começar a dar tudo errado na vida da gente. Agora ela estava louca por um estrangeiro, um homem mais velho, provavelmente casado, que não se importava a mínima com ela. O pai dela, se paquerasse uma menina – coisa que ele não faria – nunca seria capaz de uma desfeita como aquela, sumir de repente, mal a menina lhe virasse as costas para pegar uma colherinha de plástico. Ele iria esperar que ela fosse embora primeiro.

– Você perdeu a pulseira.

Susto. Os dois ursos estavam do lado dela e tinham cheiro de cigarro, Meu nome é Alessandro, esta pulseira é sua.

As mãos de Melissa gelaram. O gato dos cabelos pretos agora tinha um nome lindo, que combinava com o dela, Alessandro e Melissa, e era brasileiro. As olheiras criaram um cantinho na sombra só para eles dois. Todo o resto do Metropolitan ficou imerso numa luz insuportável. Por que é que Alessandro estava mostrando aqueles pedaços de metal dourado na palma da mão, e um parafusinho? Melissa paralisada. Só o braço de seda se mexeu, o gesto automático de passar pela frente do rosto, empurrar os cabelos por cima da cabeça, de orelha a orelha, soltá-los numa graça desgrenhada.

– Estica o braço.

A menina degelou com o toque no pulso magro, os dedos grandes de Alessandro parafusando sua falsa Cartier. A voz dela saiu num guincho desastrado:

– Ah, minha pulseira tinha caído, por isso que eu tava sentindo um ventinho no pulso.

Às vezes, nem os homens encantados que as adolescentes amam conseguem fazer direito certas coisas, e o anjo moreno não evitou que a pulseira caísse de novo no chão.

– Está com defeito – a voz dele vinha de todos os lados, ou eram umas televisões ligadas no museu? – Dependendo da loja, eles trocam a pulseira pra você. Onde comprou?

– De uma brasileira no Village – a garganta de Melissa respondeu por ela.

– A Gaúcha. Só vende porcaria. Devolva a pulseira que ela te devolve o dinheiro. Como é o seu nome?

– Melissa, Alessandro.

Dona Lizabetta viu de longe a Melissa de braço esticado para um desconhecido moreno. O instinto de avó ferroou-lhe as pernas e inflou-lhe os pulmões, e em pouco tempo ela liderava o trote do grupo até a menina. Todos arrulharam em volta da mascote, olhos espertos como girinos, pescoços alertas, o que foi, o que não foi, Que rapaz observador, perceber de longe uma pulseira tão pequenininha caindo, Que moço esperto, conseguir achar um parafusinho daquele tamanhinho, Melissa precisa tomar mais cuidado, Cadê sua bolsa? Abra o olho, menina.

O guia surgiu esbaforido e convocou o grupo a tirar fotografias no Lincoln Center. Eu não vou, Melissa ia dizendo, mas engoliu a voz. Alessandro não estava mais ali.

– O que é que tu quer? Estou de saída.

– Pode sair. Eu espero você voltar.

A Gaúcha olhou o homem se escarrapachar no sofá sapecado de brasa de cigarro:

– Está de folga? Ou não conseguiu apanhar nenhuma turista solitária no museu?

– Me prepara um on the rocks.

A Gaúcha serviu um pouco de uísque e má vontade:

– Não tem gelo.

Ele chupou um gole e estalou a língua:

– Tesão. É falsificado do bom.

– Falsificado é o ovo do teu pai – a mulher arrancou o copo da mão dele e despejou a bebida na pia. – Tu devia era estar no Paraguai, não em Nova York. Tu é metido a entender de tudo e não entende porra nenhuma, pode tomar querosene com mijo que vai pensar que é uísque. Se veio aqui só para chamar o meu uísque de falsificado, já chamou, agora se manda.

O homem pulou do sofá e empurrou a mulher, TlimTilitlim, ela bateu o cotovelo na cristaleira, ouviu o espelho cair em cacos, por pouco não quebra as garrafas. Ele puxou uma mochila do armário e cavoucou dentro.

– Eu jurava que você não ia aparecer mais, desgraçado.

De dentro da mochila saltaram relógios Rolex e pulseiras Cartier.

Não havia lugar para incompetentes no mercado novaiorquino de produtos falsificados. Alessandro não estava no ramo por acaso, sabia o que fazia. Era um especialista em detectar a falsificação de uma falsificação. Por isso o coreano confiava nele. Ergueu uma Cartier nos dedos cobertos de pêlos pretos:

– Você prometeu que não ia vender mais. Quanto cobrou da menina?

– Que menina? Não cobrei nada de menina nenhuma, você está confundindo tudo, não entende nada de nada.

Taf, a Gaúcha sentiu a face queimar, o pescoço destroncar, a boca se encher de cabelos:

– Cobrei novecentos, nem um centavo a menos. Pra não concorrer com o coreano.

Alessandro atirou-a contra a parede com uma joelhada na cicatriz da cesariana. Enfiou a mercadoria na mochila:

– Só tem isso?

– Só.

Ele vasculhou as gavetas, debaixo do colchão, o cesto de roupa suja, a geladeira, o forno. No guarda-roupa só encontrou os cobertores com o cheiro que a Gaúcha tinha na cama e a bolsa cheirando a Gaúcha da rua. Pegou o celular de dentro da bolsa e meteu-o na mochila. Agachada perto do rodapé, os olhos feito dois focinhos úmidos no rastro de Alessandro, a Gaúcha lambia um fio de sangue no canto da boca. Alessandro ergueu-a pelos cabelos.

– Em que hotel a menina está?

– E eu lá sei? Ela que me ligou.

Taf!

– Foi o guia da excursão que deu o meu contato para ela. Quê que você quer com essa menina?

– Ela está hospedada no Big Banana?

A Gaúcha bufou. Alessandro fechou a mão, fez a moça farejar o punho coberto de pelúcia preta e ergueu-o. O punho tremeu no ar. Alessandro riu, sapecou um piparote no cocuruto da Gaúcha e saiu à francesa, levando a mochila cheia. Não falou para onde ia nem quando ia voltar. E, pior, não trepou.

A Gaúcha olhou os cacos do rosto no espelho quebrado da cristaleira. Não podia deixar um homem tratá-la daquela forma. Ela era um ser humano, não uma coisa. Tinha direitos como qualquer cidadão americano, mesmo sendo brasileira e com visto de turista vencido. Não podia permitir que um homem a abandonasse assim, sem quê nem pra quê, logo depois de dar-lhe

uma surra, quando ela estava apenas esquentando. Ela morava nos Estados Unidos há tempo suficiente para aprender uma coisa ou outra sobre direitos humanos. Aquele era um país onde todo mundo, em princípio, tinha o direito de fazer tudo, e quem não concordasse tinha o direito de abrir um processo contra. Estava no direito dela – uma representante de três minorias porque era ao mesmo tempo mulher, imigrante e latina – exigir que Alessandro terminasse o que tinha começado, até ela gozar, ou, se ela não gozasse, até ela enjoar, gostasse ele ou não, e se ele não concordasse, que abrisse um processo contra ela, e os dois iriam resolver o caso na Justiça.

A cara doía os tapas de Alessandro, o corpo ardia a fome do corpo dele, dos murros. Alessandro duro, bruto, os socos nas omoplatas, os tapas nos quadris, os pontapés. A Gaúcha correu até a porta, torceu a maçaneta, sacudiu-a. Alessandro filhadaputa tinha trancado a porta por fora e levado as chaves.

PõimCrásPauTumpChutBlimRaz, o suor de Alessandro pingava no material que ele e o filho do coreano destruíam no porão da loja da Rua 27. Alessandro preferia arrebentar computadores com o pé-de-cabra e o martelão, o moleque gostava mais de arrancar fios e chips. Rasgar as roupas fazia todos darem risada, e era difícil saber qual dos dois se divertia mais esmagando monitores com aquelas enormes pedras. Do que ninguém gostava era trabalhar nos perfumes, diziam que o cheiro enjoava, e Alessandro tirava no par ou ímpar com o filho do coreano para ver quem ia despejar o líquido na privada, junto com os remédios e as vitaminas, antes de martelar os frascos. O coreano-pai olhava o serviço e voltava para a loja rindo, os fios pretos saltitando alegres na cabeça. Na hora de meter a sucata no lixo e varrer os cacos de vidro, o coreano-filho dizia que estava cansado e ia para

a loja. Alessandro fazia a microcirurgia no chão, catando os caquinhos perigosos. Nessa etapa do trabalho o corpo dele relaxava e ele se sentia um profissional em toda a sua plenitude, conforme devia se sentir um justiceiro consciente do dever cumprido.

O procedimento era o mesmo há anos e não mudaria enquanto a vizinhança não reclamasse do barulho. No dia em que alguém se queixasse, o coreano forraria as paredes do porão com embalagens de ovos feitas de papelão e continuaria mandando destruir ali dentro a mercadoria proveniente do inimigo. Estava totalmente fora de consideração desfazer-se dela pelos meios modernos e práticos de que dispunham as companhias de recolhimento e reciclagem de lixo. O material apreendido por Alessandro não deveria ser deixado na calçada, à mercê do transeunte pobre, do estudante econômico e do lixeiro oportunista, que poderiam se apoderar dele para uso próprio ou revenda, inflacionando o mercado, depreciando o produto. O material tinha que ser destruído pelas e diante das partes envolvidas, quais sejam, o comerciante e seu soldado. Mas a pancadaria rude e primitiva, operada no resguardo do porão, era mais do que o esmigalhamento das imitações dos produtos falsificados vendidos pelo coreano. Era o ritual de consolidação da confiança mútua. No seu batuque paleolítico, um colaborador dizia ao outro: MINHA CAPACIDADE INATA DE DETECÇÃO DE TRAPAÇA RECONHECE QUE VOCÊ RESPEITA O NOSSO ACORDO CONTRATUAL. E isso tinha muita importância para quem não podia assinar contratos de papel.

Naquela tarde Alessandro estava com uma disposição fora do comum, largando várias vezes as ferramentas para agredir a mercadoria com murros e chutes, imitando golpes de kung fu para mexer com os coreanos. Era gratificante empregar a energia no desmantelamento da concorrência desleal. A concorrência

desleal se materializava em bens de consumo e se personificava na Gaúcha. Mas Alessandro pouparia a Gaúcha, se pudesse escolher. Os objetos eram mais duros e frios do que o corpo dela, e muitas vezes reagiam, causando escoriações, e além disso não se divertiam. Esses três motivos já eram suficientes para Alessandro gostar mais dos objetos. Dar pancada na Gaúcha era sabotar a vocação de justiceiro dele porque ela gostava de apanhar, e gente desonesta precisa ser punida, não mimada. A Gaúcha não tinha ética. Quebrara a promessa de não traficar mais as imitações dos falsificados, e ainda fundira seus negócios aos dos bandidos do grifes-e-eletrônicos. Alessandro soube resolver o caso, como sempre, e ali estavam os cacos, trapos e sucatas para provar. Mas a Gaúcha tirava qualquer um do sério. Ver aquela mulher soltando sangue pelo nariz, agachada no rodapé, a felicidade estampada na cara vermelha de tabefes, dava um remorso, fazia Alessandro achar que estava traindo a confiança do patrão. E se existia algum patrão digno de respeito neste mundo, era o coreano, sujeito honesto, incapaz de revender um brochinho que fosse de uma muamba interceptada. Trabalhava duro, o asiático, não tinha hora nem feriado. Só vendia falsificação de primeira, igualzinha ao original, e a preços módicos. Era a fonte preferida dos turistas brasileiros, clientela seleta e exigente que conhecia as vantagens da falsificação requintada sobre o produto original de preços extorsivos. Se o coreano tinha conquistado uma significativa fatia do mercado, era por pura competência. Nada mais justo do que proteger seus negócios.

A limpeza do porão terminou na hora do coreano fechar a loja e ir embora, mas Alessandro ainda conseguiu dar um pulo até a torneira da garagem para lavar o rosto e as mãos, que estavam empastadas com poeira e um pouquinho de sangue. Olhou a água levar a sujeira para o ralo e correr limpa de novo. O coreano agora

devia estar pensando na janta, no serviço do dia seguinte, quem sabe numa viagem de férias com a família pela Coréia. Mas naquela leva de material apreendido, nisso ele naturalmente não pensava mais. Conhecia o fiscal que tinha. Sabia que Alessandro era um perfeccionista. Era vivo, o coreano, devia saber também que uma pulseirinha de nada, sozinha, solta no mercado, não ameaçava o seu negócio. Era exatamente isso que ele pensaria, se soubesse que Alessandro não tinha, ainda, esmigalhado uma certa Cartierzinha de merda. Alessandro mergulhou um braço no jorro gelado de água, viu os pêlos pretos se mexerem, querendo se arrancar da pele e fugir pelo ralo. Tinha feito a parte dele, sim. Tinha falado para a menina que a pulseira era um artigo de má qualidade, recomendado a devolução do produto, garantido o reembolso do dinheiro por parte da comerciante. Passou o outro pulso debaixo da torneira, depois o cotovelo e o muque de batata. A bobinha poderia até querer ficar com a mercadoria que o coreano, se soubesse, nem ia se incomodar. Pelo contrário, ele era até capaz de dizer, lá no inglês feio dele, Não esquenta a cabeça, Alessandro, deixe a pulseira de presente para essa sua amiga Melissa, que amiga sua é amiga minha também. Mas não era o estilo de Alessandro deixar serviço para trás. Ele teria outro encontro com a Melissa o mais rápido possível. Enfiou a cabeça debaixo da torneira e ficou ouvindo o barulho da água congelando-lhe o crânio, chóóóóó, chóóóóó, Hurry up, I'm late, o inglês do coreano encharcou o cérebro dele de água suja.

– Alô, Neto, é a Gaúcha. Tenho um troço sério pra te contar.

O guia deixou os turistas no canto do saguão para poder conversar à vontade, se é que se pode estar à vontade no comando de um grupo insatisfeito com as acomodações e a localização do hotel, irritado com o atraso de quase uma hora do tour ao Empire

State Building, e preocupado com o sumiço da sua mascote. Neto nem precisou se afastar muito, o saguão do hotel estava sempre tão cheio que ninguém se ouvia, a menos que alguém gritasse, e quanto mais se gritava mais barulho se fazia e menos se escutava. Tapou o ouvido livre e ajeitou melhor o outro ao celular.

– Sabe aquela menina que comprou a minha Cartier, a Melissa? Olho nela, Neto, tem um sujeito aqui que está na cola da menina.

Um sujeito na cola da gatinha. Vida de guia turístico é um porre, até disso o Neto tinha que cuidar, de chavasca de de menor.

– Mas que sujeito? O tour tá atrasado por causa dessa vaquinha, porra. É com esse sujeito que ela está, então?

– Pode ser. O nome de guerra é Alessandro, o nome de verdade eu não lembro. Ele trabalha pros coreanos, fez um rapa no meu apê e sumiu com tudo que você tinha encomendado. Eu tinha que ter te ligado antes, mas...

– É ela, Neto, é a Melissinha? – o bafo de dona Lizabetta esquentou o ombro do guia.

– Não senhora, é da agência, acho que eles localizaram a moça.

– Alô, Neto, tá me ouvindo? O cara é bonito, moreno, peludo. Tem trinta anos. Brasuca. Então, eu tinha que ter te ligado antes...

Grudada no guia e no tapete, dona Lizabetta tentava aspirar alguma notícia pelas fissuras da cara esticada. Neto disse que ligava depois e prendeu o telefone no cinto. Dona Lizabetta voltou para o seu grupo, Ele tem notícias da menina, berrou, Acho que a agência achou a Melissa, o Neto vai contar tudo, conta, Neto. Neto seguiu dona Lizabetta devagar, os olhos esfregando cada desenho encardido do tapete, dando tempo ao cérebro para criar uma história. Pajear chavasca de adolescente, ele tinha de fazer isso também, Deus sabia como, mas ele tinha, para não perder a

clientela de mães preocupadas. As mães, aquelas megeras. Metiam as filhas nuns pacotes turísticos de merda, com vôo cheio de escala, superlotado, atrasado, e mandavam as coitadinhas comprar mercadoria falsificada e enganar a alfândega, e nada disso comprometia a reputação delas, nem das meninas, nem da agência. Mas ai se as meninas dessem uma trepadinha na viagem! Neto não era de fazer corpo mole, topava qualquer coisa na Sambatur, pintar as paredes, lavar a latrina, um contrabando, um suborno de um funcionário da alfândega, até ajudar na lavagem de dinheiro ele às vezes ajudava, efetuando a contabilidade. Mas vigiar boceta de de menor, esse serviço era de amargar, era o único que ele detestava fazer, se pudesse não fazia, uma porque ele achava que as meninas tinham mais é que dar para quem elas bem quisessem, e duas porque quando elas queriam dar ninguém impedia.

Neto atrasava o passo nas rosáceas do tapete que se repetiam, aqui um contorno desbotado, ali uma falha nas fibras, as manchas de piche e de cigarro, os tênis incrementados de dona Maria das Neves, o jeans barrigudo, o casaco murcho, Cadê a Melissinha? O grupo era um animal ansioso. O rosto de seu Pimentel tinha sido contaminado pela icterícia amarela dos olhos, dona Maria das Neves reclamava que não adiantava mais reclamar, já se via um começo de rachadura na cútis de dona Lizabetta, que o marido logo apontou, e Patrícia tinha ido oito vezes ao banheiro. Pessoal, muito obrigado por vigiarem a boceta da menina, vejo que vocês têm mais vocação para a coisa do que eu, mas não posso delegar minha tarefa aos clientes, portanto esqueçam essa putinha que dela cuido eu, gostaria de dizer o Neto.

– Aí, turma, é o seguinte. Vamos para a van que a gente já está atrasado. Lá na van eu conto o que a agência me falou sobre a Melissa. Vamolá, pessoal.

O grupo foi se mexendo em direção à saída, Pra mim deviam entrar no quarto da menina, ela pode estar desmaiada lá dentro, disse dona Maria das Neves, e dona Lizabetta arredondou uns olhos chimpanzés, Eu vi aquele moço moreno enfiar uma coisa na bolsa dela lá no museu, e seu Pimentel comentou Não enfiou nada na menina não, eu estava de olho nela, ao que dona Lizabetta retorquiu Boas intenções o rapaz não tinha, porque se tivesse se apresentava para a gente em vez de ir embora, e o marido de dona Lizabetta se achou no dever de fazer um comentário bem-humorado para acalmar as mulheres, A mocinha deve ter tomado muito leite no café da manhã, ficou com tanto sono que dormiu e não escutou a gente chamar. Desenturmada, Patrícia nada disse.

O celular do guia tocou de novo e paralisou o grupo, as cinco caras viradas para o Neto e coladas contra o fundo em movimento, duas recortadas em papel liso, três em papel amarrotado.

– Neto, é a Gaúcha de novo. Eu acho que você deve estar enrolado aí, então vou falar bem rápido. Eu devia ter te ligado antes, mas fiquei trancada, sem a chave, tive que gritar pro vizinho chamar um chaveiro, uma zona, mas é o seguinte: o cara que eu te falei, esse Alessandro, é perigoso e tem arma.

Neto repetiu Ligo depois e desligou o telefone. Era a minha esposa, ele mentiu, e nunca uma cônjuge foi tão desprezada por um grupo de turistas. O bando se mexeu em direção à saída de novo, o Neto pastoreando. As manchas do tapete sobrepunham motivos escuros às rosáceas originais, massacradas pelos calcanhares fosforescentes dos tênis de dona Maria das Neves.

O cara é perigoso e tem arma, e aquela Gaúcha maluca achava que estava contando alguma novidade. Gente perigosa e com arma é o que não falta neste mundo. No Brasil, descontando o preconceito, dá mais ou menos para a gente saber, pelo tipo da pessoa, se ela é perigosa ou não. Já nos Estados Unidos a coisa

parece mais esquisita porque o perigo muitas vezes vem de gente de quem você nunca iria desconfiar. Criancinhas bem-de-vida, de pele branca, olho claro, tinham fuzilado coleguinhas e professores em escolas dos estados de Oregon, Geórgia, Tenessee, Colorado, até Califórnia, que é mais civilizada, e sabe-se lá onde mais, que não dá para guardar tudo de memória. Aquele estudante de direito que os vizinhos achavam charmoso, gentil, etcétera e tal, chamado Bundy – Neto não esqueceu o nome porque parecia com Bunda – esse aí matou mulheres em Washington, Utah, Colorado e Flórida, se o Neto não estivesse enganado. E aquele tal John Wayne, isso, John Wayne Gacy, um sujeito exemplar aos olhos da comunidade, atencioso, generoso com os necessitados, casado, e que se vestia de palhaço em reuniões sociais para divertir as crianças, pois esse aí torturou e assassinou mais de trinta amantes homens. Todo mundo é perigoso. Até o Neto tinha arma, e poderia ser perigoso, se precisasse se defender, ou então se tivesse uma predisposição genética para cometer assassinatos em série, ou se lhe crescesse um tumor do tamanho de uma bola de golfe na região do hipotálamo, que nem aquele Charles Whitman, do Texas. Ex-militar da marinha, muito dedicado à família, o Charles Whitman subiu armado numa torre e de lá fulminou vários estudantes da Universidade do Texas. Era tão consciencioso que deixou um bilhete pedindo uma autópsia no cérebro porque ele sabia que tinha alguma coisa errada ali. Foi morto pelos policiais, durante o tiroteio. Quando fizeram a autópsia, descobriram um tumor na região do cérebro ligada ao comportamento violento, o tal do hipotálamo. Esse caso o Neto registrou bem porque viu um filme baseado nele, na televisão. Mesmo um sujeito desarmado e cheio de boas intenções pode ser perigoso. Por exemplo, um médico excelente que por um lapso da memória prescreva uma dose cavalar de certo medicamento,

matando o paciente. Ou o papa, dizendo que Deus perdoa todos os pecados do mundo, incentivando a proliferação de assassinos. Eram duas lutas inglórias, aquelas, evitar gente perigosa e pajear chavascas de de menores.

Neto abriu a van, os turistas entraram, o telefone tocou, Neto atendeu depressa, Pô, Gaúcha, eu já falei que ligo depois, caramba!

– Neto, sou eu, a Melissa. Como é que é, vocês vêm ou não vêm? Eu já estou aqui no Empire State faz uma hora!

Douglas saiu da editora direto para o hotel onde estava hospedado Spencer Prikston, o único executivo americano que visitara a Tornatore sem aliança no dedo. Tinha planejado as etapas iniciais do seu projeto com muito critério. Qualquer falha, por menor que fosse, poderia deixar o americano apreensivo, fazendo o Douglas perder a guerra logo de cara. O diretor editorial tinha muito pouco tempo para investir e quase nenhuma arma para lutar. Passar no hotel parecia o mais acertado, eliminava a possibilidade de o candidato faltar ao encontro por causa de algum inconveniente no trânsito complicado de São Paulo. Não convidar Prikston para jantar em casa também tinha sido inteligente: a mornidão doméstica poderia entediá-lo, estimulando-lhe uma eventual predisposição contra as restrições da vida conjugal. E era melhor comparecer ao encontro desacompanhado da mulher, partidária fanática da idéia de que a conquista de um genro para o Douglas era tarefa da filha, e não do Douglas.

Entre um gole e outro da água de coco enlatada, tirada do frigobar, Spencer Prikston pôs e tirou várias gravatas, experimentou todos os blazers e acabou se decidindo por usar um terno sóbrio e bastante masculino no encontro. Não queria precipitar conclusões a partir do comportamento das pessoas, especialmente aquelas com quem travava relações profissionais, mas Douglas

Barroso estivera olhando muito para ele durante o almoço na empresa, o que poderia sinalizar um interesse do diretor editorial por homens. Antes de embarcar para o Brasil, Prikston tinha sido informado de que São Paulo era habitada e visitada por um considerável contingente de homossexuais. Douglas Barroso era discreto. Usava aliança, então era casado. Não tivessem sido os olhares no restaurante, a delicadeza de apanhar Prikston no hotel (criando, de propósito ou não, oportunidade para maiores intimidades no quarto), e a não-inclusão da esposa no programa, Douglas Barroso já teria sido classificado por Prikston como straight, heterossexual. Mas aquelas pistas não eram, por si mesmas, evidências.

Douglas pediu à recepcionista que chamasse o americano e tentou prever os acontecimentos seguintes. Se Spencer Prikston não respondesse pessoalmente ao chamado, mandando a moça dizer que ele já estava descendo, demonstraria ter um temperamento reservado, o que trazia uma vantagem e uma desvantagem. A desvantagem é que o trabalho do Douglas ficaria difícil e tortuoso. Já a vantagem do temperamento reservado é que um sujeito com essa característica tem mais probabilidade de ser um marido confiável. Por outro lado, se Spencer Prikston quisesse falar com o Douglas pelo interfone, sugerindo uma personalidade calorosa e desembaraçada, o pretendente a sogro se sentiria confortável para fazer uma abordagem rápida, com poucos rodeios, mas ficaria inseguro quanto a estar escolhendo para a filha um marido fiel. O zelo paterno fez Douglas torcer pela hipótese do temperamento reservado.

Tendo conhecimento da tendência dos brasileiros para a galhofa e a fuzarca, Spencer Prikston quis saudar alegremente Douglas Barroso ao interfone, convidando-o para um drink no quarto, quem sabe até para jantar ali mesmo, se a companhia

mútua lhes bastasse. Mas antes que pegasse o aparelho, a idéia já lhe parecia ruim. Douglas Barroso devia ser do tipo cauteloso, aquele profissional que jamais permitiria a interferência de assuntos privados nas atividades relacionadas ao trabalho – estivesse algum assunto privado em jogo, naquelas circunstâncias. Prova desse temperamento extremamente ético era o fato de Barroso ter feito o convite e combinado o encontro através da secretária, o único contato entre os dois executivos, além dos olhares no restaurante. Prikston achou sensato seguir o brasileiro na sua trilha ética. Conferiu se o paletó estava abotoado e mandou a recepcionista dizer que já estava descendo.

Douglas somou um ponto a favor do candidato e planejou o movimento seguinte. Um restaurante fino, tradicional, favoreceria uma conversa séria e respeitosa, bem de acordo com o caráter do convidado, por isso mesmo era um cenário a se evitar, sob pena de se ficar emperrado em formalidades e protocolos. Melhor fazer o programa de praxe no ramo dos negócios internacionais, amolecendo o temperamento férreo de Spencer Prikston com as emanações fumegantes de um inferninho de luxo, uma dessas casas freqüentadas por prostitutas vestidas como debutantes de colégio suíço.

Spencer Prikston respondeu à idéia com algum português lisboeta e um sorriso de aprovação. Tendo já viajado a negócios a Cingapura, Hong Kong e Moscou, estava familiarizado com aquele tipo de atividade noturna. Às mesas dos bares e inferninhos de luxo se fechavam os contratos que depois seriam formalizados na rigidez dos escritórios. Mas não era atribuição do diretor editorial discutir e muito menos fechar contratos de compra, venda ou associação de empresas. Douglas Barroso não tinha sequer ações da Tornatore. O que é que ele queria, então? Teria um negócio próprio e ingenuidade suficiente para propor uma associação com o poderoso conglomerado multinacional representado

por Spencer Prikston? Se era ingênuo a ponto de fazer isso, poderia ser ingênuo a ponto de fazer outras coisas também, como permitir que assuntos pessoais interferissem nas questões ligadas à profissão. Spencer Prikston desabotoou o paletó e autorizou os cílios longos e curvos a baterem sempre que quisessem.

Sogros faziam parte do pacote que Prikston levaria para o casamento, então Douglas precisava mostrar seu potencial para sogro bacana, até para compensar a falta da qualidade na sogra. O sogro de Prikston não se interessava pela farra vulgar na pista de dança, no copo ou nas putas. Sua sensibilidade aguçada, sua imensa criatividade, sua inesgotável curiosidade científica lhe possibilitavam um gozo intenso com coisinhas prosaicas, como um prato de comida, uma flor. Foi o que quiseram mostrar os olhos do Douglas, passando apáticos por todos os elementos da boate, entre eles as beldades brasileiras, e só brilhando na contemplação dos pratos servidos e do arranjo de orquídeas que enfeitava sua mesa. Douglas contou que gostava de cozinhar, revelou algumas alquimias do forno-e-fogão, deu a receita do molho que estavam provando. Comentou a beleza da orquídea, comparou suas formas com as de um hibisco, de um lírio, de uma estrela, de um colibri no ar. Disse que se interessara por botânica quando jovem, que se tivesse tempo de cuidar de plantas transformaria a sala de sua casa numa floresta de bromélias, avencas e samambaias de metro.

Spencer Prikston parecia entender quase tudo daquela babel de portunhol, gestos e inglês rudimentar, respondendo com acenos de cabeça, risadas cada vez mais soltas e até algumas palmas suaves. Candidato a sogro e possível candidato a genro tinham muito em comum. Prikston sabia fazer quinze diferentes receitas de pão e gostava não só de plantas de interior como de decoração de ambientes em geral. Às vezes se expressava com trejeitos um

pouquinho afeminados, que o Douglas sabia próprios dos aristocratas e homens de sensibilidade rara.

Mas se Spencer Prikston ria, também cismava. Douglas Barroso tinha comparado as formas de uma orquídea com outras formas da natureza, deixando de fazer a comparação clássica com o órgão genital feminino. Prikston conhecia outros tantos chefes de família discretos, hipersensíveis à beleza de hibiscos, estrelas e colibris, e afeitos à culinária e às plantas de interior, que freqüentavam casas noturnas cheias de prostitutas para disfarçar sua verdadeira orientação sexual. Não havia mais dúvida, Douglas Barroso era gay. Mas de que tendência? Tudo indicava que tinha a mesma preferência que Prikston, e nesse caso não havia mais por que prolongar aquele encontro. Prikston precisava acordar cedo, tinha muito trabalho maçante para fazer, antes de voltar para os Estados Unidos. Adiantou o pedido da sobremesa, um crepe de bananas flambadas recomendada pelo Douglas, e chamou o cafezinho, dando a si e ao pretendente uma última chance. O teste final era simples. Se Douglas Barroso começasse a elogiar muito a mãe, uma atriz, uma cantora, ou uma namorada inesquecível da puberdade, era porque se identificava mais com a orquídea da decoração do que com a banana da sobremesa.

Douglas ficou surpreso com a repentina pressa do convidado, e muito nervoso. Tinha chegado a hora de falar de Melissa, marcar um encontro entre ela e o futuro marido em Nova York, para daí a um ou dois dias, se possível. Mas como começar? Liza Minelli berrou sua New York, New York de dentro das caixas de som e deu a idéia. Douglas elogiou o talento da cantora e atriz, dizendo que tinha a quem puxar, sendo filha de quem era, e falou da admiração dele por Judy Garland, aproveitando para lembrar que o casamento de Judy com Vincent Minelli era só de fachada porque Minelli era gay, e daí se sentiu na obrigação de citar uma

cantora e atriz brasileira de fama internacional, elogiando Carmen Miranda, aquela que dançava assim – e ele a imitou – e comentou que tinha herdado todos os discos de Carmen Miranda da mãe, a mais admirável de todas as mulheres, acrescentando que a cada ano a filha dele, Melissa, ficava mais e mais parecida com ela. Quando ele ia entrar em detalhes sobre a filha o americano foi acometido de uma enxaqueca e disse que precisava ir embora.

No caminho de volta, Douglas fez uma tentativazinha tímida de acordar Spencer Prikston para lhe passar o contato de Melissa em Nova York e cultivar-lhe a tolerância à futilidade das adolescentes, lembrando um episódio vivido com o primeiro amor da sua vida, uma namorada da época da puberdade, que depois se tornou cantora e atriz. Mas o americano só despertou para pular do carro, mal pararam na frente do hotel. Douglas ficou olhando a imensa estrutura de ossos e carne branca esconder dentro do prédio o terno sóbrio, e sentiu uma saudade louca da filha. Quem sabe ela estivesse no quarto do hotel, em Nova York, experimentando novos vestidinhos, pintura e badulaques. Não custava ligar para lá. Papai, que saudade do senhor, Olha, a novidade é que eu conheci um americano incrível e nós vamos casar, o Douglas gostaria de ouvir da princesinha.

– Alô? Pai!! Que coincidência, eu tava pensando em te ligar agora. Olha, cê vai se assustar, mas não tem motivo, a notícia é ótima. Conheci uma pessoa superlegal aqui nos Estados Unidos e a gente vai casar.

Um milhão e meio de reais. Este é o prejuízo que o incidente ocorrido com o livro A Magia da Ciência deu até agora à editora Tornatore. O uso do livro, que provocou explosões e ferimentos em quatro estudantes, está suspenso em todo o país, e os exemplares que ainda restam nas livrarias deverão ser recolhidos até

o final desta semana. O valor não inclui a indenização reclamada pelas famílias das vítimas das explosões, que estão responsabilizando o dono da editora e o autor do livro por homicídio doloso. Em entrevista publicada esta semana pela revista Leia, Sandoval Cafeteira, suposto autor do livro, insinuou que os maiores culpados pela explosão são os professores envolvidos na realização da experiência. Segundo ele, esses professores teriam a obrigação de detectar o perigo nas instruções, antes que a experiência fosse feita. O sindicato dos professores do ensino fundamental informou que vai mover uma ação contra Sandoval Cafeteira. Em nota distribuída à imprensa, o ministro da educação, Jorge Fernando, disse lamentar que este incidente tenha ocorrido num momento de grande empenho do governo em propor diretrizes para a melhoria da qualidade do ensino do país, e que o governo anseia pelo rápido esclarecimento do caso, com a conseqüente punição dos culpados.

Mateus se instalou à sua mesa, de manhãzinha, e abriu a bíblia. As histórias da bíblia eram muito boas, mas já tão manjadas, que Deus o perdoasse. Ele não estava conseguindo prestar a mínima atenção. Tinha suas histórias para contar, o Mateus também, e histórias novinhas, de gente que andava pela Tornatore, histórias prontas para pular dos seus beiços moles para as línguas ágeis das colegas. Quanto tempo ainda, até que chegasse a primeira copidesque? Era ter paciência que as meninas sempre vinham, sempre conseguiam se desgarrar do engarrafamento no trânsito ou do vagão superlotado do metrô, para chegarem às oito em ponto e ficarem fazendo os livros da Tornatore até escurecer.

A professora Liamara Minestrone se instalou à mesa da cozinha da sua casa e abriu a pasta de redações. Precisava corrigir todas antes do meio-dia, mas não conseguiu prestar atenção em

nenhuma. Não tinha dormido quase nada, rolando da cama para o banheiro, do banheiro para a cama, arrependida. Que que tinha dado nela, para contar segredos a um copidesque? Ainda mais aquele tonto, o mais ignorante da equipe.

Maritza disse ôi para o Mateus, instalou-se à mesa e abriu a pasta com o original de trabalho. Estava grogue de sono, não conseguiu prestar a mínima atenção no serviço. Tinha ficado namorando até as cinco da manhã e precisava estar de pé às seis e meia, então achou melhor nem dormir. Ficou um pouco incomodada por estar sozinha com o Mateus no salão, um não ia com a cara do outro. Quanto tempo ainda, até que chegassem as copidesques? Era ter paciência que as meninas sempre vinham, como ela.

Veio uma, junto com luz e ar fresco, aborvendo tensões, desabrochando sorrisos em Mateus e Maritza. Mateus chamou a recém-chegada para o cafezinho, cochichou-lhe as duas histórias numa frase só.

A professora Liamara Minestrone lia e relia a primeira redação, a caneta rabiscando o ar, sem atinar com os erros e os acertos do papel. Droga, àquela hora o rapaz gorducho já devia ter espalhado as notícias, dizendo que foi a professora Liamara Minestrone que contou. Ou talvez não, ele vivia com aquela bíblia para baixo e para cima, talvez tivesse escrúpulos e não passasse as fofocas para a frente. Pelo sim, pelo não, tarde para arrependimento. Ia ser até bom que o tonto espalhasse as notícias, bem-feito para todo mundo, que isso servisse de lição, mostrasse como um ambiente de trabalho desestimulante e atrasado pode reduzir uma respeitável autora de gramática da língua portuguesa a uma fofoqueira.

Dez anos de trabalho consistente e honesto junto à Tornatore, e a professora Liamara Minestrone nunca tinha recebido qualquer sinal concreto de reconhecimento por parte da direção. Naquela

editora, se dava melhor quem fosse mais incompetente. Para Sandoval Cafeteira, por exemplo, notório imbecil, preguiçoso, prepotente, pagavam sete pareceristas, contratavam o planejador gráfico de fora, investiam até em ghostwriter. Já para dona Liamara, professora e autora séria e criteriosa, que entregava a obra praticamente pronta, escrita, reformulada ou atualizada de próprio punho, davam o pior copidesque, os pareceristas mais mercenários e negligentes. Se dona Liamara não ficasse de olho, era capaz até de o Douglas roubar meia hora das reuniões com ela para aumentar o tempo de reunião com Cafeteira. E o pior de tudo era que o professorado mantivera-se por muito tempo fiel à obra daquele cafajeste, tornando-o um best seller. A obra da professora Liamara? Essa nunca se expandiu além de algumas excelentes, porém poucas, escolas das regiões sul e sudeste. Quem mandava Liamara morar num país estúpido? A Tornatore era direitinho um microcosmo do Brasil. Na Tornatore, a mediocridade majoritária, hegemônica, conspirava contra a inteligência, para não correr o risco de ser desmascarada e deposta. Na Tornatore, o lucro falava mais alto do que os valores morais. O patrão sugava toda a vitalidade dos mais capazes para compensar e perpetuar a incompetência reinante. Muitos anos atrás, quando Liamara, por iniciativa própria, fizera um estágio na editora para compreender todo o processo da publicação de um livro, ouvira, por acaso, o Douglas dizer a um editor: Tem autor que é dedicado, responsável, escreve direitinho, entrega o trabalho na data estipulada, colabora, estuda, se aprofunda. Desse autor a gente tem que tirar o sangue, quanto mais tarefa a gente jogar na mão dele, melhor para a gente. Mas tem aquele autor preguiçoso, que não cumpre cronograma, escreve mal, não se recicla. Esse aí a gente tem que fazer tudo para ele, essa que é a verdade, ou a gente faz tudo para o cara ou perde o investimento.

O vaivém no salão de copidesque deixou Maritza mais desconcentrada ainda. Quê que era aquilo? Um entra-e-sai de gente cochichando, jogando olhadas rápidas na direção dela, copinhos de café na mão. Uma movimentação rara, àquela hora da manhã. Esperou que todos os assentos ficassem ocupados e foi tomar seu cafezinho.

Um enxame de copidesques voou para a mesa do Mateus.

– Conta direito essa história, Mateus. Que mais que a dona Liamara te disse?

– Foi o seguinte. A professora e eu estávamos resolvendo uma dúvida que eu levantei na atualização do Gramática Com Alegria. É que ela havia me pedido um tal retrato de Dorian Gray, para citar num exercício, então eu perguntei se ela preferia esse retrato em ilustração ou fotografia. De repente deu um chilique nela, sei lá por quê, deve ser coisa de menopausa, sei dizer que a mulher se descontrolou, falou que está cheia da Tornatore, que o Douglas só investe em parvos do calibre do professor Cafeteira, que eles se entendem porque são da mesma laia, o Cafeteira comendo aquela Maritza, a ghostwriter dele...

– Ghostwriter?!

– Foi o que a professora Liamara disse: ghostwriter. Então, o Cafeteira comendo a ghost dele e o Douglas tendo que viajar às pressas pra Nova York pra fazer a filha parar de dar feito chuchu na cerca.

– Mas a professora usou esses palavrões mesmo? Ipsis literis?

– Não, ela não usou palavrão, o palavrão fui eu que falei, com o perdão de Deus. Mas é como se ela tivesse usado, de tão puta da vida que estava, Deus me perdoe.

Maritza voltou ao salão. O enxame se desfez, todos os copidesques se redesconcentraram às respectivas mesas. Concordância nominal. Gênero dos substantivos: masculino e feminino. Ordinária.

Já era metida quando não tinha homem, quanto mais agora que está dormindo com um autor de renome. Quem pode julgar é só Deus, concordância nominal, mas nós, humanos, também temos nossas humildes opiniões. Gênero dos, se essa Maritza começar a ser tratada melhor do que eu só porque fornica com um bambambã, masculino, e eu não fornico, feminino, alguém vai ter que tomar uma providência. Feminino. Puta. Deus me perdoe. Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro, a 16 de dezembro de 1865. Aquela Maritza nasceu com o rabo virado pra lua. Solteirona, quarentona, mas conseguindo dar para o professor Sandoval Cafeteira, Bilac, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1865, e eu aqui nos meus vinte e três, sem homem nenhum querendo me namorar. O estudo da geografia abrange o espaço da sociedade humana, com suas modificações, e o professor Cafeteira ficava jogando charme esse tempo todo era pra mim, o calhorda. O Egito, com um governo centralizado no faraó, surgiu em cerca de 3.100 a. C., mas eu continuo desconfiada que essa Maritza é lésbica, e que está tentando dar o golpe do baú no professor Cafeteira, que, ninguém me tira da cabeça, é bicha. Equações de primeiro e segundo graus e modulares. E se eu seduzisse o autor de Matemática? Inequações de primeiro e segundo grau. Procedimento: a) para obter a solução de cobre, misture 5 colheres de chá de sulfato de cobre com 100 mL de água e agite bem. Agitar bem a pélvis eu agito, gostosa eu sei que sou porque trepo com vontade, a coisa me apetece. Que é que eu gosto mais de fazer com o Sandoval? Com cada homem a gente gosta mais de uma coisa. Procedimento. Com o Sandoval, até agora, eu gosto mais de duas coisas: a) agitar bem o pau dele dentro de mim, eu por cima, masturbando o clitóris até gozar; b) ver o Sando se contorcer de tesão com as minhas lambidinhas no fiofó dele. Sando, Sandoval Cafeteira, ô nominho desgraçado,

mas o homem tem qualidades raras. São elas: a) ter ótima situação social e financeira, podendo me abrir algumas portas, no âmbito profissional; b) ser asseado; c) ter modos à mesa; d) misturar 2,5 mL de Aji-no-moto com 20 mL de água, agitar bem e acrescentar uma colher de chá da solução de cobre. Escrever as observações. Acho que estou apaixonada. Até que enfim o homem certo. Perfeito nenhum homem é. Com jeitinho a gente vai corrigindo um defeito aqui, outro ali, ensinando o cara a ser mais decidido. Vou acostumar ele a dormir abraçado comigo, depois da trepada. A dizer o meu nome na hora de gozar, aiaiaiai, Maritza, te amo tanto. Com jeito eu vou mostrar para ele que nós dois podemos funcionar como um casal, fora da cama também. Mas como a gente funciona bem na cama, nossa... Penso nisso o dia inteiro. Vivo molhada. Que nem agora. Execução. Duração prevista. Procedimento. Acho que vou me masturbar no banheiro, sento na privada, massageio o clitóris, em dois minutos termino, volto para o salão aliviada, ninguém vai nem imaginar que uma copidesque acabou de tocar uma siririca sentada no vaso sanitário. Cortar em tiras 2 folhas bem escuras do repolho roxo. Não agüento mais. Bater no liquidificador com 250 mL de água. Tenho que ir ao banheiro dar uma gozada. Passar pela peneira. É o único jeito de parar de pensar no Sando, pelo menos durante uma hora. Está pronto o indicador 1. Senão não vou conseguir fazer nem uma página hoje.

Cafeteira dormiu até meio-dia. Do meio-dia a uma ficou se espreguiçando na cama, molengo, massageando a virilha, afagando os testículos. Quando levantou para urinar, aproveitou para trancar fora da suíte o barulho e o cheiro da empregada. Às duas e meia, almoçou uma comidinha caseira leve, para purgar a pança dos aperitivos e jantares nos motéis com a Maritza.

Tomou água mineral. Tinha uma coceirinha na pele do pinto. Normal, o bicho andava muito ativo, estranho seria se ele não coçasse. Incrível como um homem de quase sessenta anos pudesse transar tanto. E ainda com uma mulher de quarenta. O sessentão ficar tarado por uma menina de dezoito, vinte, vá lá, mas por uma coroa na pré-menopausa? Quarentona, a Maritza, com cara e corpo de trinta e cinco, o que não melhorava muito a situação, mas vidas de vinte anos ela já tinha vivido bem duas. Tesão é um troço esquisito, bate cada tara sem explicação, depois passa. Aquela tara ia passar logo, o professor tinha certeza. Ainda bem que ninguém sabia do caso. A não ser o Douglas e a mulher, que uma noite surpreenderam os dois se beijando no restaurante do Hotel Cad'Oro. O Douglas e a mulher do Douglas superdiscretos, o Cafeteira morto de vergonha. Sandoval Cafeteira tinha cacife para ser surpreendido aos beijos com uma menina de dezoito, bem bonitinha, dessas que no futuro só vão trabalhar por capricho, não necessidade. Mas lá estavam ele e a funcionária quarentona, trocando bicotas bem na cara do diretor editorial. Depois daquele descuido, programa com a Maritza só em motel, o traslado no carro de vidro fumê.

O almoço deu uma moleza, Cafeteira precisava de um cochilo na frente do devedê. Colocou um filme de Glauber Rocha, Terra em Transe, o som baixinho. Quando acordou, o filme tinha terminado. Passou a unha de leve na coceirinha do pau. Muito boa de sacanagem, a Maritza, debochada, não tinha nojo. A língua dela no fiofó dele, melada, quentinha, pronto, tinha ficado duro de novo o pau do Cafeteira, aquilo não tinha jeito. Maritza era sem-vergonha e tarimbada, qualidades que uma mulher só adquire com a idade. Vá para a cama com uma mocinha de dezoito, pra você ver, e dirija o fiofó para a carinha dela, ainda que disfarçadamente. Ou ela não vai entender o que você quer

ou vai ficar com nojo. Já para uma amante madura, um fiofó masculino não desmerece nem desabona, antes intensifica a relação. A mulher madura joga com todas as armas, topa qualquer parada, não tem nada a perder. Ela valoriza o homem que tem, se esforça para agradá-lo, tem medo de perdê-lo porque sabe que na idade dela é difícil achar outro. Maritza era até bonita, fazia vista, tinha presença. Era inteligente, volta e meia vinha com aquele papo de "nossa responsabilidade quanto à popularização da ciência como a mais eficaz medida de combate aos problemas ambientais e às injustiças sociais" e da "necessidade da unificação das ciências humanas com as ciências naturais e as ciências sociais para o estudo e a compreensão de tudo que acontece no universo, desde o big bang até a arte". Maritza era atéia. Cafeteira achava bonito não acreditar no sobrenatural, tentava ser ateu mas não conseguia, na hora do aperto acabava sempre rezando o creio-em-deus-padre. Tão raro achar uma mulher atéia! Só por aí já dava para calcular a segurança da Maritza, a força do seu caráter. E ainda por cima era artista, tinha talento para ficção. Cafeteira agora mesmo estava olhando para um texto da autoria dela, ih, aliás ele tinha que ler esse bendito texto, um livro infanto-juvenil que ela queria tentar publicar pela Tornatore, com a indicação do professor. Enfim, só um pateta deixaria escapar uma mulher com tantas qualidades. É que Cafeteira não pensava em se casar pela segunda vez, mas, se pensasse, Maritza Santacatarina estaria entre as primeiras mulheres a serem consideradas. O fusquete de Cafeteira deu uma formigadinha gostosa, aiaiai. Maritza só tinha um defeitinho. A língua dela era um pouco mais mole do que o ideal. Da próxima vez o professor empurraria o traseiro um bocadinho contra a cara dela para ver se conseguia forçar a entrada da pontinha da língua no puíto. Mandou um e-mail para maritza@edtore.com.br, propondo um encontro naquela noite.

Ih, o texto dela, o tal infanto-juvenil. Era bom ele ir ao encontro com esse bendito texto na cabeça. Quantas páginas, só isso? Em dez minutos ele estaria livre, então leu:

Caiu na rede, não é peixe (nome provisório)

projeto para livro infanto-juvenil de Maritza Santacatarina

Manhã no acampamento parecido com um hotel cinco estrelas, montado para patricinhas e mauricinhos adolescentes. Enquanto os hóspedes tomam café, o guia Tadeu, assustado, chama o monitor de lado e conta que Joana Guarujá e Téo Maresias desapareceram.

– Aquela filhinha de papai metida a rebelde, meio careca? – rosna o monitor.

– E o magricela com jeito de padre que mora com a avó. Vou avisar a polícia.

– Nada disso. Junto com a polícia vêm os jornalistas e a falência. Encontre você aqueles porraloucas. Devem estar namorando na mata.

– Na mata?!... – arrepia-se o guia. – Impossível. Avisei a todos sobre os casos recentes de malária. Nenhum deles sairia oferecendo a cara espinhenta aos mosquitos.

O monitor esguicha os olhos:

– Entupa os poros de repelente e vá atrás deles, Tadeu!

Tadeu obedece.

Joana e Téo caminham na mata, de mãos dadas e muito prosas. Joana, 13 anos, corajosa, rica, campeã de natação do clube, aproveita o feriado no acampamento para cumprir uma ameaça que faz há anos: fugir de casa. Acha que é rejeitada e incompreendida pelo pai, um playboy namorador que sempre dá um jeito de mandá-la para algum lugar longe dele, evitando diálogos e confrontos. Pelo menos é assim que ela enxerga a coisa, e o acampamento é um desses passeios-exílios. Téo, 14 anos, tímido, não

sabe nadar mas sonha com aventuras. Está apaixonado pela Joana e quer se exibir para ela. Por isso faz questão de acompanhá-la na fuga.

Joana está equipada com tudo o que acha necessário para começar uma vida na mata: cantil com Gatorade, lanterna, barraca, talheres, bombons, cd portátil, fósforos em embalagem impermeável, essência de citronela para espantar os insetos, absorventes íntimos, sementes para fazer uma horta, papel higiênico, o livro Robinson Crusoé e, por via das dúvidas, os documentos plastificados e amarrados ao corpo. Quer aprender a viver como índia, totalmente nua. Quer colher frutas das árvores. Beber água da fonte. Dar de comer na mão a tucanos e arapongas. Abraçar preguiças. Beijar a testa de sagüis.

Joana e Téo aproveitam a liberdade para namorar, mas os borrachudos são tantos que eles não conseguem deixar nenhum pedacinho do corpo sem roupa, o que atrapalha tudo.

O guia Tadeu logo percebe que os fugitivos se desviaram da trilha. Procura pistas como galhos recém-quebrados, folhas recém-pisadas, até que encontra um véu de mulher entre as folhagens de uma árvore. Imagina que Joana não seja o tipo de moça que usaria um véu daquele, e se pergunta como aquela coisa esquisita teria ido parar lá. Quando chega perto do véu para pegá-lo, é preso numa rede que cai sobre ele.

Ao fim da tarde, Téo e Joana começam a achar que a mata não é aquele jardim do Éden que imaginavam. Sentem cansaço, decepção, tédio. Cansaço da caminhada no solo encharcado e no barro das várzeas. Decepção com a timidez dos animais que nunca se mostram – a não ser os insetos. Tédio pela mais absoluta falta de cooperação entre natureza e adolescentes urbanos. Tentam voltar mas percebem que estão perdidos.

Noite. Dia.

Téo e Joana devoram todos os bombons e as sementes trazidas para formar a horta. Têm medo de comer alguma fruta venenosa ou bichada e passam fome. O cantil já faz tempo que está seco. Os dois andam o dia inteiro, até que vão parar numa praia.

É noite, a lua está meio escondida, um ou outro relâmpago clareia o céu. Joana e Téo ouvem um homem pedindo ajuda. O clarão dos relâmpagos mostra uma pessoa, uma mulher, parece, presa a uma rocha. Se ela não for tirada dali, vai morrer afogada quando a maré subir.

Téo acha melhor voltarem à mata, mas Joana diz que não é certo deixar uma pessoa morrer afogada sem mais nem menos. Pega uma faca, a lanterna e vai cortar a corda que prende a vítima. Medroso, Téo fica olhando tudo de longe. Para surpresa de Joana, a pessoa amarrada é o guia Tadeu, vestido de mulher.

Nisso um bando vestido de mulher, usando máscaras esquisitas e gritando com voz de homem, corre em sua direção, segurando facas e arpões. O guia Tadeu tenta defender Joana com a faca que ela estava usando, mas é desarmado. Téo consegue subir numa árvore para se esconder. Como o grupo está mais interessado em capturar Joana, o guia Tadeu escapa em direção à mata sem muita dificuldade.

O estranho grupo reza uma ladainha, chora, geme. Uma pessoa enrola Joana num véu comprido. Chega alguém dando ordens; deve ser a líder, uma espécie de sacerdotisa envolta em panos, e gorda, um bucho. Como os outros do grupo, usa uma máscara com guelras e barbatanas. O bando evoca uma entidade submarina chamada Sororoca. Um sujeito tem convulsões, outro parece possesso. A coisa toda é igual a um culto com milagres e exorcismos.

Guiada pela sacerdotisa, uma pequena procissão se forma e entra num barco, sempre orando, cada vez mais alto, num frenesi. Joana tem as mãos amarradas e é arrastada junto.

Começa a chover. O barco ultrapassa a arrebentação. Horrorizada, Joana vê a formação de enormes paredes de água ao seu redor. Depois leva um empurrão e cai no mar.

De cima da árvore, Téo tenta enxergar – ou adivinhar – o que estão fazendo com sua amiga. Ela é uma supernadadora, mas não vai conseguir sobreviver com as mãos amarradas. Antes que Téo comece a chorar, um raio cai numa árvore próxima e ele pula no chão, dando um jeito de se esconder em outra parte.

♦♦♦

Joana abre os olhos. Está meio zonza, nem acordada nem dormindo. Uma senhora ao seu lado fala sobre sereias que brincam no fundo do mar. Uma delas é igual a Joana. A menina fecha os olhos e acredita que já deve ter sido uma sereia, ou mesmo um peixe.

♦♦♦

Téo acorda debaixo de um banco de um templo. Está morto de fome. Uma mulher de máscara de anfíbio – ou melhor, um homem vestido de mulher – acende duas velas num altar e entre elas coloca uma travessa feita de conchas com um pedaço de bacalhau dentro. Acima do altar há uma imagem de uma espécie de anfíbio, mistura de peixe, gente e sapo. Parece a máscara da sacerdotisa que liderava os fanáticos da praia. O homem vestido de mulher reza em voz alta para a entidade Sororoca, depois vai embora e tranca o templo.

Téo avança no bacalhau e o devora. Com a ajuda de uma vela, vasculha o local em busca de água e encontra um armário cheio de roupas de mulher e máscaras de anfíbios. Veste uma roupa e escolhe uma máscara. Depois acha uma moringa cheia, bebe quase toda a água e espera.

♦♦♦

Joana se vê entre criaturas meio humanas, meio peixes. Ela tem guelras, membranas entre os dedos, escamas nos torno-

zelos. Na praia, um enorme anfíbio sangra e agoniza, enroscado em uma rede de pesca.

– Papai! – grita Joana. – Não maltratem papai!

Acorda chorando, descontrolada.

A senhora ao seu lado a abraça e consola. E informa: ela tem sido submetida a sessões de reativação da memória para reconstituir sua vida anterior no fundo do mar. Foi hipnotizada, regrediu ao passado com a ajuda de uma droga sem efeitos colaterais.

Meio grogue, a menina vai ouvindo tudo com atenção.

A mulher se apresenta como dra. Alevina Baiacu, pesquisadora. Aquele é o interior do submarino que ela comanda para realizar as pesquisas. Há radares, vídeos, captadores de sinais.

O alvo das pesquisas da dra. Baiacu é uma civilização submarina que teria dado origem à humanidade e que ainda vive naqueles mares, numa profundidade inatingível para os humanos. Essa civilização corre o risco de ser extinta porque os humanos estão poluindo o mar, acabando com a diversidade marinha, provocando um desequilíbrio ecológico.

O contato com essa civilização, garante a dra. Baiacu, possibilitaria uma troca de experiências muito enriquecedora para a ciência. Algumas dessas criaturas vêm tentando se comunicar com os humanos através do assobio dos golfinhos, usando códigos correspondentes aos do português falado pelos caiçaras da região. Lamentavelmente, diz a pesquisadora, o assobio dos golfinhos ainda não foi investigado o bastante, e a única frase que ela conseguiu decifrar até agora foi "Piiuuu iu uiiiu yuuuuiiuu mmmmuiiiiuuuiii", que significa "Não bole na minha farinha de mutacanga que eu não relo no seu escardado de pirumá". ("Não mexa na minha farinha de guelra de cação que eu não encosto no seu ensopado de moela de tainha").

A doutora mostra ainda imagens digitais de uma dessas criaturas submarinas fugindo assustada. As condições de gravação parecem ter sido péssimas, Joana conclui, porque não consegue distinguir mais do que uma mancha desfocada, em formato de girino, se remexendo na escuridão, até desaparecer na lateral do monitor.

A menina fica superdesconfiada, se perguntando o que é que ela tem a ver com aquilo tudo, e por que é que tem sido mantida lá dentro daquele submarino.

A pesquisadora parece ler seus pensamentos. E continua a expor sua hipótese.

É possível que alguns seres do fundo do mar em mutação estejam vivendo na superfície, entre os humanos. Seriam navegadores, campeões de natação, paulistanos que viajam para a praia todo fim de semana por não poderem viver longe de seu ambiente de origem. Joana, nadadora semiprofissional que é, deve continuar a esclarecer o mistério que envolve seu passado. Provavelmente, diz a cientista, ela seja uma dessas criaturas mutantes, em quem teria sido feita uma lavagem cerebral.

Joana repara em seus documentos plastificados, em cima de uma mesinha. Pensa no pai, com quem nunca conseguiu se entender direito, e reflete sobre todas as revelações que tem tido por meio da técnica da regressão da memória.

♦♦♦

O templo é aberto aos fiéis mascarados e vestidos de mulher. Escondido lá dentro, também mascarado e vestido de mulher, Téo dá um jeito de se misturar a eles.

Em alvoroço, os fanáticos fazem genuflexões diante da bandeja de conchas, de onde Téo tinha tirado o bacalhau para se alimentar. Pouco depois chega a sacerdotisa, grave, tensa. Ela começa o culto com um sermão sobre o grande acontecimento do dia: o bacalhau

sagrado, colocado no altar dentro da bandeja de conchas, tinha sido finalmente aceito pela deusa do mar, pois a bandeja fora encontrada vazia naquela manhã. A aceitação da oferenda significa que a Noite da Verdade está próxima.

Os fiéis comemoram com um barulhão danado. Cantam hinos, remoem as ladainhas e repetem em coro os 6 mandamentos da sua seita:

1. Louvar e adorar a deusa submarina Sororoca e submeter-se ao seu poder.
2. Sustentar a seita com doações à Grande Sacerdotisa.
3. Realizar o ritual de sacrifício para aplacar a ira da deusa por roubarem do oceano as suas criaturas, o seu sal, a sua areia, as suas pérolas e os seus tênis importados.
4. Utilizar as máscaras sagradas nos cultos e rituais, resistindo à tentação de usá-las nos bailes de carnaval.
5. Louvar e adorar o Sexo Feminino, vestindo-se de mulher nos cultos e rituais e dando à fêmea humana o privilégio de ser sacrificada à deusa.
6. Na falta de mulher para o sacrifício, afogar um inimigo ou um forasteiro vestido de mulher.

A sacerdotisa faz outro sermão, alertando os fiéis a se prepararem para a Noite da Verdade. Nessa data, Sororoca, a deusa do mar, vai surgir das águas para revelar sua face aos escolhidos e castigar os incrédulos. Os fiéis têm de se armar para a guerra pois os increús irão reagir. A sacerdotisa deve começar a formar seu exército. Anuncia que a reforma do antigo depósito de peixe seco está concluída, dando origem ao primeiro quartel de toda a história do povoado. Pergunta se há voluntários. Diz que os soldados vão ter casa, comida e roupa lavada.

Téo se alista rapidamente.

♦♦♦

O guia Tadeu chega ao acampamento todo estropiado, de saia. Tirita de febre. Delira, fala sobre sapas que afogam pessoas no mar. É levado para um hospital da cidade mais próxima, onde se descobre que ele está com malária. Metade dos mauricinhos e patricinhas do acampamento já tinha ido embora no segundo dia porque não parava de chover e eles preferiam passear num shopping center. A outra metade se raspa de volta para casa assim que sabe que o guia está com malária. Sozinho no acampamento, o monitor acha que já está na hora de avisar alguém sobre o sumiço de Téo e Joana.

O pai de Joana, que no momento faz um ecoturismo na Costa Rica, está com o celular desligado, portanto o monitor não consegue contato. Já a avó de Téo, dona Marina Maresias, quando avisada do ocorrido, nem se abala. É uma engenheira mecânica aposentada, que projetou submarinos para parques aquáticos da Flórida e da Polinésia. Responde que, com relação ao seu único neto, tem a consciência tranqüila. Sempre fez tudo por aquele menino, criou-o a pão-de-ló, entregou-o nas mãos de uma agência de viagens séria e recomendada, e que o que tiver que ser será. "Já trabalhei muito na vida", ela diz ao perplexo monitor, "e mereço passar o resto dos meus dias sossegada, surfando na internet e lendo romances".

♦♦♦

Joana começa a ficar enjoada daquele submarino. Vive zonza, sob o efeito das drogas, sonhando com peixes e moluscos. Sente-se presa. Quer reencontrar Téo e morar na floresta. Diz à pesquisadora que não lhe interessa saber se é uma sereia, uma anchova ou um bagre que sofreu lavagem cerebral. O negócio dela é viver na superfície. Ela está mais para macaco do que para tubarão.

A pesquisadora diz que talvez não tenha sido suficientemente clara sobre tudo que a espécie humana tem a aprender com a

civilização submarina. Que Joana examine pelo menos um dos aspectos dessa adiantada civilização: a reprodução.

Toda aquela população é composta só de fêmeas. Em determinada época do ano, algumas fêmeas adquirem uma cor diferente, além de outras características ainda não observadas, e ficam parecidas com machos, de modo que, fertilizando ovas de outras fêmeas, se reproduzam. Que inestimável contribuição da biologia marinha para o movimento feminista!

Entretanto, prossegue a dra. Alevina Baiacu, para continuar pesquisando a civilização submarina, é necessário ter uma boa verba. Para colher evidências que provem sua tese e evitem que ela seja tachada de louca ou charlatã, a dra. Baiacu precisa da bendita verba.

E a verba não é só para aprofundar as pesquisas, mas também para acabar com a ignorância e o sofrimento de inocentes.

Sofrimento, inocentes?, pergunta-se Joana. Agora mais essa. Aonde é que a pesquisadora está querendo chegar?

Os fenômenos da natureza, diz a dra. Baiacu, precisam ser estudados e explicados para toda a população. Do contrário, sempre aparecerão aproveitadores se fingindo de bruxos, santos ou profetas, para abusar da ignorância do povo, tomar seu dinheiro e lhe causar sofrimento. A própria Joana fora vítima de um desses abusos, empurrada ao mar por fanáticos adoradores de uma tal deusa Sororoca. Eles são liderados por um charlatão gordo que se finge de sacerdotisa.

O que acontece é que os pescadores do povoado também vêm tendo contatos com a civilização submarina há séculos, continua a doutora. Só que em vez de encararem esses contatos como fenômenos naturais, os pescadores acham que são coisa do outro mundo.

O fato de se vestirem de mulher e de sacrificarem fêmeas

nos rituais simboliza o sexo daquela civilização. As máscaras que eles usam procuram reproduzir as feições daquelas criaturas.

Por dependerem totalmente do mar, eles atribuem todos seus problemas à vingança de uma fêmea submarina que julgam ter pleno poder sobre suas vidas, a deusa Sororoca. Ora, continua a dra. Baiacu, se os caiçaras do povoado soubessem que aqueles seres submarinos não são fantasmas nem demônios do outro mundo, mas criaturas reais como nós e os peixes, não doariam seus mirrados caraminguás a um aproveitador que se diz dotado de poderes sobrenaturais! Quantas mulheres inocentes já foram afogadas nos rituais de sacrifício! Quanto dinheiro já foi tomado de pobres pescadores ignorantes!

A seita dos adoradores da deusa Sororoca está crescendo. A conta bancária do charlatão também. Agora, até um exército ele está montando! Joana faz idéia das conseqüências que isso pode trazer? Ela tem de ajudar a dra. Baiacu a provar a veracidade das suas descobertas e a montar um programa de esclarecimento científico aos caiçaras do povoado! E como vai fazer isso?

– Pedindo verba ao seu pai – completa a doutora.

Joana ouve tudo, fascinada. Também acha que a falta de conhecimento científico causa atraso e sofrimento. Além disso, é tão gostoso entender como funcionam as coisas! Mas a dra. Baiacu que a perdoe, pedir dinheiro para o pai ela não vai.

A doutora insiste, suplica, manda a menina deixar de ser tonta. O pai tem dinheiro sobrando. Não vai fazer falta para ele.

Joana diz que não é o dinheiro, é o orgulho. Ela fugiu do acampamento para nunca mais ver o pai e agora vai pedir dinheiro?! Nem morta.

Dra. Baiacu vai perdendo a paciência e começa a gritar. Pois aquela moleca pensa que foi salva do afogamento à toa? Pensa que está lá respirando ar condicionado dentro do subma-

rino, comendo do bom e do melhor, só porque é novinha e tem todo um futuro pela frente? Está certo que, por ser boa nadadora, tem um fôlego incrível. Se não fosse o fôlego, poderia ter chegado morta dentro da câmara de secagem do submarino, depois de ter sido aspirada pelas bombas de sucção, como acontecera com outras moças que a doutora tentou salvar. Mas, se a doutora quisesse, Joana poderia ter sido largada no oceano, para servir de petisco aos peixes como qualquer outra das mulheres oferecidas em sacrifício à deusa. Em vez disso estava ali, sã e salva, toda metida, nariz empinado. Por quê? Porque tem dinheiro. Quer dizer, o dinheiro é do pai. Mas mesmo assim é dela também, quer ela queira quer não. E esse dinheiro a mal-agradecida tinha de conseguir para as pesquisas e o programa de esclarecimento científico da dra. Baiacu, que foi quem lhe devolveu a vida, poxa!

Joana não gostou. Se o pai não mandava nela, quanto mais a dra. Alevina Baiacu. Que o dinheiro fosse para acabar com a seca do nordeste! Que fosse para achar a cura de todos os tipos de câncer! Para descobrir o segredo da juventude eterna! Ela não pedia, não pedia e não pedia!

– Bisca! – xinga a dra. Baiacu, arregalando as narinas. – Pois eu vou entrar em contato com aquele playboy do seu pai e dizer que você foi seqüestrada. E vou dizer também que se ele quiser esta porcaria de filha de volta vai ter que pagar. E caro!

♦♦♦

No templo, um culto à Sororoca é interrompido por uma invasão dos sem-peixe. São pescadores empunhando arpões, varas e facões, que lutam contra os adeptos da seita. Entre eles há um grande número de mulheres, quase todas as do povoado.

Antes de formarem a organização dos sem-peixe, esses caiçaras acreditavam na Sororoca e na sacerdotisa. Há anos vinham entregando suas terras, seu dinheiro, suas mulheres e

metade de sua pesca à sacerdotisa, que lhes prometia fartura de peixes. Mas o peixe estava cada vez mais escasso. Então a maioria deles passou a não acreditar mais nas promessas da religiosa. Agora exigem suas terras e seu dinheiro de volta, já que as mulheres, essas, bau-bau, nunca mais. O líder dos sem-peixe, um biólogo que está montando uma escola no povoado, vem lhes explicando que a falta de peixes no mar tem a ver com poluição e pesca em época de reprodução. E que essa conversa de Sororoca é embromação.

A sacerdotisa tenta impedir a invasão do templo com um sermão. Convoca os rebeldes a testemunharem o poder da deusa na Noite da Verdade. Nessa noite, garante ela, Sororoca vai emergir do mar para cegar aqueles que duvidam da sua justiça.

Muitos dos rebeldes escutam o sermão com um pouco de medo e ficam na dúvida – vai que a tal deusa exista mesmo? O professor reage, diz a seu grupo que a superstição é uma das maiores aliadas da miséria.

Estão nesse blablablá quando o exército recém-formado da sacerdotisa ataca. No quebra-quebra, a sacerdotisa é agarrada pelos cabelos por uma sem-peixe enfurecida. Mas Téo consegue protegê-la e ganha sua amizade.

♦♦♦

Joana acorda num cubículo que só tem uma janela pequena com uma grade. Está presa. Mas onde? Escuta o barulho do mar e vozes de cachorro, de gente, de passarinho. Deve estar na superfície! Grita por socorro, faz um escarcéu danado. A porta abre e entra um dos fanáticos vestidos de mulher, com aquela máscara esquisita. Joana se assusta. Será que vai ser oferecida em sacrifício de novo? No desespero, tenta escapar e grita mais. O fanático a segura firme e Joana tanto se mexe que tira a máscara do sujeito do lugar.

Quando vê o rosto que estava por baixo da máscara, fica apavorada. Conclui que não tem mais ninguém com quem contar neste mundo. Ela só tem inimigos. Está completamente só!

Nisso chega a sacerdotisa, perguntando que berreiro é aquele, dizendo que assim todo o povoado vai ficar sabendo que há uma prisioneira no quartel. O fanático, que ajeitou de novo a máscara no rosto, faz uma reverência à chefe, baixando a cabeça até o chão.

– Traidor! – grita Joana, louca da vida, avançando no fanático e arrancando-lhe a máscara. – Pensa que eu não sei que você é o TÉO MARESIAS, desgranhento?

– Um intruso! – esbraveja a sacerdotisa. – Guardas, prendam este impostor e providenciem para que ele seja oferecido à deusa no próximo ritual de sacrifício!

– Espere um instantinho, Vartão – diz uma senhora na sala ao lado.

Joana reconhece aquela voz. É a voz da dra. Alevina Baiacu, que acaba de entrar no cubículo, muito à vontade, de shorts, chupando picolé de fruta.

Joana fica mais espantada ainda. O que é que a pesquisadora está fazendo no quartel da sacerdotisa? Se ela ia procurar o pai de Joana para negociar um resgate, por que entregaria sua refém à inimiga? Quais seriam as verdadeiras relações entre a pesquisadora e o picareta Vartão, que se finge de sacerdotisa?

– Téo Maresias, o neto da engenheira mecânica Marina Maresias! – diz a dra. Baiacu, passando a mão na cabeça do rapaz. – Que bom ter você do nosso lado! Vou gostar de trabalhar com a Marina novamente!

♦♦♦

A engenheira Marina Maresias pilota um helicóptero em direção ao povoado onde seu neto está preso. Que coisa mais sem cabimento, um moleque novo daquele já se metendo com a

bandidagem, ela pensa. Bandidagem, sim. Sua antiga assistente na Flórida, a engenheira Alevina Baiacu, tinha virado seqüestradora! E ainda por cima era grossa! Passara todos aqueles anos sem dar qualquer notícia à velha colega e amiga, e agora resolvia telefonar só para exigir um serviço em troca da vida do Téo! Bem, dona Marina faria o que fosse preciso para levar o neto de volta para casa e acabar logo com aquele aborrecimento. Depois poderia voltar a passar as tardes navegando na web e lendo ficção.

♦♦♦

Trancados no cubículo, Téo e Joana discutem. Ele diz que ela estragou tudo por não confiar nele. Ela pergunta por que que ele não a deixou escapar, enquanto era seu carcereiro. Ele diz que ela seria presa de novo. Ela diz que não estava em perigo porque sua vida vale o dinheiro do pai. Téo diz que se depender do pai ela vai ser devorada pelos tubarões, porque não há meio de Alevina Baiacu entrar em contato com o sujeito, que está saracoteando por aquela Costa Rica a fora. Aquilo vai direto no calcanhar de aquiles de Joana, que se sente mais rejeitada ainda. Para consertar, Téo diz que não a deixou escapar porque estava tentando achar um jeito seguro de fugir do povoado com ela – o que não seria difícil, já que ele conquistara a confiança da sacerdotisa, que na verdade se chama Vartão Beiço-de-Bagre.

– A pesquisadora finge que é inimiga do Vartão mas os dois são cúmplices na maior embromação que eu já vi – explica ele. – Vartão ganha dinheiro com a seita. Alevina ganha verba para criar falsas provas científicas dos fenômenos em que a seita supostamente se baseia. É a mesma picaretagem explorada de duas formas diferentes: uma forma religiosa e uma forma falsamente científica.

– Deixe ver se entendi. Vartão Beiço-de-Bagre lucra em cima de quem acredita em coisas do outro mundo. E Alevina Baiacu

fatura em cima de quem acredita numa ciência fajuta, uma pseudociência. Uma mentira sustenta a outra.

– Isso.

– Mas não tem um cientista de verdade para desmentir essa história toda?

– Tem. É o biólogo e professor José Tainha Júnior, líder dos sem-peixe. Aos poucos, está conseguindo acabar com a superstição dos pescadores. Tenta reunir provas para desmontar essa bobajada sobre a deusa Sororoca.

– E que bobajada é essa?

– Há muito tempo, Alevina Baiacu, que tinha sido engenheira-assistente na criação de submarinos para um parque aquático da Flórida, resolveu montar um negócio parecido aqui na região. Conseguiu um empréstimo, esboçou a planta do parque e construiu um submarino que tinha um robô parecido com um anfíbio na parte de cima. Mas o credor dela se engajou no movimento pelos direitos dos animais, se tocou que parques aquáticos são prisões de peixes e se retirou do projeto. Alevina Baiacu desanimou, cancelou seus planos e abandonou o submarino com o robô no fundo do mar. A população supersticiosa do povoado cismou que a traquitana em forma de anfíbio fosse coisa do outro mundo. O lugar virou tabu e os pescadores não se aproximaram mais dele. Vartão Beiço-de-Bagre aproveitou e fundou a seita dos adoradores da Sororoca, enquanto Alevina Baiacu criou sua teoria pseudocientífica.

– E o que tem a sua avó a ver com a história?

– Vovó tem de reformar o submarino com o robô anfíbio para Alevina Baiacu poder comandar uma aparição da deusa Sororoca na Noite da Verdade. Com esse suposto milagre, Vartão Beiço-de-Bagre pretende provar aos sem-peixe que a sacerdotisa diz a verdade. Alevina Baiacu vai deixar uma câmera digital hiper-

sensível ligada na praia para gravar a aparição e depois vai tentar divulgar as imagens num programa dominical sobre temas fantásticos. Vai dizer aquela bobajada sobre a civilização submarina que você já conhece e vai anunciar que precisa de doações para suas pesquisas.

Joana sente um arrepio:

– Tenho medo de imaginar o que vai acontecer com a gente, depois do milagre da Noite da Verdade, Téo.

Téo abraça a namorada, preocupado. Nisso chega a sacerdotisa Vartão.

– Acabou a folga. A velhota precisa de braços jovens para reconstruir aquele robô.Vamos ver se vocês prestam para alguma coisa.

♦♦♦

Os trabalhos são fiscalizados por Alevina Baiacu e o robô fica pronto na última hora, um pouco antes da cerimônia da Noite da Verdade.

O dinheiro da reforma sai do bolso do Vartão Beiço-de-Bagre, já que Alevina Baiacu, com aquela lengalenga de pesquisa, continua sendo uma dura. Vartão começa a se sentir explorado pela cúmplice. Acha que a falsa pesquisadora mais atrapalha do que ajuda. O seqüestro de Joana, por exemplo. Se dependessem do dinheiro do pai daquela birrenta, nunca teriam reformado o monstro em tempo para a Noite da Verdade. Vartão pensa, pensa e chega à conclusão de que ele é que tem carregado aquela história de Sororoca nas costas praticamente desde o começo. E decide se livrar de Alevina Baiacu assim que o milagre da Noite da Verdade esteja concluído.

Alevina pensa diferente. Vartão ficou intragável, se achando dono de tudo, acreditando na própria mentira. Ele devia tudo a ela, o mal-agradecido, inclusive a reforma de emergência do robô anfíbio, que só foi feita porque Alevina tinha relações com uma

engenheira especializada no assunto, a Marina Maresias. O mundo precisava saber que grande picareta era Vartão Beiço-de-Bagre. Imagine o sucesso que a dra. Baiacu faria se, além de divulgar seus achados sobre a civilização submarina, denunciasse a embromação da falsa sacerdotisa. Poderia até ganhar o prêmio Nobel! Bola um plano. Vai deixar o submarino sob o comando do piloto automático na Noite da Verdade. E vai ficar na praia, escondida, gravando tudo: várias panorâmicas do misterioso anfíbio e um monte de zooms em Vartão Boca-de-Bagre tirando proveito do fanatismo dos caiçaras.

♦♦♦

A Noite da Verdade é iluminada por uma enorme lua cheia. Os fanáticos entoam a ladainha, liderados pela sacerdotisa. Os sem-peixe também se reúnem na praia, muitos deles ainda com medo da deusa realmente aparecer. Uns rezam, outros choram, uns fazem promessa, outros batem no peito.

No auge do frenesi, o robô se ergue das águas, impressionante debaixo da lua redonda. Os sem-peixe se ajoelham e pedem perdão pela falta de fé. O líder José Tainha Júnior tenta convencê-los de que aquilo é um truque e os incentiva a entrarem no mar com suas canoas para verem que a deusa não passa de uma engenhoca. Eles resistem. José Tainha toma a iniciativa de se aproximar do robô, para dar o exemplo. Três sem-peixe tomam coragem e vão atrás do líder.

O robô se remexe, sacode as barbatanas e, depois de muito salamaleque, submerge.

Nisso as escotilhas se abrem e o submarino é inundado. Marina Maresias, Téo e Joana estão amarrados lá dentro. A terrível Alevina Baiacu programara o computador para que as escotilhas se abrissem depois do milagre, assim que o submarino começasse a submergir. Antes que as câmaras se encham de água, José Tainha

e seus companheiros, que mergulharam para ver o submarino de perto, conseguem entrar pelas escotilhas e desamarrar os prisioneiros.

Joana, Téo e a avó dele tentam pegar tanques de oxigênio, mas quase todos estão vazios. Joana encontra um na reserva, entrega-o a Téo e puxa o amigo para a superfície. Téo entra no barco de José Tainha.

– Cadê a minha avó? – é a primeira coisa que ele diz, antes de começar a chorar.

Joana pega o tanque de oxigênio de Téo e tenta voltar ao submarino para salvar a engenheira. Fica chocada: as escotilhas se fecharam! Dona Marina deve estar trancada! Joana mexe daqui, mexe dali para ver se consegue abrir uma passagem no submarino, mas o oxigênio do tanque acaba e ela volta à superfície.

No barco, ela se junta a Téo, José Tainha e os outros três sem-peixe. Téo chora alto, mas tem que parar para se proteger de um tiroteio. O exército de Vartão está atirando neles. Por sorte os soldados têm uma pontaria danada de ruim e só acertam no barco. Por azar, o barco começa a afundar.

Então a deusa Sororoca emerge do mar novamente!

Fanáticos e sem-peixe recuam, estupefatos. Mas a deusa avança contra a praia e encalha na areia. E todos se surpreendem ao ver que ela está acoplada a um pequeno submarino! A deusa é feita de metal e borracha. De dentro do submarino sai dona Marina Maresias, toda pimpona.

Confusos, os fanáticos e os sem-peixe ficam sem saber o que fazer. Daí começam a xingar a sacerdotisa de um monte de nome feio. Aliam-se e entram num barco para resgatar os náufragos. Alevina Baiacu larga a câmera e sai correndo.

Na praia, José Tainha Júnior aproveita a ocasião para fazer um discurso e lançar sua candidatura a primeiro prefeito do

povoado. Chega um helicóptero da polícia com um delegado, o monitor do acampamento, o guia Tadeu (já curado da malária) e o pai de Joana. O delegado vai tomando pé na situação e as providências cabíveis. José Tainha cata a câmera digital hipersensível do chão, contente por haver muita coisa documentada naquele equipamento.

Dona Maria Maresias explica que achou um tanque com um pouco de oxigênio e que conseguiu fechar as escotilhas, impedindo a inundação completa do submarino e ganhando tempo para manobrá-lo.

O pai de Joana acha aquela senhora admirável, além de muito conservada. E decide que, quando a confusão passar, vai convidar dona Maria Maresias para sair.

Joana abraça o pai, já não sente raiva dele. Ele que vá viver sua vida! Pois Joana também não é suficientemente esperta e corajosa para viver a dela? Além disso, tem a impressão de que pode contar com Téo, um companheirão. Fim.

Cafeteira abriu o e-mail e leu o sim de Maritza ao seu convite, uma mensagem molhadinha, cheia de nhenhenhém, duas vezes a declaração te amo, dando mais coceirinha e formigamento nas partes do professor. Li seu projeto, ele respondeu. Muito inteligente, inteligente demais para a capacidade de compreenção do publico alvo, dúvido que alguma editora queira publicá-lo, quanto mais porque é um livro de uma autôra completamente desconhecida mas gostei da ideia central: a pesseudociência ser tão maléfica para a sociedade quanto a supertição. Eu, poderia traçar linhas gerais de um livro para adultos, da minha autoria para você fazer a redação. Aposto que, muitas editoras, gostariam de publicar a primeira ficção assinada pelo professor Sandoval Cafeteira. Podemos discutir isso hoje a noite... se sobrar tempo... S.

Um romance sem crime nem viagem, explicou o professor Cafeteira, tomando uísque. Isso sim, aí é que eu quero ver. É isso o que eu vou querer fazer, se resolver me dedicar à carreira de escritor de ficção. Por que é que os escritores sempre querem escrever livro com crime? Porque acham que é o único jeito de prenderem a atenção do público. Olhe aqui, na literatura de verdade, Literatura com l maiúsculo, o público que vá para a puta que o pariu, quem manda são a Crítica e a Academia – com maiúsculas. Eu queria escrever um romance para deixar os críticos e os acadêmicos de quatro. Um romance sem crime, sem viagem, sem história, sem ponto, sem separação entre fala, pensamento e narração. Um romance sem personagem esquisito. Coalhado de metalinguagem. Sabe fazer metalinguagem, Maritza? Eu queria escrever um romance que tanto faz o sujeito ler do começo ao fim ou de trás para a frente que ele entende do mesmo jeito, quer dizer, entende não entendendo. Ou não entende entendendo. Sacou, Maritza? Um anti-romance, daqueles que o cara escreve um e um só, porque o troço é tão único, tão singular, tão cheio de personalidade, que não dá para fazer outro parecido. Cê tá vendo aonde eu quero chegar? Cê acha que é capaz de redigir um troço assim? Claro que sou, qualquer um é, um troço sem história, sem ponto, que ninguém entende, isso é a coisa mais fácil de fazer, ela respondeu e foi tomar banho. Sandoval quando bebia ficava muito chato. Ela ligou o chuveiro, ele continuou falando, mais alto, Tudo bem, cê vai me dizer Mas Sando, tem o Crime e Castigo, com crime, tem aquele lá do Camus, O Estrangeiro, também com crime, etcétera e tal, tudo considerado obra-prima. Mas a Crítica e a Academia perdoam o Camus e o Tolstoi. Dostoievski, corrigiu Maritza, um pouco esganiçada, de raiva. Cafeteira sacudiu a cabeça, estava um pouquinho alto, Aliás, Dostoievski, a Crítica perdoa

Dostoievski e Camus, mas vá um escritor de hoje, século vinte e um, escrever bem que nem o Tolstoi, o Dostoievski ou o Camus, a primeira coisa que a Crítica vai fazer é dizer assim: o autor lançou mão da desgastada narrativa tradicional e apelou para o recurso fácil da morte e da violência.

Cafeteira foi para debaixo do chuveiro. Ali na água, tudo limpinho, ele bêbado, não só ficava fácil como também asseado empurrar o dedo indicador da Maritza para dentro do buraquinho onde mamãe tinha passado Hipoglós, ele pensou, e deu risada. Abraçou Maritza e dirigiu a operação desejada. Que delícia, que sorte ter uma mulher assim, ele sorriu, colado à moça, molengo, relaxado, a água escorrendo, o uísque tonteando. O telefone tocou. Era a funcionária do motel, Só tem mais quinze minutos, senhor. Cafeteira pensou em pedir outras duas horas, mas embatucou. Só por causa de um dedo? Um dedo não preenche duas horas. Quem sabe dois dedos preencham. E três? Por favor, tem condições de me reservar mais duas horas?, ele perguntou, mas a funcionária disse que já havia clientes à espera da vaga. Os namorados se vestiram. Em silêncio, cada qual avaliou a noitada. Maritza computou mais um encontro de sucesso fortalecendo seu currículo amoroso, o que projetava a possibilidade de um casamento num futuro próximo. Cafeteira aprovou o próprio desempenho, sem deixar de reconhecer que a participação de uma amante madura e sem preconceitos fora crucial para que ele expressasse seus desejos com tanta liberdade. Com Maritza, Cafeteira se sentia um homem na plena acepção da palavra. Um homem que assumia, enquanto a maioria esconde, o prazer de brincar com o seu puíto. O telefone tocou, Senhor, a Mansão 44 acaba de ser desocupada, há interesse em mudar para lá? Cafeteira pensou. Três dedos. A bem da verdade, não está muito certo isso de homem ficar colocando tanto o puíto à disposição, não. Nem de um dedo, que dirá três. Maritza já

devia saber disso, velha do jeito que era. Será que ela estava sabotando a sexualidade do professor, querendo, no fundo, talvez inconscientemente, transformá-lo em bicha? Que mulher de merda era aquela, que fazia um homem querer transar que nem veado? Duas horas naquele motel custavam uma nota preta. Cafeteira tinha gabarito para freqüentar o estabelecimento com uma mulher que valesse aqueles oitocentos reais, uma menina de dezoito, apertadinha. Uma menina que fizesse um homem querer só uma coisa: meter na sua bocetinha. Uma gostosinha que fizesse um homem esquecer que tem cu. Não, obrigado, Cafeteira respondeu à funcionária do motel, já estamos indo embora.

– Coma um pouco, Mel, cê nem tocou no fettuccine, filhinha.

Melissa fincou a ponta do garfo na massa, os olhos arregalados para o molho. Olhos arregalados, olheiras, Melissa tinha perdido peso, cocaína, credo, o Douglas tremeu. Esse tal noivo dela, um traficante. Melissa cansou de segurar o garfo fincado no macarrão e pegou uma pedra de gelo da coca-cola para chupar.

– Você marcou esta hora mesmo com ele, Mel? Uma da tarde, aqui, neste restaurante, hoje?

A menina empurrou a cabeleira para o topo da cabeça e deixou-a escorregar pela lateral:

– Hum-hum, neste bairro mesmo, Little Italy, a parte que eu mais gosto de Nova York.

Toda encantada, tontinha, com o bairro italiano, e não era capaz nem de comer o fettuccine. Esse Alessandro, um mafioso.

– Ele já está quarenta e cinco minutos atrasado, filha. Fino o sujeito não é.

– O senhor nem sabe o motivo do atraso, pai. Veio do Brasil disposto a implicar com o Alessandro.

– Vim disposto a fazer o que for melhor para você. Primeiro preciso conhecer o moço, certo? Mas se ele não vem...

Não vem mais, claro, está fugindo da raia. Esse Alessandro, um bunda-mole.

– Só mais um pouquinho de paciência, pai.

Tranqüilidade, bom senso. Firmeza. Autoridade. Ser pai: a tarefa mais difícil do mundo. Pior do que lidar com autor e greve de empregados.

– Pai, pede outra coca?

– Mas cê nem tomou a sua, olha aí o copo cheio.

– Tá aguada, puro gelo, ó.

– Mas você só chupou gelo, mesmo. A coca, que é bom, nem tomou.

– Chupei o gelo porque tô com sede.

– Se está com sede, por que não acaba com o gelo?

– Tá bom, o senhor quer que eu fique com dor de garganta, então vou chupar todo o gelo desse copo.

– Não, não chupa o gelo não, menina, peraí que eu vou pedir outra coca.

– Pode deixar, não quero mais.

– Como não quer mais? Insistiu tanto e agora não quer mais a coca. Só de pirraça.

– O senhor acha que eu sou criança, mas eu já tenho dezesseis anos, pai. O senhor devia saber que eu não tenho mais idade para fazer pirraça. Eu não quero mais a coca-cola porque pensei um pouco e lembrei que refrigerante não é saudável.

Bom senso, tranqüilidade. Autoridade. Firmeza.

– Concordo, Melissa. Você não está fazendo pirraça porque já passou da idade. E está certa, coca-cola não é saudável. Não quer gelo, não quer coca, então fica sem tomar nada.

Difícil entortar a hastezinha. Aquilo quando encafifa com uma coisa, nem cristo, dissera a mulher do Douglas, eu conheço a tua filha, só vai sair de Nova York engastalhada com esse tal de Alessandro. Dona Liamara Minestrone, ao contrário, ouviu todo o desabafo do Douglas em silêncio, quando ele lhe explicou porque que estava cancelando a reunião com ela pela terceira vez consecutiva. Mansa, receptiva, dona Liamara até chorou. Douglas pôde sentir naquele coração um amigo discreto. Uma fineza, dona Liamara.

– Olhe aqui, filhinha, vamos encarar a realidade. Esse moço não vem mais.

– Vem sim, papai. Ele é muito ocupado.

E o Douglas não era ocupado? Tivera que adiar um monte de compromisso na Tornatore só para fazer aquela viagem e cumprir a obrigação paterna de arrastar de volta para casa uma irresponsável, uma tontinha que tem a oportunidade de passar duas semanas na cidade mais importante do mundo, no país mais poderoso, onde circulam os melhores partidos do planeta, mas inventa o quê? Inventa de se amasiar com um brasuca que não deve ter nem onde cair morto.

– O que ele faz, filha?

– Um monte de coisa.

– Como um monte de coisa, trabalha, estuda?

– Trabalha.

– Trabalha com quê?

– Trabalha no ramo de importação e exportação.

Esse Alessandro, um contrabandista.

– Onde ele mora?

– Num apartamento.

– Num apartamento onde?

– Aqui em Nova York mesmo, ué.

– Mas em que rua, menina?

– Não sei, nunca fui no apartamento dele.

– Mas ele não disse em que bairro mora?

– Claro que disse, só que eu esqueci.

Esse Alessandro, um homeless.

– Você conhece a família dele, filha?

– Não, pai.

– Onde mora a família dele?

– Acho que aqui nos Estados Unidos.

– Mas em que lugar dos Estados... ah, deixa pra lá, quando ele chegar eu pergunto para ele.

– Tu não tem que ir porra nenhuma! Porríssima nenhuma! Pior ainda se chegar atrasado, dando uma desculpa esfarrapada. Tu não deixou pista, deixou?

– Deixa ver. Trepar a gente trepou no quarto dela, no hotel. Eu nunca me apresentei na recepção.

– Gozou dentro?

– Porra, gozei sem camisinha. Nunca uso camisinha e até hoje não deu merda.

– Bom, se engravidar a menina, deixou pista.

– Será que é melhor eu ficar uma semana nas Bahamas de novo? Ou na Nigéria?

– Não precisa tanto. Que mais que cês fizeram juntos?

– Nada comprometedor. Sorvete de carrinho, cachorro quente de carrinho, passeio de carruagem no Central Park. Tudo do bolso dela. Sei que no terceiro encontro ela já veio com esse papo de casar comigo e depois não falava mais em outra coisa. Fiquei até broxa.

– Que mais?

– Bom, uma vez aqueles babacas da excursão viram a minha cara. E tem a pulseirinha Cartier, né?

– Ah, a pulseira. Seu filho da puta.

Taf! Hum, legal. Alessandro não tinha perdido a mão. A Gaúcha estava dando uma força para ele, e sempre que isso acontecia ele ficava confuso, achando que tinha de ser delicado.

– Filho da puta, veado, corno!

Taf! Taf! Taf! A Gaúcha sentiu o sangue sair da parte de dentro da bochecha. Trilegal.

– Então. Tu encontrou pela segunda vez com ela. Pegou a pulseira, dizendo que ia devolver essa pulseira para mim e me pedir o dinheiro de volta. Entregou a porra da pulseira pro coreano, certo?

– Claro, isso é ponto de honra. Tudo que eu apreendo eu entrego pro coreano. O problema é que eu não devolvi o dinheiro para a Melissa até hoje. Nem estou com a mínima intenção de devolver.

– Então me passe de volta os novecentos que pegou de mim, filho da puta.

– Passo sim, Gaúcha, uma hora destas. A primeira grana que entrar é sua.

Chi. Alessandro ficando delicado. Frouxo.

– Pois eu, no teu lugar, não me preocupava com a menina, panaca. Mesmo que tu apareça vestido de ouro, beijando os pés dela, carregando um neném de vocês nos braços, o pai dela não vai te querer pra genro nem a pau. Porque tu tem cara de pobre, roupa de fracassado e pinta de cafajeste.

Taf! Chut! Belisc! Hum, agora sim.

– Me dá aqui o seu cheese-cake, filha.

Melissa esticou o braço de cetim para empurrar a sobremesa intacta para o Douglas. No pulso fininho, o relógio marcava duas e meia. Olho vermelho, nariz ardido, Melissa não deixou o choro escapar.

– Vamos para o hotel, filhinha. Posso conseguir um vôo até São Paulo amanhã à noite.

– Mas a excursão só acaba daqui a dois dias, pai. O senhor não disse para eu me instruir? Eu quero ficar.

Danada. Ela queria ficar mais na cidade para ver o cafajeste.

– Está bom, pode ficar, Melzinha. Qual é a programação para esses dois dias?

– Amanhã, uma visita à ONU. Depois de amanhã, à Biblioteca Pública.

Dois programas que Melissa certamente evitaria como um gato ao banho.

– Ótimo, filhinha. Vou adorar fazer a excursão à ONU e à Biblioteca Pública com você. Vamos à agência, quero pedir pro pessoal da Sambatur me incluir no grupo.

A marcha do pai da mascote pelo complexo da Organização das Nações Unidas teve um significado especial para os excursionistas da Sambatur. Na missão de proteger a filha menor de idade contra aproveitadores internacionais, Douglas Barroso simbolizava a luta pelos direitos humanos, a manutenção da paz, a proteção de todas as chavascas. O guia Neto, desmoralizado, passou o tempo todo desviando do Douglas. As mães irem reclamar na agência da Sambatur, em São Paulo, que os guias facilitavam a sem-vergonhice das filhas na excursão, era uma coisa. Mas um pai se abalar do Brasil até a ONU, para garantir a integridade da poxoroca da filha, aí já era demais para a cabeça do Neto. O terreno foi doado por John D. Rockefeller Junior, rezava o Neto a sua ladainha tediosa, o arranha-céu é baseado num planejamento do arquiteto Le Corbusier, tem 39 andares e é localizado num espaço aberto, à beira do East River, sendo a única torre solitária de toda a cidade. Mas Douglas e a filha tornavam invisíveis o arranha-céu, o reflexo dos vidros no rio, as bandeiras dos países-membros na frente do prédio de teto encurvado. Cadê a pulseirinha de ouro

que o seu amigo moreno achou para você, menina?, dona Lizabetta atacou de supetão, Uma pulseirinha linda, seu Douglas, que a Melissa tinha perdido, o moço achou para ela e ela nunca mais usou. Localizada fisicamente no lado leste de Manhattan, continuava o Neto para as paredes da ONU, a Organização das Nações Unidas é na verdade território internacional. Mas que pulseira de ouro é essa, filha? Todo o grupo paralisado, esperando a resposta. Uma pulseira que eu perdi de novo, pai. Depois você me conta direito essa história, diz o Douglas, e o grupo se desenrosca, atrás do guia. A ONU tem seu próprio serviço de correio, seu próprio corpo de bombeiros e sua própria polícia.

Em vez da visita à Biblioteca Pública, Melissa sugeriu um passeio a um parque de diversões. Douglas adorou a idéia. Queria ficar longe da turma da excursão. Pai e filha foram para Coney Island, e não importa o quanto as pessoas achem brega ir para Coney Island, Douglas teve de admitir que os dois se divertiram muito mais ali do que se tivessem feito uma viagem pelo tempo à própria Biblioteca de Alexandria, no ano 300 a.C. Melissa se soltou, falou pelos cotovelos, o algodão-doce e o Douglas se derretendo naquele blablablá agudo. Nem parecia que tinha existido qualquer Alessandro. E, já que estava em Nova York, o Douglas achou que não custava nada dar uma ligadinha para o escritório de Spencer Prikston, quem sabe convidá-lo para jantar e apresentar-lhe Melissa. Mas Prikston mandou a secretária dizer que ele estava numa reunião muito importante e não podia atender.

– Novecentos dólares, você teve coragem de gastar novecentos dólares numa porcaria duma pulseira, menina? – berrou a mãe.

– Deixe isso comigo, amor, o dinheiro dessa viagem foi presente meu. Presente é presente – disse o pai.

– Ah, é? Pois eu, basta eu comprar alface lavada, de pacote, que você diz que estou esbanjando.

– Amor, não tem nada a ver uma coisa com a outra, a comparação é totalmente desproporcional.

– Claro que é desproporcional. Para mim um pé sujo de alface, para ela uma pulseira de novecentos dólares!

– Mãe, não chora, pelo amor de Deus, mãezinha – diz Melissa.

– Peraí, amor, o telefone. Alô? Já vou indo. Fale para a dona Liamara que eu só vou me atrasar meia hora para a reunião com ela. Então, amor, e a aliança de cinco mil dólares que eu dei pra você, os colares de pérolas, a tiara da coleção da czarina russa?

– A tiara era de fantasia!

– Tudo bem, era de fantasia. Mas o meu amor não é real? Os casacos de pele, os carros do ano, as compras no shopping, amor, vai agora fazer escarcéu por causa de uma pulseirinha de novecentos dólares?

– É, mas pergunte se eu perdi algum presente que você me deu, pergunte. Pergunte se eu bati um carro, ou se eu deixei algum moleque me roubar uma jóia. Mesmo aquela tiara de vidro colorido eu guardo no cofre. E ela? Ela perdeu a pulseira, bem-feito pra vocês dois.

– Não perdi não, mãe.

– Então deixa eu ver!

– Não está comigo, mãe. Eu emprestei e daí não me devolveram.

– Tonta!

– Calma, amor. Peraí, Mel, você me disse que tinha perdido a pulseira.

– Eu tinha? Tinha nada, o senhor fez confusão, eu emprestei.

– Emprestou, tem que pedir de volta. Para quem você emprestou a pulseira?

Melissa pensou pensou pensou.

– Para o Alessandro.

– Tá vendo, Douglas? Ela deixou a pulseira de novecentos dólares com o cafajeste. Pois você agora tem de recuperar essa bendita pulseira!

– A mamãe tem razão, pai, eu posso pedir a Cartier de volta para o Alessandro. A moça que me vendeu a pulseira conhece ele, e eu sei o contato dela de cor.

Danadinha.

– Nada disso, Mel, esse cara tá morto e enterrado.

– É, tá enterrado junto com novecentos dólares! Douglas, você é um pateta.

– Essa história tá mal contada, Melissa. Para que que um marmanjo vai querer emprestada uma pulseirinha de mulher?

Melissa pensou pensou.

– Para guardar de lembrança.

– Rá, rá, rá, rá!, vocês dois enchem o meu saco mas pelo menos me fazem rir!

– Olhe aqui, Melissa, eu lhe proíbo telefonar para esse cara. Se você ligar para ele, eu ponho a polícia americana, ponho o FBI atrás dele, por roubo de pulseira. Entendeu? Peraí, o telefone. Alô? Ô, dona Liamara. Não, a senhora não vai chegar atrasada na aula, pode ficar sossegada, tô indo, já tô na garagem.

– Me dá esse telefone. Alô, Liamara, ele tá na garagem coisa nenhuma, tá é aqui na cozinha, brigando comigo e com a Melissa. Malandra como ela só, dá uma trabalheira danada. Era muito engraçadinha quando nenê, mas o Douglas estragou ela. Magina, Lia, deixar a menina faltar duas semanas à aula para passear em Nova York! Ela faz o que quer desse pamonha.

A sabotagem de um fotolito foi o que provocou as explosões, há duas semanas, em duas salas de aula do país, durante a reali-

zação de uma experiência proposta no livro didático A Magia da Ciência. O fotolito é uma espécie de filme fotográfico, a partir do qual se imprimem os livros. Um pouco antes de se imprimirem os exemplares que são feitos para o uso dos alunos, o fotolito da página em que estavam as instruções para a experiência inofensiva foi substituído por outro, praticamente igual. A diferença é que, no lugar da experiência inofensiva, foi colocada uma perigosa. Ao seguirem as instruções para a experiência, os estudantes causaram as explosões, que lhes queimaram os rostos e as mãos. Sandoval Cafeteira, que assina mas não assume a autoria do livro, aponta a funcionária Maritza Santacatarina como responsável pela sabotagem. A funcionária se encontra internada numa clínica psiquiátrica estadual, em estado de choque. A diretoria da clínica disse que os médicos ainda não têm condições de prever quando a paciente poderá prestar esclarecimentos à polícia. O repórter Arduíno Rademacker tem outras informações. Arduíno.

Membros da organização Purgatório Agora e do Comitê das Senhoras Católicas da região do ABCD/OSASCO estão reunidos aqui, na frente do prédio onde fica o apartamento do professor Sandoval Cafeteira, em protesto contra a manifestação do Grupo pela Descriminação da Maconha e da Associação pela Legalização das Drogas, acampados bem ali, naquela ilha com gramado, há dois dias. O Grupo e a Associação favoráveis ao uso recreativo de entorpecentes exigem a divulgação imediata do poema Rockordel, na sua versão integral, de graça ou a preços populares. Segundo eles, Rockordel desmistifica e cotidianiza o uso das drogas, e sua leitura contribuiria para uma mudança de disposição da sociedade quanto à questão dos tóxicos, o que promoveria uma atmosfera propícia à realização de um amplo e saudável debate sobre o assunto. Arduíno Rademacker para o Jornal Nobre.

A professora Liamara Minestrone já podia ser considerada uma amiga, pensou o Mateus. Sempre muito fina, tímida, antes se distanciava um pouco do pessoal da Tornatore. Agora estava mais dada, uma simpatia. Foram aquelas fofocas, o Mateus tinha certeza. Contar e ouvir fofocas fizera bem à dona Liamara, deixara-a mais próxima da equipe. Por isso o Mateus teve coragem de convidar dona Liamara para o show de rap na quadra de esportes da igreja.

A professora chegou meia hora antes do show para escolher um lugar de onde pudesse ver bem e ouvir mal os músicos. Sentou-se o mais longe que pôde das caixas de som. Tinha medo de ficar surda em espetáculos daquele tipo, desde que uma sobrinha sua tivera um dos tímpanos lesados durante um show do roqueiro Iggy Pop, em São Paulo. Por via das dúvidas, a professora levou na bolsa chumacinhos de algodão que lhe protegeriam os ouvidos, se o som lhe chegasse alto demais. Contou umas duzentas cadeiras de plástico, dispostas em fileiras, no auditório, mais oito arquibancadas laterais, que poderiam comportar quatrocentas pessoas. Calculou que, entre músicos e instrumentos, mais eventuais mocinhas fazendo côro ou coreografia, o palco teria de ser forte o suficiente para suportar o peso de uma tonelada a cada número musical, tendo-se em conta que estavam ficando cada vez mais gordos os jovens de hoje em dia. O Mateus, por exemplo, era um caso de obesidade galopante. Se seu grupo fosse formado por mais três rapazes com o peso dele, teria de cantar a cappella, ou o palco desabaria com o acréscimo dos instrumentos. O show começaria à três da tarde daquele domingo e acabaria em tempo para a missa das sete. Conforme a professora lera nos volantes, cada banda se apresentaria durante uma hora. Cristo na Veia, da qual o Mateus participava como vocalista, seria a primeira, e executaria souls e raps religiosos compostos por Jão, o baterista.

Dona Liamara Minestrone tirou da bolsa o pequeno binóculo que a acompanhava a óperas e peças de teatro e limpou-lhe as lentes. Um negrinho dentuço tentou lhe vender um livrinho de orações, que ela recusou. O menino sorriu, O senhor esteja convosco, tia, e dona Liamara teve presença de espírito para responder Amém. De uma menina amarelada e com pernas finas ela comprou, um pouco a contragosto, um button vermelho com o desenho da coroa de espinhos de Jesus e a frase Sou coroa mas não tenho espinho. Por três reais, ela comprou de um surdo-mudo uma viseira de papel no formato da pomba que representa o Espírito Santo, de perfil, com a asa aberta, e assim pôde proteger o rosto do sol e ajudar a informatizar a creche.

O jovem padre pulou no palco, cabelos cortados como manda a moda, terno preto e bem talhado, colarinho plástico redondo simbolizando poderes sobrenaturais. Agradeceu a presença de todos, fez um pequeno sermão sobre o pecado capital da avareza, pediu ao público que comprasse a rifa de um celular com dona Berta, na sacristia, e anunciou o Cristo na Veia.

Havia umas trezentas pessoas no evento, Liamara avaliou, quase todas com menos de vinte e cinco anos, classes C e D, três ou quatro office boys que ela já tinha visto na Tornatore. Na segunda música cantada por Mateus, a professora fingiu ajeitar a viseira, metendo os chumacinhos de algodão nos ouvidos sem ninguém notar. Por sorte uma mocinha distribuiu um folheto com as letras das músicas, e a professora pôde desfrutar a poética do rap O Vício Que Não Mata.

Não dê fora, não dê rata, tenha um vício que não mata
É melhor que a cocaína, dá de dez na anfetamina
A pedrinha de um bom crack é uma droga de araque
Sai cola de sapateiro, entra Jesus carpinteiro

Heroína não dá nada, ecstasy é uma piada
Ao tal ácido lisérgico eu já tô até alérgico
Jesus Cristo é meu barato, quero overdose no ato
E o Novo Testamento é a boca que eu freqüento

Deus minha cabeça faz combatendo Satanaz
Uma missa bem rezada é melhor que uma cheirada
A maconha eu já dispenso pelo fumo do incenso
Nunca vi cumprirem pena por rezarem a novena

Com Jesus crucificado é que vou ficar dopado
Essa droga vou tomar, produzir e traficar
Ao bom vinho não resisto, vinho é sangue de Cristo
Vou curtir a Santa Ceia aplicando Deus na veia

No fim da apresentação, a banda de Mateus bisou um número sem ninguém pedir, então dona Liamara teve de interromper sua fuga para o portão e olhar para o palco. Mateus agradeceu o apoio da paróquia, cumprimentou o técnico de som pelo excelente trabalho, iluminado por Jesus, e pediu uma salva de palmas para a professora e escritora Liamara Minestrone, autora de um livro de gramática, a qual tinha abandonado por algumas horas suas lides intelectuais para prestigiar o evento, e estava em pé, bem ali, perto do portão, de moletom azulzinho e viseira do Espírito Santo. Dona Liamara corou sob a asa da viseira, o moletom mais quente e mais azulzinho, o portão mais distante. Jesus Cristo esteja com a dona Liamara, gritou Mateus, e na direção da professora voltaram-se centenas de sorrisos e vozes determinando que Jesus Cristo estivesse com ela.

Mateus pulou do palco, o rosto alegre no meio de uma imensa bola de carne.

– Venha cá, dona Liamara, a senhora tem que conhecer o padre Tiago. Padre, ô padre!

Padre Tiago trouxe o semblante sereno do ofício, atraiu um séquito de crianças magricelas, A bênção, padre Tiago, e a mão dele ficou ensopada de beijos. Perguntou se dona Liamara assistiria à missa.

– Tenho sessenta provas para corrigir ainda hoje, padre, além disso já fui à missa, de manhã – a professora se sentiu ridícula por estar mentindo, mas tinha de aprender a ser cara-de-pau.

Menos uma para contribuir na hora da coleta, pensou o padre. E disse que se dona Liamara tivesse um donativo para colaborar com a reforma do orfanato, que deixasse o cheque com dona Berta, na sacristia. Disse também que se ela quisesse fazer uma adoção simbólica de uma criança órfã, que preenchesse uma ficha, comprometendo-se apenas e tão-somente a fazer um depósito mensal, para a criança, na conta bancária da dona Berta, pessoa de total confiança do padre. Que se ela quisesse ajudar o trabalho da paróquia não com dinheiro mas com a doação de bens pessoais como jóias, equipamentos eletrônicos ou antigüidades, que entrasse em contato com Aparício, vigia do estacionamento da igreja, diariamente das 8 às 8, para o Aparício fazer o carreto. E informou-a sobre um retiro espiritual de três dias, exclusivo para senhoras, na Serra de Itatiaia, com acomodações simples mas confortáveis e refeições caseiras, ao preço de cem reais por dia, inscrições na agência de turismo Êxodus, localizada ao lado do estacionamento.

– Padre Tiago, as meninas estão prontas – alguém avisou pelo microfone.

O padre se afobou.

– Vou lá fazer a apresentação, professora, dá licença. A senhora, que é mulher, vai gostar da próxima banda, formada só de moças. As Filhas de Lot.

Não deu três passos, voltou.

– Eu sei que tenho jeito de mercenário, professora. Mas sem dinheiro ninguém vive. Sem dinheiro não se constrói a casa de Deus. Sem dinheiro não tem creche ou orfanato. Ninguém precisa esconder isso de Jesus. Deus esteja com a senhora.

Mateus gargalhou:

– O padre Tiago é dez, ra ra ra ra ra, uma figura o padre Tiago!

Dona Liamara olhou o padre correr para o palco. As Filhas de Lot afinavam os instrumentos. Guitarra, teclado, baixo. A bateria quem ia tocar era Jão, o baterista e compositor do Cristo na Veia. Padre Tiago tinha mentido, havia um homem entre As Filhas de Lot. Bom para dona Liamara ir aprendendo.

– A baixista é freira, professora – Mateus informou.

Não dava para acreditar. Freira de roupa de couro, maquiagem, botas de salto fininho.

– As aparências enganam os homens, dona Liamara, mas não enganam Cristo. De um lado a senhora tem a Lurdinha, de couro preto, toda pintada, baixista de rock, então a senhora logo pensa: essa é puta. Desculpe a boca suja, professora, porque Deus também me perdoa. A senhora pensa que ela é puta, mas não é, é freira. De outro lado, a senhora tem a Maritza Santacatarina, copidesque de livro didático, então a senhora pensa: essa é santa. Mas não é. É puta mesmo.

Dona Liamara, que estava pronta para ir embora, desistiu. Tinha planejado puxar o assunto daí a alguns dias, mas o assunto despencava no colo dela, de presente.

– Aquela Maritza não é mesmo santa, Mateus, e ainda por cima não é copidesque. É ghostwriter! – envenenou.

Atéia, pensou o Mateus, e puta, mas escrevia o livro do professor Cafeteira. E devia ganhar uma nota preta, circulando no salão de copidesque como se fosse uma funcionária comum.

– Tem cada injustiça neste mundo, dona Liamara.

– Mas é o contexto da editora que favorece uma situação dessa, Mateus. A coisa já vem torta lá de cima.

– Só rezando, puta que pariu, Deus me perdoe.

– Rezando e se mobilizando para mudar o sistema da empresa, Mateus.

– A senhora está coberta de razão.

– Pois então. Eu quero formar um comitê e organizar um abaixo-assinado. Preciso de alguém que pegue os contatos das pessoas, organize as reuniões, cuide dessa parte mais administrativa da coisa. Uma pessoa discreta, ética, inteligente. Você teria alguém para me indicar?

– Deixa ver. Bom, não quero parecer convencido – ele corou. – Mas em princípio pode contar comigo, dona Liamara.

– Muito obrigada, Mateus. Você é bom de guardar segredo?

– Só entrego pro padre, dona Liamara.

– Nem para o padre, Mateus. Só para Jesus Cristo.

Mateus ficou na dúvida. Confissão, para funcionar, tinha que ser feita para um padre.

– O padre não conta nada para ninguém, professora.

– Ora, Mateus, você não vai precisar confessar nada, não vai estar pecando. Pelo contrário, estará lutando contra o pecado.

– Peraí, só para entender melhor. A senhora vai fazer um abaixo-assinado contra a pouca-vergonha da atéia com o autor Sandoval Cafeteira?

– Num segundo ou terceiro momento, sim. Mas antes precisamos fortalecer as bases, preparar o terreno.

– Pode contar comigo.

Mateus tirou uma fita cassete de uma sacola de supermercado.

– O som da minha banda, professora. Ainda não deu pra fazer cd, mas quem sabe no ano que vem. O padre prometeu montar um estúdio melhor.

– O padre Tiago? Tem estúdio de gravação na paróquia também?

– Estúdio de som e de fotografia. Atrás do estacionamento, em cima da imobiliária Manjedoura do Nazareno.

– Que também é da igreja.

– Da paróquia, do padre, da comunidade, dona Liamara.

Dona Liamara pegou a fita e quis os autógrafos. Mateus assinou e foi atrás dos outros artistas, Paulinho e Pedrão. O Jão, baterista, assinaria depois do show das Filhas de Lot, mas dona Liamara se lembrou das sessenta provas que tinha de corrigir até o jantar.

– Então o Jão autografa um dia destes, quando a senhora for na Tornatore. Ele trabalha no departamento de artes.

– Ah, duplamente artista, o Jão – disse dona Liamara. – Vocês são muito talentosos. Muito bonitas, as músicas do seu conjunto.

– Deus seja louvado. Dona Liamara, dá licença, a senhora tem um negocinho branco preso no cabelo.

O Mateus puxou qualquer coisa de uma mecha grisalha, perto da orelha da professora.

– Aqui, um chumacinho de algodão, dona Liamara.

– Algodão? – o coração da professora deu dois pulinhos. – O dentista deve ter deixado cair.

– O dentista da senhora atende no domingo?

– Trabalha de segunda a segunda. Sem dinheiro ninguém vive, como diz padre Tiago. Sem dinheiro não tem orfanato, nem fita do Cristo na Veia! Quanto lhe devo, Mateus?

– Dez reais, professora – ele riu, deliciado.

Os primeiros acordes do show das Filhas de Lot sacudiram a quadra e dona Liamara escapou pelo portão.

Queijo de tofu tipo mozzarella. Salgadinhos sem sal. Pó de café descafeinado para a professora Liamara Minestrone passar um café fresquinho na hora de servir o bolo dietético de milho orgânico. E para relaxar, que ninguém é de ferro, uma cervejinha não-alcoólica. O Mateus, que não se importava em ser gordo, comeria cachorros-quentes. Feitos de pão light sem glúten e salsicha de soja.

As cadeiras em torno da mesa da cozinha da dona Liamara esperavam acomodar oito pessoas. O sofá e as poltronas que moravam na pequena sala tinham sido arrastados para perto do fogão para acolher as cinco que chegassem por último. O computador, instalado entre a fruteira e o cesto de torradinhas de trigo integral, fazia dias que não travava, e não ia ser durante a redação do abaixo-assinado que haveria de travar.

Quem chegou às duas em ponto foi o professor Honorato Rubião. Cego. Pessoa com perda de visão, como preferia dizer dona Liamara, sintonizada com a terminologia progressista que já se expandia pela academia brasileira. Era autor de um livro de caligrafia muito interessante, extremamente lúdico, para ser usado como complemento opcional da alfabetização. Desde que ficara cego por causa de um deslocamento de retina, passara a ditar os trabalhos para a sobrinha, ótima em digitação, péssima em ortografia. Era bem possível que a moça, impelida pela vocação, insistisse em digitar o abaixo-assinado, no lugar do Mateus. Para ganhar tempo, dona Liamara deixou acionado no computador o corretor ortográfico.

As gêmeas Luiza e Luzia Tabuada não se atrasariam, eram autoras de uma coleção de matemática muito forte na área de cálculo, não é possível que não conseguissem calcular o tempo de chegada a uma reunião. De acordo com a mesma lógica, sem rodeios ocuparia seu lugar à mesa o autor de geografia.

– Chegou um fax do professor Américo – avisou Mateus. – Professora Liamara, por motivos alheios à minha vontade não poderei comparecer à reunião. Atenciosamente, Américo Diáspora.

Que pena, comentou Liamara, e o professor Honorato Rubião concordou. O professor Américo Diáspora tinha uma coleção muito elogiada de história geral, e nas conversas ocasionais pelos corredores entre as tapadeiras da Tornatore se mostrava bastante articulado. Um intelectual com potencial para ser um dos cérebros do comitê.

– E-mail da professora Eleonice Crato. Assunto: não posso ir à reunião. Cara Liamara. Acaba de nascer minha primeira netinha, de parto prematuro, e a vovó coruja aqui vai...

– Está bom, Mateus, não precisa ler tudo – dona Liamara se irritou. – Agora desconecte, quem sabe alguém queira me telefonar.

Priiii. Jane Wilson, a autora de inglês, que morava em Alphaville, pediu as coordenadas para a casa de dona Liamara, que ficava nas Perdizes. Estava no Campo Belo, onde tinha ido pegar Luciana Belasartes, autora de iniciação artística, e agora as duas iam apanhar o autor de anatomia, que morava no Bexiga. Conseguiriam chegar antes das três porque aos domingos o trânsito paulistano descansava um pouco.

O professor Honorato Rubião foi perdendo a paciência e sugeriu irem adiantando o rascunho do abaixo-assinado com a ajuda da sobrinha.

– Boa idéia, professor. Mateus, saia daí, deixe o computador para a moça – disse Liamara, um pouco nervosa.

Caros senhores:

Jorge Fernando, Ministro da Educação

Gianfrancesco Tornatore, presidente e sócio-majoritário da editora Tornatore

Douglas Barroso, diretor editorial da editora Tornatore

Nosso país vive um momento histórico crucial. Em face à nova geografia política mundial, à revolução tecnológica e ao velho e seríssimo problema social interno, o governo brasileiro decidiu tomar louváveis iniciativas no sentido de melhorar a qualidade do nosso ensino fundamental e médio.

As novas mudanças propostas pelo Ministério da Educação sintonizam-se com os termos usados pela Unesco em seu Relatório da Reunião Internacional sobre Educação para o Século Vinte e Um, os quais apontam as principais urgências de aprendizagem para o início do milênio: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Ora, é de se esperar que nós, professores e autores de livros didáticos, que estamos entre os grandes responsáveis pela realização desses quatro imperativos da nova educação, já tenhamos concretizado esses mesmos imperativos no bojo do nosso próprio caráter e da nossa própria conduta ética. Mas não é o que ocorre, desafortunadamente.

– Pode tirar esse desafortunadamente, é um advérbio que não acrescenta nada à idéia principal – disse dona Liamara.

– Mas fica faltando uma coisa depois de Mas não é o que ocorre – opinou Rubião. – Sem um advérbio, a frase trunca o ritmo do parágrafo. Não acha, amor?

– Eu acho que a gente pode colocar infelizmente em vez de desafortunadamente – respondeu a sobrinha do cego. – Mas não é o que ocorre, infelizmente.

– Sou contra o uso gratuito dos advérbios – teimou a professora.

– Eu concordo com a dona Liamara – disse o Mateus, embora adorasse advérbios, em especial desafortunadamente, que guardou para usar, um dia.

Dindom. A autora Olinda Pernambuco, de história do Brasil,

pequenininha e delicada, chegou esbaforida por causa do atraso. Mas deu a sugestão que agradou a todos: Em muitas circunstâncias, porém, o que ocorre é o oposto.

Profissionais incapacitados para o exercício de sua função, que deveriam ser orientados a aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, e também a buscar possibilidades de sobrevivência que não as fornecidas pelo magistério ou a escritura, afrontam impunemente

– Tire esse advérbio – disse dona Liamara.

– É, coloque impunes – disse o Mateus.

afrontam, impunes, os profissionais honestos e competentes, sob as vistas grossas e com a conivência dos seus empregadores. Muitos autores de livros didáticos não conseguem escrever as obras que assinam, o que demanda, por parte da empresa, investimentos extraordinários: 1. na contratação de pessoal que faça o trabalho deles; 2. na correção dos erros que eles cometem; 3. na promoção de suas obras forjadas; 4. no tempo gasto com a administração dos seus egos, que adquirem proporções monstruosas em conseqüência de tantos privilégios. O investimento no falso profissional é tão alto que pouco ou quase nada sobra para se investir no verdadeiro.

Fique aqui registrado, como exemplo, o favoritismo com que o professor e autor Sandoval Cafeteira é tratado pela diretoria da editora Tornatore, apesar de o referido autor ter sempre dado provas de grande incompetência profissional e péssima conduta ética.

– Espere um momentinho, gente – sussurrou a pequena Olinda Pernambuco, erguendo o queixo à altura da mesa. – Não acho certo fazer ataque pessoal nesse documento.

– Não é ataque pessoal – disse Liamara. – O que acontece com o Cafeteira é uma evidência científica disto que afirmamos no documento.

– É antiético, percebe? – argumentou Olinda Pernambuco. – Eu assino o documento, mas só se tirar essa parte do Cafeteira.

– Vamos discutir isso quando todo mundo estiver aqui – disse Honorato Rubião. – Por enquanto é melhor terminar o texto.

Nesse sentido, nós abaixo-assinados, membros do Comitê pela Luta Contra o Favoritismo, a Fraude e a Injustiça no Setor Editorial, vimos fazer conhecer nosso repúdio

– Este computador está enchendo o meu texto de erros – reclamou a sobrinha de Honorato Rubião. – Muda tudo o que eu digito. Agora botou acento em repúdio.

Liamara lançou um olhar apagado para Mateus e pediu à moça que não se preocupasse:

– Depois o Mateus revisa seu texto, filha. Ele é copidesque profissional. Vamos continuar.

nosso repúdio à injusta situação acima descrita, situação essa totalmente incompatível com os nobres objetivos da Unesco e do Ministério da Educação brasileiro, quais sejam a promoção do exercício da cidadania e, nunca é demais repetir, a concretização do aprender a conhecer, do aprender a fazer, do aprender a conviver e do aprender a ser.

– Pronto – dona Liamara abriu uma cervejinha. – Agora a gente espera os outros, vê se todo mundo aprova o texto e daí é só assinar.

Priiii. Ôi, Liamara, é a Jane Wilson. Agora que eu e a Luciana Belasartes conseguimos chegar na casa do professor de anatomia, pode? Tinha um acidente aqui perto, o trânsito parou e prendeu a gente durante horas. Só que não tem ninguém aqui na casa do professor. Por acaso ele está aí?

– Não. Quem sabe esteja a caminho. Venham logo, o abaixo-assinado está pronto para ser discutido.

A diminuta Olinda Pernambuco olhou o relógio, suspirou e disse baixinho que só poderia ficar mais meia hora porque tinha outro compromisso, mas que, se não desse tempo de fecharem o abaixo-assinado naquela reunião, ela de bom grado assinaria o texto no dia seguinte, ou quando Liamara quisesse, contanto que esse texto não contivesse termos que desabonassem seus colegas. Dona Liamara respondeu que documentos de conteúdo vago e obscuro não precisavam ser escritos, porque não levavam a nada, e que não abriria mão da objetividade e da clareza, dando nome aos bois. Nesse caso, disse Olinda Pernambuco, gastando num último suspiro todo o ar que lhe cabia nos pequenos pulmões, não tenho mais nada que fazer aqui, desculpe ter tomado seu tempo e até mais ver.

Dona Liamara olhou a criaturinha sair pela porta e ficou na dúvida. Outros autores poderiam se negar a assinar o documento pelo mesmo motivo que a Pernambuco. Talvez fosse possível denunciar Cafeteira de forma menos direta. Honorato Rubião sentiu a hesitação da colega:

– Não abandone sua posição por causa da Pernambuco, Liamara. Tenho certeza de que os outros autores vão enxergar a questão da mesma forma que nós dois.

Dona Liamara achou que estava na hora de servir um pedaço de bolo aos presentes e pôs uma fatia envolta em guardanapo na mão do cego. Ficou olhando-o mastigar. Quando ele deu a segunda mordida, ela já tinha recuperado a confiança no próprio sentido de justiça. Animou-se, pegou o lápis e um bloquinho:

– Vamos ver quem falta chegar, Mateus. Duas autoras de matemática, um de geografia, a de inglês, a de iniciação artística, o de anatomia. São seis. Mais eu e o Rubião, total de oito assinaturas, o que já está bastante bom para um comitê.

Priii. Professora Liamara, disse a Jane Wilson, afobada, sabe aquele acidente? Aquele acidente que aconteceu aqui

perto da casa do professor de anatomia? Pois é, o acidente foi com o professor mesmo! Mas não foi grave, não precisa ficar preocupada. Eu e a Luciana Belasartes vamos direto para o hospital.

Como, não precisava ficar preocupada? A reunião do comitê era um fracasso, e a cretina da professora de inglês ainda dizia que dona Liamara não precisava ficar preocupada.

– Professora, quê que houve? – o Mateus perguntou. – A senhora está pálida.

– O autor de anatomia sofreu um acidente, pobrezinho, mas não é grave – disse com muita fineza Liamara. – À noite eu dou uma ligadinha para o hospital para saber se ele está melhor. Servidos um café fresquinho?

Honorato Rubião e a sobrinha elogiaram o café. Mateus comeu todos os cachorros-quentes e metade do bolo, e depois ajudou Liamara a guardar o lanche que sobrou. Já era tarde demais para chegar qualquer autor. Rubião e a mocinha se despediram, o professor dizendo que essas coisas eram assim mesmo, que dona Liamara não esmorecesse porque a reivindicação dela era legítima, a luta dela era a luta de toda uma categoria, para não dizer de toda uma classe, e que ela propusesse uma nova reunião. Mateus também se despediu:

– Essa reunião não era para acontecer, dona Liamara. Deus sabe o que faz.

Liamara Minestrone pediu ao copidesque o favor de arrastar o sofá e as poltronas de volta à sala, e de ver se dava para conseguir na editora, discretamente, um exemplar da última edição do livro A Magia da Ciência, de Sandoval Cafeteira.

Vinte mil reais é o valor que a revista Leia está disposta a oferecer ao autor de Rockordel pelos direitos de publicação do poema na íntegra. A autoria do texto nunca foi registrada no país.

Até a manhã de hoje, duas mil, duzentas e cinqüenta e oito pessoas tinham entrado em contato com a redação da Leia, dizendo-se autoras dele. Segundo a polícia, que deverá reter o texto até que determinados aspectos do caso sejam esclarecidos, nenhum dos poemas apresentados à revista bate com o que está em seu poder. O professor Sandoval Cafeteira, que muitos acreditam ser o verdadeiro autor de Rockordel, recusou-se a emitir opinião sobre a proposta da revista.

Melissa vomitou de madrugada e Douglas Barroso foi dormir com ela. Uma coisa estragada que você comeu, Melzinha, uma virose, uma gripe, uma somatização.

– Vai ver, está é grávida daquele Alessandro – disse a mulher do Douglas.

Melissa, Mel, docinho, tome um pouquinho de iogurte. Não estou com fome, pai. Uma fruta? meia pera? morangos com sucrilhos? Ai, pai, só de ouvir o senhor falando já me dá ânsia.

– Quando o nenê nascer, Douglas, a gente vai saber como era a cara desse Alessandro.

E se a minha mulher estiver certa?, pensou o Douglas no trânsito, atrasado para a reunião. A hastezinha grávida, credo, tão novinha e já ficando com o corpo da mãe, primeiro o umbiguinho estourando feito um broto de um caroço, depois as bolsas de gordura, as estrias na barriga e nos seios. Tinha que ser virose ou gripe. Qualquer coisa, menos gravidez, puta que pariu.

O trânsito, uma lerdeza. Douglas aproveitou o tempo para definir a pauta da reunião do mês com o Cafeteira. O Corinthians, o Palmeiras, o técnico da seleção. Alguma vagabunda da tevê que posou para a Playboy. Qualquer bobagem sobre o andamento do A Magia da Ciência, que podia ser:

– Professor Cafeteira, a Maritza entregou o capítulo sobre

preservação ambiental na data prevista. E como ela não é de atrasar, deverá entregar o capítulo sobre fontes de energia na data prevista também. Se ela entregar sempre tudo na data prevista, que é o que tem feito, e é o que se prevê que faça, pode-se prever que o trabalho estará completo na data estipulada, o que significa que o cronograma terá sido cumprido. O que o senhor acha?

E o Cafeteira poderia responder:

– Veja bem, Douglas. O fato de Maritza nunca atrasar é inegável, visto que ela tem entregue todos os capítulos na data estipulada pelo cronograma. A nível de previsão, se ela entregar o original todinho pronto na data determinada, isso vai ter um significado muito claro: que não terá havido atraso por parte da Maritza na entrega do trabalho.

– Vou refletir sobre o seu ponto de vista com bastante critério, professor, e na próxima reunião lhe dou um retorno – diria o Douglas, finalizando a discussão sobre o A Magia da Ciência, e partindo para o ponto seguinte da pauta, que era voltar a explorar o aspecto futebolístico daquele encontro.

Quando o diretor editorial entrou na sua sala, o professor Cafeteira estava perto da janela, bufando para as persianas. Tinha um exemplar do jornal O Manuscrito debaixo do braço. Douglas disse Boa tarde, desculpe o atraso.

– Olhe isto aqui – Cafeteira arreganhou o jornal do sindicato em cima da mesa do Douglas. – Vocês têm que processar o filhadaputa que fez isso.

Era uma charge, uma caricatura do professor Cafeteira no quarto, só de cuecas, rabiscando uma pilha de páginas esvoaçantes, as mãos movimentadas por fios de marionete. No comando da marionete, a caricatura de Maritza Santacatarina na forma de uma fantasma transparente, seminua e bem peituda. A charge estava na seção Mexericos da Candinha, que ocupava meia página do

combativo periódico, e que revelava segredos dos colunáveis daquele mundo de tão pouco glamour. Embaixo da charge, o texto: O autor Sandoval Cafeteira pode não entender tanto de ciência quanto sua ghostwriter Maritza Santacatarina, mas o relacionamento deles tem uma química de dar inveja a farmacêutico!

Douglas Barroso fechou o jornal, apático.

– Senta aí, professor, não vai ficar aí de pé, com tanta cadeira vazia na sala. Pode sentar e por favor me diga se tem alguma observação a fazer, algum ponto a levantar sobre o andamento do Magia no mês que passou.

O professor não sentou.

– A Tornatore tem que mandar uma carta pra esse jornaleco desmentindo isso, Douglas! É humilhante!

Douglas olhou a charge outra vez, com calma.

– Eu não acho humilhante não, professor. Pega mal para um homem importante ser sozinho, e a Maritza até que é bem gostosa.

– Não estou falando disso, Douglas. Veja bem, não tenho compromisso com a Maritza, que isso fique muito claro. Mas o que eu quero resolver com você é esta calúnia aqui, esta difamação.

Douglas examinou tudo de novo.

– Não estou vendo calúnia nenhuma.

– Esse troço de ghostwriter, Douglas, os caras estão dizendo que a Maritza escreve o meu livro, caralho!

– Ah, isso? – o Douglas abriu o frigobar. – Servido um copinho d'água, professor? Ou prefere um cafezinho com açúcar mascavo?

O professor não respondeu. O diretor editorial podia sentir no rosto a ventania que Cafeteira soltava pelo nariz.

– Olhe, professor – disse macio o Douglas, – se eu fosse o senhor eu não me preocupava com isso. A contratação de ghostwriter é um procedimento comum. Não vê a autora do livro Língua Portuguesa Na Ponta da Língua, da editora Cuneiforme?

Essa autora já pendurou a chuteira há muito tempo, está caduca, sofre de demência, artrite, artrose, arteriosclerose, osteoporose. E o livro dela ali, todo reformulado, atualizado. É um livro totalmente novo, na verdade. A ghost é a Reiko Nakamura, um doce de criatura, a Reiko, já fez uns frilas pra gente. Claro que ninguém fica chamando a Reiko de ghostwriter, nem nas reuniões, nem pelos corredores da Cuneiforme. O contrato dela é de "prestadora de serviços editoriais". Na página dos créditos, ela aparece como "consultora pedagógica". Porque oficialmente a autora é a velha caquética, tá lá o nome dela na capa, Maria Camões. E o senhor já ouviu falar daquele autor de história do Brasil, da editora Novidade, aquele que mora em Miami?

– O Epitácio Vera Cruz?

– Isso. O cara, um reacionário, escreveu o livro na época da ditadura. Em oitenta e poucos foi para os Estados Unidos, casou com uma cubana rica e ficou por lá. Não quer mais nada com nada. Não deve mais nem saber quem é o presidente do Brasil. O cara tem ghost também, aliás mais de um. Hoje o livro dele é totalmente diferente. Mas ele assina a autoria e ganha os direitos autorais, tudo nos conformes.

– Você está me comparando a uma velha demente e a um reacionário que não sabe nem quem é o presidente da república?

Douglas forçou uma gargalhada por cima do copo d'água.

– Ra ra ra ra, mas que absurdo, professor, de maneira nenhuma, ri ri ri ri, eu lembrei dos dois justamente por causa do contraste gritante entre eles e o senhor. Eu quero dizer é que o fato de ter ghostwriter não tem nada a ver com a capacidade do autor.

O professor finalmente sentou.

– Acho que vou aceitar o cafezinho, Douglas.

Douglas pediu à secretária o café e o açúcar mascavo do professor Cafeteira, e engoliu toda a água da garrafa. O professor insistiu:

– A Tornatore tem que exigir uma retratação por parte desse jornalzinho de merda. A empresa tem que zelar pelo nome Sandoval Cafeteira. Um nome que é o certificado de qualidade do livro. Um nome consolidado no mercado há quase vinte anos.

– Consolidados no mercado também são os nomes Maria Camões e Epitácio Vera Cruz, professor. Até aí morreu neves. O seu caso é outro. O senhor não é um demente que tem um nome que vende livro, o senhor não é um reacionário que tem um nome que vende livro. O senhor é um gênio que tem um nome que vende livro, ponto final. O senhor é bom demais, importante demais, bem-sucedido demais para comprar briga com jornalzinho de quinta. O senhor tem nível para comprar briga com um New York Times, e comprar briga em inglês, que é língua de gente. Esqueça esses merdinhas de sindicalistas.

A secretária trouxe o cafezinho. Douglas fez questão de adoçá-lo. O professor ficou bicando a beirada da xícara, largado na cadeira, domando a idéia. Jornaleco de merda mesmo, melhor deixar para lá, mudar de assunto. Ninguém nem lia aquela bosta.

De volta a sua mesa, a secretária abriu a gaveta, olhou a charge do seu exemplar de O Manuscrito, que estava guardado lá dentro, e telefonou para a secretária do departamento de marketing. Aretusa, ela disse, o desenhista é muito bom, não é?, eu reparei bem na testa do professor Cafeteira, está igualzinha à do jornal, sem tirar nem pôr, e cê viu os peitões caídos da Maritza?, idênticos. Aretusa concordou e entregou umas pastas para o boy, que, quando entrou no elevador, tirou do bolso da jaqueta o seu O Manuscrito dobrado, para mostrá-lo para outro boy. Os dois ficaram rindo da charge, junto com a ascensorista, que estava sentada em cima do seu próprio exemplar, e que mostrou as caricaturas para quase todas as pessoas que atendeu, ao longo de todo o dia. Mateus, que tinha pego um exemplar a mais para dar para a professora

Liamara, foi até o departamento de artes mostrar o dele para Jão, o baterista. A sala de artes tinha exemplares do jornal por todo lado, nos computadores, nas mesas, na prateleira de fotolitos, e muitos desses exemplares estavam abertos na charge do professor Cafeteira com a Maritza. O chefe do departamento de artes da Tornatore, casado com uma revisora da editora Cuneiforme, estava telefonando para a esposa, que lhe disse que no serviço muita gente tinha visto a charge e achado aquilo gozado, apesar de só conhecerem Sandoval Cafeteira de nome, e apesar de aquela Maritza Santacatarina ser uma ilustre desconhecida. Editorial, finanças, pessoal, recursos humanos, marketing, administração, todos os departamentos da Tornatore estavam comentando a charge do jornal do sindicato, distribuído de graça na porta de todas as editoras do estado de São Paulo.

– Maritza, o que você está fazendo?, é o Douglas.

O diretor editorial sempre perguntava O que você está fazendo? de supetão, ao telefone, para dar um susto nos funcionários que não estavam fazendo nada. Estou me controlando para não mandar os seus copidesques para a puta que os pariu, Maritza quis responder. A sala estava abafada de cochichos, trincada de risadinhas maldosas. Cada mesa tinha seu exemplar fechado de O Manuscrito.

– Estou terminando o capítulo sobre fontes de energia.

Todos os olhos do salão voltaram seus maçaricos na direção de Maritza.

– Pode dar um pulo aqui um instantinho?, pediu o Douglas.

Ele só chamava o pessoal à sua sala para duas coisas: dar promoção e bronca. Na Tornatore as promoções estavam congeladas havia anos, e continuavam fazendo parte da estratégia de contenção de gastos. Maritza respirou fundo. Não iria aturar mais humilhação.

– Maritza, você andou espalhando que é ghostwriter do Cafeteira? – disse o Douglas, assim que ela entrou na sala dele.

– Claro que não. Mas se tivesse espalhado, não teria mentido.

– Não é bem assim, Maritza, você sabe que não é bem isso – disse o Douglas, enfezado. Detestava ter que lidar com mulher de cabelinho na venta. Mas às vezes tinha que aturar certas tipas, porque elas tinham boas recomendações e ótimos currículos. – Você foi admitida como copidesque nível III pela empresa, e a empresa espera de você um comportamento condizente com o nome da sua função.

– Minha função é escrever praticamente todo o livro do Sando, quero dizer, do professor Sandoval Cafeteira. E já que estamos falando nisso, eu gostaria de reivindicar a co-autoria do A Magia da Ciência.

Douglas se surpreendeu. A moça tinha topete, não só porque era competente e andava dormindo com o autor, mas também porque tinha consciência da própria capacidade. O Douglas pediu um cafezinho à secretária. Só um, o dele, para mostrar à Maritza o lugar dela.

– Douglas, peça um cafezinho para mim também, por favor – disse a Maritza, firme.

O Douglas pediu um cafezinho para ela também, só para lhe mostrar sua magnanimidade.

– Eu estou reivindicando pouco, Douglas, porque sei que vai ser mais fácil para a Tornatore negociar com o Cafeteira a co-autoria do livro do que me dar a autoria total.

Douglas estava começando a gostar daquilo. Ia ter mais graça esmagar uma funcionária com panca de patroa do que de empregada. A secretária serviu os cafezinhos e olhou Maritza com desprezo.

– Você tem muita responsabilidade e também muita autonomia nessa obra do Cafeteira – Douglas disse à Maritza, quando a secretária saiu. – Isso deixou você confusa. Mas, mesmo confusa, você é inteligente e vai entender a minha lógica. Se você tivesse outra coisa em vista, uma proposta de um concorrente do Cafeteira, você podia chegar para mim e dizer Olha aqui, Douglas, ou a co-autoria do Magia ou isto. Aí eu ia pensar. Mas você não tem esse cacife todo. Claro que você é uma profissional excelente, mas eu não preciso de funcionários excelentes. A grande maioria dos funcionários da Tornatore é apenas mais ou menos, e mesmo assim nós temos conseguido produzir cada vez mais e melhor, graças aos esforços de alguns poucos, entre os quais modestamente me incluo. Você está achando a sua situação ruim, aqui, mas a situação está ruim em todo lugar. Para o empregado, quero dizer. Porque os funcionários de uma empresa só têm um empregador, enquanto o dono da empresa tem centenas, milhares de funcionários. O dono da empresa está acostumado a perder e contratar funcionários quase todo dia. Só que hoje, infelizmente, o dono da empresa está contratando pouco e demitindo muito. A editora Cuneiforme demitiu trezentos, vai continuar cortando pessoal. A editora Novidade, a Sopa de Letrinhas, a Palavra de Honra, todas estão demitindo, fechando departamentos. Eu recebo cem currículos todo mês, cem!, só de gente querendo emprego fixo no meu departamento. Editor desempregado querendo ser copidesque aqui. Copidesque querendo ser revisor. Revisor querendo ser boy. A Tornatore até que andou contratando muita gente, este ano. O meu departamento contratou você, a minha secretária. O departamento de artes contratou o Jão. E por aí vai. Mas nós também estamos esperando perder funcionários, o que é normal, em dezembro. Eu estou dizendo em dezembro porque é quando o pessoal pega o décimo-terceiro, sai de férias e tenta tomar outro rumo. Se em dezembro você estiver

de saco cheio daqui, a gente te demite, te paga uma indenizaçãozinha e pronto. Mas você não precisa esperar até dezembro. Pode sair da Tornatore hoje, se quiser. Agora.

Pois nem precisa perder tempo me demitindo, pode enfiar essa indenização mixuruca no rabo, eu vou embora já, não preciso me esfolar em emprego nenhum, sou uma autora consagrada de ficção, recebo milhares de dólares por mês em direitos autorais, meus livros foram traduzidos para sessenta e sete línguas, sou muito feliz casada com o best seller da sua editora, Sandoval Cafeteira, cujo rendimento mensal, somado ao meu, perfaz um total de algumas dezenas de milhares de dólares, de forma que eu poderei viver confortavelmente, na cidade da minha preferência, sem precisar trabalhar, sem nunca entrar em crise nem tentar me suicidar, até o fim dos meus dias, gostaria de responder Maritza, mas o diretor editorial tinha razão, ela não tinha cacife.

– Douglas, por favor, peça outro cafezinho para mim – ela ainda testou um possível resto de dignidade.

Ele abriu a porta e fez sinal para ela sair:

– Não tenho mais tempo.

Maritza saiu, desenxabida, topando com a curiosidade berrante da secretária.

– Ah, Maritza, venha cá – gritou o Douglas.

Maritza voltou. Quem sabe o Douglas tivesse se arrependido de ser tão duro, quisesse lhe oferecer uma água, no lugar do cafezinho. Bem que ela precisava, o medo tinha secado sua língua.

– Eu acredito que não foi você que espalhou a fofoca – cochichou o Douglas.

Ela forçou um sorrisinho simpático, mas aquilo não era fofoca, pensou, aquilo era tudo verdade, e a simpatia dela ficou sorrindo para o patrão.

Cafeteira começou o quinto uísque da tarde e entrou no jacuzzi, pajeando os órgãos genitais em seu perigoso mergulho nos jatos de água quente e borbulhante. Não vou mais procurar a Maritza para trepar, decidiu. Cairia fora e pronto. Não daria explicação, não se sujeitaria a cobrança de mulher, muito menos uma com quem ele nunca tivera compromisso. Maritza era inteligente, madura, rodada, iria entender. Se por acaso ela ainda ficasse no pé dele, Cafeteira não pensaria duas vezes, tentaria partir para a ignorância. Não sabia se iria conseguir. Seria difícil, para ele, ser grosseiro com uma mulher. Soaria falso, pareceria um mau ator. Mas teria que tentar. A associação dos dois agora seria exclusivamente profissional. E virtual, só através de e-mails. Cada um no seu lugar, autor para cá, copidesque para lá. Porque o professor era capaz de cortar o saco se não tivesse sido a Maritza que contara as fofocas para o jornaleco. Uma oportunista, ela, se aproveitava da intimidade com Sandoval Cafeteira para dar uma de bacana na editora, preparando o terreno para exigir a co-autoria do A Magia da Ciência. Talvez o professor devesse falar de suas suspeitas ao Douglas e pedir-lhe a substituição da Maritza por outra prestadora de serviços editoriais. Uma redatora que soubesse o seu lugar, sem pretensões a ser escritora. Cafeteira imaginou-se disputando a obra com a Maritza, na Justiça. Ela dá um banho, fala mais que o advogado, recita o Magia de cor, impressiona o tribunal com trechos do seu infanto-juvenil, com seu discurso sobre a urgência da popularização da ciência, sobre a premência de se demonstrar à população que as explicações científicas para tudo que acontece são mais fascinantes do que as charlatanices místicas, sobre a necessidade de se unificarem as ciências exatas, humanas e biológicas no estudo de todo e qualquer fenômeno. Ela cita Richard Dawkins, Stephen J. Gould, Edward O. Wilson, compara as idéias deles, para se mostrar. E o juiz,

mesmo sem nunca ter ouvido falar nesses caras, só ali pensando Essa manja, essa prova que tem gabarito para ser a verdadeira autora do A Magia da Ciência. Um pesadelo. Se a Maritza ganhasse a causa, Cafeteira seria capaz nem sabia de quê. Espancar aquela vadia. Melhor ainda, contratar alguém para fazer o serviço. Mandar uma carta-bomba para ela. Sabotar a nova edição do Magia, meter ali uma experiência perigosa sem ninguém notar, um troço que explodisse em sala de aula. Cafeteira riu. Que absurdo. Quanta besteira. Quem sabe ele tivesse jeito, mesmo, para escrever ficção. Virou as costas contra os jatos d'água, abriu as pernas, sentiu as borbulhas lamber seu ânus. Absurdo. Era incrível a quantidade de besteira em que passara a pensar, desde que se metera com a Maritza. Ele, que sempre evitara ficar na presença de bichas, para não sofrer más influências, agora, por influência da copidesque, abria seu puíto a toda uma gama de prazeres sem preconceitos. Na cama, já tinham chegado ao ponto de fazer tudo a três: ele, a Maritza e um conjunto de vibradores. O puíto do Cafeteira reinava, absoluto, sobre os outros órgãos envolvidos na orgia. Todas as ações tinham como fim satisfazer ao diminuto orifício vedado por tensas preguinhas. Maritza, a depravada, parecia ter cada vez mais prazer em se escravizar à faminta cavidade, não fazendo outra coisa senão mimá-la e alimentá-la. Um buraco negro, o puíto do Cafeteira, com a força de gravidade tão grande que sugava até a luz. Cafeteira riu da metáfora científica. Que esculhambação. Tudo culpa da Maritza. Desde que ele se metera com ela, só lhe acontecera baixaria: sexo com mulher na pré-menopausa, transa de veado, caricatura em jornal de quinta, e parece que até um abaixo-assinado contra ele os autores da Tornatore tinham tentado passar, conforme lhe contara, muito por cima, a nanica da Olindinha Pernambuco. Cafeteira saiu do jacuzzi, embrulhou-se no roupão, preparou o sexto uísque.

Através do vapor d'água, o espelho tentava mostrar-lhe uma imagem de velhice e fracasso. O professor soltou uma lágrima para borrar a visão. Acendeu uma bagana que a Maritza tinha deixado para ele experimentar, se tivesse vontade. Quem sabe a maconha lhe desse um pouco de alegria. Só lhe faltava essa, virar maconheiro. O professor acabou com a bagana, relaxou, foi para a sala, esticou-se no sofá. Fechou os olhos.

As taras, umas taras novas que andava tendo, vieram assombrá-lo. Na frente de institutos de depilação, e escondido no carro de vidro fumê, ele espia as clientes que chegam, adivinha-lhes por baixo das calcinhas os novelos de pêlos grossos ao redor dos puítos, e espia as clientes que vão embora, os fiofós desbastados, depois de elas terem se depilado umas às outras, nuas. Espia as velhinhas do instituto geriátrico, deusas do sexo flácido, ressecadas arvorezinhas de pelanca, seios pendendo aos pares, um seio sozinho, viúvo por causa da mastectomia, dentaduras presas em bocas lacradas como puítos, calos nascendo como brotos de batatas, cabelos nevados, e os fiofós esgarçados, favelas sem esgoto. Espia o sapatão da sapataria, uma sapateira de buço farto e seios mínimos, um verdadeiro veadão, caçoa o professor, babá, médica, cirurgiã daquela montoeira de sapato retorcido, moribundo, carente, um sem o salto, outro de correia arrebentada, o de sola furada e o sem sola nenhuma, o preto, o marrom, o feminino, o unissex, o de verniz lascado, a bota de salto gasto só de um lado, todos sobrevivendo para ser pisados até virarem pó, tristes, empilhados na sala de espera daquele Inamps dos sapatos.

Cafeteira sentiu o couro murcho e envelhecido, o cadarço do futuro desatado. Todo homem precisa de uma esposa, e de pelo menos uma filha, para ter quem cuide dele, quando for um sapato velho e gasto. Maritza, escreveu o professor, estou pensando

em pegar você hoje às oito para a gente ir para a nossa mansão. Aguardo confirmação. S.

Pois foi enviar a mensagem pela internet e se arrepender. Como é que eu vou me livrar dessa mulher, se continuar dando mordomia para ela em motel? Um chá de sumiço, é isso que eu tenho que dar, um chá de sumiço, evaporar.

Maritza, não recebeu meu e-mail?, escreveu ele, duas horas depois. Eu sugeri irmos namorar um pouco naquela mansão hoje. Que acha da idéia? Beijinhos do teu Sando. E pensou Vou dar-lhe um cano colossal. De manhã, depois da farra. De manhã eu dou um chega-pra-lá nela.

Maritza, ô querida, é o Sando, disse a secretária eletrônica quando Maritza chegou em casa. Você está aí? Um. Dois. Três. Será que está no banho? Olhe que vou ficar com ciúme do sabonete. São sete e vinte, te ligo daqui a meia hora para ver se a gente vai se encontrar hoje. Tchau-tchau.

Onde será que foi essa mulher?, pensou o Cafeteira, desligando o telefone, será que está parando de gostar de mim?, será que deu para sair com outro? Sentiu ciúme. Viu a Maritza paparicando um puíto desconhecido, realizando com um concorrente do professor o ritual que era tão deles dois, tão mais deles quanto mais bizarro.

Ma, querida, são quase oito da noite, onde será que você foi? Dê uma ligadinha no meu celular, amor, ainda tem meu número, né?, nove três três meia dúzia cinco cinco dois meia dúzia. Estou querendo muito, muito encontrar você.

Maritza avisou o porteiro que não estava para ninguém e apagou as luzes. Ficou escutando um cd pelos fones de ouvido, no escuro. Talvez até as dez horas a turbulência passasse e então ela dormiria, graças ao Lexotan, para estar de pé às seis. Durante aquele dia, tinha decidido dar um fim ao envolvimento

com o Sando e por enquanto estava conseguindo. O problema é que já começava a se derreter com a insistência dele, primeiro o e-mail, depois a secretária eletrônica... Tinha que tirar aquele homem da cabeça. Não tem futuro um casamento em que haja competição profissional entre os cônjuges e obsessão do marido pelo prazer do próprio puíto. A questão do puíto parecia ser mais séria ainda que a da competição profissional. Porque a verdade é que a Maritza, que sempre aceitara, para não dizer que incentivara, a prática do professor, agora começava a suspeitar de que ele fosse gay. Ela nem conseguia formar uma opinião sobre o assunto. Uma hora, achava natural, inocente mesmo, introduzir os vibradores no fiofó do Cafeteira. Ponderava que o procedimento consistia um diferencial na relação entre os dois e colaborava para que o professor preferisse a companhia dela à das amantes convencionais. Outra hora, achava que aqueles vibradores acabariam se voltando contra ela, na forma de uma traição do professor com pintos de verdade. Ah, Maritza precisava se cuidar, aquele negócio estava malparado. Ela ficava deprimida com muita facilidade. Acendeu um abajur e começou a reler Uma Breve História do Tempo, de Stephen Hawking, para ver se agora, mais velha, mais informada, e mais sambada, conseguia entender as passagens difíceis. Do Big Bang aos Buracos Negros. Capa, orelha, sumário, agradecimentos, introdução, e deu tesão na Maritza. Para uma pessoa apaixonada, leitura sem romance é afrodisíaco. Dopa o pensamento, faz com que ele derrape nas palavras, capote para fora do livro e volte à página para escorregar sempre nas mesmas frases, sem atinar com o que elas significam. Na quarta leitura do sumário, Maritza precisou se masturbar com a lembrança do Cafeteira e do nível de excitação a que ela o levava quando lhe manipulava o fiofó. Priiii. Priii. Maritza, disse a secretária eletrônica, será que você

já está aí? Estou vendo uma luz no seu quarto. Vou esperar você atender. Um. Dois.

– Sando, tudo bem?, eu estava pensando em você agora mesmo. Dê uma subidinha aqui, eu tenho uma garrafa de uísque importado.

– Mmmm, acho que prefiro ir para a mansão, bem. Desça.

Maritza vestiu às pressas o pretinho básico de sempre, apanhou a mochila com os vibradores, enfiou ali um projeto novo da sua autoria.

O Cafeteira deixou o projeto dela cair na piscina do motel, junto com o copo de uísque, antes que pudesse fazer a leitura. Passou o tempo todo calado. Maritza não conseguiu encontrar assunto. O sexo? Incômodo. E quando zapeavam os vídeos eróticos em busca de um pouco de inspiração, viram por acaso a cena de um homossexual introduzindo seu falo no ânus de outro, o que fez o pingolim do professor retesar-se, para o constrangimento dele e da amante.

Flagrante no caso Rockordel. Filho de delegado tenta vender poema proibido para jornalista. Veja as imagens. A transação foi filmada por uma câmera escondida na roupa do jornalista, que fingiu aceitar pagar quinhentos reais pelo original completo do polêmico poema Rockordel a Dinamarco Marco Filho Júnior, filho do delegado Dinamarco Marco Filho. O Júnior, de catorze anos, foi abordado pelos policiais enquanto entregava o poema ao jornalista. O delegado Dinamarco Marco Filho é um dos responsáveis pela retenção do poema até que aspectos fundamentais do caso Rockordel sejam esclarecidos. O Júnior, que estava fazendo um estágio com o pai, disse que ia usar o dinheiro para comprar crack.

– Ai, Liamara, ando numa fossa. Depois que a Melissa cresceu e o Douglas entrou na terapia, minha única felicidade tem sido fazer cocô. Me sinto uma inútil, sempre por baixo. Tenho complexo de inferioridade até na hora de pagar a faxineira. Acho que quem inventou aquele ditado Um é pouco, dois é bom, três é demais fez o um pensando no Douglas, o dois pensando nele com a Melissa e o três pensando na palhaça aqui.

Liamara Minestrone espiou em volta para ver se alguém olhava para elas. A mulher do Douglas era assim, tinha mania de conversar no cinema. Liamara na hora se irritava, mas depois esquecia e acabava marcando outra matinê com a amiga. Isso vinha acontecendo desde a estréia de Ben Hur, com o Charlton Heston. No silêncio entre dois trêilers, a mulher do Douglas assoou o choro no lenço e tateou as sacolas de compras na poltrona ao lado.

– Confesso que tenho inveja de você, Liamara – disse ela, quando começou outro trêiler. – Uma, porque construiu uma carreira bonita, edificante, de professora.

– E autora – lembrou Liamara, incisiva. Sua amiga de infância, esposa do diretor editorial da Tornatore, sempre esquecia que a professora Liamara era autora.

– Duas porque você ficou viúva logo. E três porque não casou de novo.

– Fale mais baixo, o filme vai começar – cochichou Liamara.

– Agora o Douglas deu para gritar comigo, Lia.

– Fale mais alto, não estou ouvindo. O Douglas o quê?

– Deu para gritar comigo! – a mulher do Douglas berrou.

Chiiiiu!

As amigas se viraram para trás, ameaçadoras, na direção do chiiiu. Pois quem é que já ia implicar com elas, logo no começo da sessão?

Um homem se masturbando.

As duas se levantaram, Liamara ajudou a amiga a recolher as sacolas. Denunciaram o exibicionista a um funcionário do cinema. Quando voltaram, o malandro tinha sumido.

Filme estranho, desbotado, as imagens balançando rápidas, pouco tempo para se lerem as legendas. Parecia que os atores nem sabiam que estavam sendo filmados. Personagens esquisitos.

– Aquela descabelada com o fundo de garrafa é que é a cega? – perguntou a mulher do Douglas.

– Cega não, o correto hoje em dia é dizer pessoa com perda de visão.

– Muito comprido. Eu vou continuar falando cega e pronto.

– Então eu também vou. A descabelada vai ficando cada vez mais cega e no fim morre enforcada – informou a professora.

Chiiiiu!

Nenhuma delas olhou para trás, com medo de ver o tarado.

– Não sei se fiz bem em ter vindo, Liamara. Diz que é um filme muito triste.

– Ganhou o Festival de Cannes, então deve ser bom. Vamos prestar atenção.

– Não consigo prestar atenção em nada, Liamara, nem na coisa mais triste do mundo, enforcamento de cega, judiação de bichinho, estupro de órfão. Mais triste ainda é a dor que eu trago dentro de mim. Mas a burra da ceguinha está guardando dinheiro numa tábua de passar roupa? Impossível, hoje em dia todo mundo põe o dinheiro no banco.

– Diz que a história se passa nos anos sessenta.

– Ah, bom. Naquele tempo não tinha banco nos Estados Unidos. Ou é na Suécia? Cê não me falou que o filme era na Suécia, Lia?

– A história é nos Estados Unidos. O diretor é escandinavo, filmou tudo na Suécia porque tem medo de viajar de avião. Agora tente prestar atenção no filme, vai fazer bem para você.

Alguém bufou atrás delas, impaciente.

– Ah, agora a imagem ficou colorida. Credo, isso lá é lugar de dançar?

– Numa fábrica!

– E que música estranha.

– Filme que ganha o festival de Cannes é diferente mesmo.

– Você devia ter me falado, Liamara, eu não tinha vindo. Só vim porque precisava desabafar com alguém.

– Cinema não é lugar de conversar.

– Olha quem fala. Você não parou de conversar desde a hora em que a gente entrou.

O funcionário do cinema aproximou-se com uma lanterna.

– As senhoras podem parar de conversar, por favor? Tem gente reclamando.

A mulher do Douglas gritou:

– Então já que o senhor está aqui aproveite e veja se agora consegue achar aquele tarado!

O funcionário afastou-se, aborrecido.

– Viu só? – disse Liamara. – Já foram reclamar de você.

– Reclamar de mim, todo mundo só faz isso, reclamar de mim. Tudo que acontece de errado é culpa minha. A Melissa é fútil? Culpa minha. Saidinha? Não tem curiosidade científica? Culpa minha. A gasolina subiu? O Corinthians perdeu, uns palestinos explodiram uns israelenses, uns israelenses fuzilaram uns palestinos, um autor da Tornatore está atravessando momentos difíceis? Tudo culpa minha!! Imagine, Liamara, que o Douglas disse que eu sou culpada de uma piada que saiu no jornal, dizendo que é a amante do Sandoval Cafeteira que escreve os livros dele!

– Não me diga – cochichou Liamara, que ouvira a mesma fofoca da própria amiga, em primeira mão.

– Pois estou lhe dizendo! O Douglas me disse Você que deve ter ido contar tudo para o jornal, só para me arranjar problema. Eu falei Não contei para jornal nenhum, eu só contei para a Liamara.

– E o que ele disse? – a voz de Liamara tremeu num fio.

– Que você era fina, que de você não iria sair fofoca, que a coisa só podia ter vindo de mim, que sou vulgar.

– Que injusto. Olha lá a cega arrebentando a cabeça do policial.

– Não presto para nada. Sou uma intrusa na minha própria casa. Parece que o casal lá dentro é o Douglas com a Melissa. Sabe que eu acho que ela está grávida, Liamara?

– Não é possível. Uma menina tão inteligente, tão confiável – disse a professora com toda a delicadeza. E ávida: – Quem você acha que é o pai?

– Sabe que me veio uma idéia maluca, Liamara. Para você ver como estou deprimida. Eu estou desconfiada que o filho é do Douglas.

– Ah, Liamara, você está louca. O Douglas não seria capaz de fazer uma coisa dessa – disse a professora, pensando Aquele calhorda é capaz de tudo.

– É, estou ficando louca. E quem está me deixando assim é minha própria família. Uma hora dessas acabo fazendo uma besteira.

– Preste atenção que a cega vai ser condenada à morte.

Melissa escreveu o endereço no envelope e releu sua carta.

Para Alessandro, aos cuidados da Gaúcha.

Querido Alessandro

Você deve estar surpreso ao receber esta cartinha, porque faz muito tempo que não tem notícias minhas, exatamente cinco dias. Estamos mais ou menos quites, porque eu nunca recebi nenhuma notícia sua.

Além de não saber das suas novidades, outra coisa que eu não sei é por que que você não foi ao almoço comigo e meu pai, em Little Italy. Perdeu um fettuccine delicioso. Quem disse que o fettuccine estava delicioso foi meu pai, porque eu mesma só chupei gelo. Estava muito nervosa com o seu atraso. Tive medo de que você tivesse morrido. Confesso que este medo ainda não passou. Se você não estiver morto, por favor me avise. Não posso passar suspense nem nervoso.

A Gaúcha lhe deu os recados que eu deixei na secretária eletrônica? E os telegramas que eu mandei para você, aos cuidados dela? Talvez eu não tenha lhe dado o meu contato certo. Vou mandar tudo de novo: Melissa Fernanda Capistrano de Almeida Barroso, Rua tal, fone, e-mail, Melissa conferiu direitinho o contato que estava mandando pela quinta vez e continuou lendo a carta.

Eu lhe disse muitas vezes que o amava e que o amaria para sempre. Era tudo verdade, pois já faz três meses que nos conhecemos e eu continuo amando-o. Como o amor é um sentimento puro e sem interesse, eu nunca vou lhe cobrar os novecentos dólares que me deve. Meu pai até ameaçou colocar a polícia americana atrás de você, para recuperar esse dinheiro. Mas pode ficar tranqüilo, eu sempre convenço papai a fazer as coisas que quero. Se ele levar para a frente esse negócio de polícia americana, eu vou convencê-lo a ir comigo aos Estados Unidos para acompanhar o caso de perto, e garantir que a polícia não seja violenta com você.

Agora vou contar a minha melhor novidade. Adivinhe o que é. Vou dar uma pista: é a coisa mais linda que pode acontecer na vida de uma mulher.

Estou grávida. E o pai é você, meu amor. Não é maravilhoso? Imagine que papai e mamãe, quando viram o resultado positivo, quiseram me levar a uma clínica para fazer um aborto. Mas como eu lhe disse, papai faz tudo o que eu quero, e acabei convencendo-o

a ser vovô. Sinto-me muito feliz por ter o seu DNA dentro de mim, Alessandro. Não vejo a hora de olhar o rostinho do nosso bebê e apresentar-lhe o pai.

Muitos beijos, meu amor, eu o amo como nunca amei e nunca vou amar.

Sua para sempre, Melissa

Melissa

Infelizmente não pude entregar tua carta a Alessandro porque tuas suspeitas não eram em vão sendo que ele não se encontra mais neste nosso mundo pois faleceu num desastre de carro. Infelizmente também, não sei onde ele está enterrado. Não conheço ninguém da família dele pois sempre viveu sozinho não sei porque pois sempre foi um homem bom e honesto.

Vou mudar para outro país amanhã. Peço o favor de não me mandar mais carta para este endereço nem me telefone pois aqui terá outro morador que não vai querer invasão de privacidade no apartamento dele.

Reza para a alma de Alessandro que será o melhor gesto de carinho teu para ele.

Sem mais,

Gaúcha.

– Pronto. Vá já no correio, que a carta chega em cinco dias.

– Será que não é melhor mandar um telegrama?

– É jogar dinheiro fora.

– Obrigado por tudo, Gaúcha.

– Obrigado o caralho, vá abaixando as calcinhas e me enchendo de porrada!

Alessandro morreu de rir da piada da Gaúcha. Ela também riu, mas ficou esperando a coça, olho parado, lábio brilhante. Alessandro disfarçou um bocejo. Cacete, dar porrada também era um trampo, cansava o braço, machucava a mão.

– Agora não dá, Gaúcha, tenho um lance no coreano.

– Ok, pode ir, eu tenho um lance para contar para a Melissa – ela pegou o telefone.

Taf! Chut! Belisc!

Muita delicadeza, a dona Liamara dar a notícia em primeira mão ao Mateus. Assim ele teria mais tempo para se preparar para o teste do que os concorrentes, porque o concurso da Tornatore para o estágio numa editora dos Estados Unidos só seria anunciado dali a um mês. Mateus estaria sendo um pouco desonesto com os colegas copidesques, mas padre Tiago lhe daria o perdão de Cristo na confissão, além de um desconto na matrícula para o curso de inglês da igreja.

– Não tem erro, quem dá o curso é um padre irlandês – Mateus explicou a Liamara, que tentava convencê-lo a estudar no Alumni. – O padre Brendan fala inglês sem sotaque, dá aulas baseadas em letras de rap.

O estágio era um acerto entre a Tornatore e a corporação representada pelos executivos americanos que tinham visitado a editora meses antes. Uma espécie de namoro sinalizando casamento.

– Os americanos sabem que livro didático no Brasil é negócio seguro, Mateus. Com crise ou sem, é venda certa de milhões de exemplares para o governo.

O estágio aconteceria dali a seis meses. E não seria de graça.

– Americano não dá ponto sem nó, dona Liamara.

Os estagiários pagariam uma porcentagem das depesas de acordo com seus rendimentos. O copidesque quarenta e cinco por cento, o editor quarenta e seis, o autor quarenta e sete.

– Sempre sai ganhando mais quem já tem muito, dona Liamara. Quero dizer, a senhora bem que merece. Vou torcer pela senhora.

Além de acompanhar a produção de um livro acadêmico na editora americana, o autor daria uma ou duas palestras numa universidade, sobre seu trabalho publicado pela Tornatore.

– Inglês fluente para dar palestra quem tem são só três, Mateus. Jane Wilson, Américo Diáspora e eu.

A autora de inglês, Jane Wilson, viajava muito para os Estados Unidos para se atualizar e ficava na casa da mãe, em Connecticut.

– Essa já deve estar enjoada de aeroporto, dona Liamara. Não vai nem se inscrever no concurso.

– Mas o Américo Diáspora é cultíssimo. E para o trabalho dele eu tiro o meu chapéu.

– É o único que tem nível para concorrer com a senhora, só que está sempre cheio de compromissos.

– Pois eu não sei?

Tenho um compromisso inadiável fora a justificativa de Américo Diáspora para não participar da segunda reunião do Comitê pela Luta Contra o Favoritismo, a Fraude e a Injustiça no Setor Editorial. Outros autores deram desculpas variadas, Nunca posso aos sábados, Domingo para mim é sagrado, Eu só das duas às quatro, Eu só das quatro em diante, Vou ter visita, Vou viajar, Vou ter stress. O professor Honorato Rubião, que dava apoio incondicional à luta liderada por Liamara, teve que admitir que era impossível equacionar um horário para a reunião, e a idéia de formar o comitê foi abandonada.

– A única copidesque que é páreo para mim, nesse concurso, é a Maritza, professora.

– Porque é inteligente?

– Não. Porque é solteirona. Todas as outras copidesques têm filho pequeno e muita despesa em casa. Não têm tempo de aperfeiçoar o inglês nem coragem de largar o marido sozinho durante uma semana.

– Então aproveite, Mateus, porque, quando casar, as coisas não vão ser tão fáceis.

– Eu, casar? Com voto de castidade fica difícil, dona Liamara.

Dona Liamara perturbou-se, não queria conversa íntima com o copidesque. Bastava-lhe saber que ele morava com a mãe, uma velhinha exausta que vivia implorando ao filho que se tornasse padre e saísse de casa, porque era desmazelado e comia demais.

A mulher do Douglas não soubera dizer a Liamara em que cidade seria o estágio. Talvez em Nova York, onde a multinacional tinha escritório.

– Tem igreja católica em Nova York, professora? Que tem missa protestante eu sei, aquelas missas de negros cantando gospel.

– Nova York é a sua cara, Mateus. Tem tudo de que você gosta. Grupo de rap, então, nem se fala. E tem a sede da Sociedade Americana para Estudos, Tradução e Divulgação da Bíblia Sagrada.

– Puta que pariu, dona Liamara, peraí que eu vou anotar isso, como é que é? – afobou-se o Mateus, balançando as bolsas de carne flácida.

Não precisava anotar nada, a professora tinha impresso todas as informações do web site da organização especialmente para ele.

– O quê quer dizer isto aqui? – ele apontou um trecho da folha impressa, envergonhado pelo mau inglês.

– Que a sociedade bíblica tem uma magnífica coleção de exemplares raros das Escrituras.

Mateus ficou olhando a folha, o beiço inferior caído sobre a papada. Logo conseguiria ler a bíblia em inglês. Uma língua é um universo, dissera dona Liamara. Antes assim. Porque a bíblia em português, que Mateus já sabia de cor e salteado, ele não agüentava mais reler.

A nota sobre o casamento do professor e autor Sandoval Cafeteira com Melissa Fernanda Capistrano Barroso saiu no jornal do sindicato com o habitual revestimento de dignidade e bons auspícios dado às notícias de casamento. Os nubentes chegaram a ser assunto de um dos mais importantes jornais do país, numa notinha cavada com extraordinária insistência pela assessoria de imprensa da Tornatore, na coluna de Joyce Patachócski. Quando a notícia do casamento se espalhou, o ar da Tornatore ficou mais limpo, a luz entrou mais branca pelas janelas, as funcionárias tiveram conversas leves de tule e chantili. Douglas Barroso sorria, sua secretária sorria, sorriam as copidesques, os boys, as telefonistas, todos os departamentos. Os solitários e os autônomos sorriam porque queriam casar. Os malcasados sorriam porque queriam casar de novo, desta vez com a pessoa certa. Os bem-casados sorriam porque sim. Pois a assinatura de um contrato de casamento não é mais importante do que a assinatura de um tratado de paz internacional? E o molde de um vestido de noiva não demanda mais empenho do que um projeto de moradia para todos os sem-teto do planeta? Juntos, todos os velórios da história da humanidade não conseguiram produzir um décimo das lágrimas vertidas durante a marcha de um único casal em direção ao altar. Os casamentos despertam mais boa vontade nas pessoas do que o sacrifício de um mártir, e, mesmo nos rincões mais miseráveis de qualquer cidade, fazenda ou empresa, há sempre quem tome a iniciativa de fazer uma vaquinha para comprar um presente para os noivos. Então sorria também o Mateus, colaborando na compra de um jogo de copos de cristal bico-de-jaca para um boy entregar aos recém-casados em nome da equipe de copidesques.

Dessa vaquinha não participou Maritza Santacatarina, que passou mal durante o almoço e pediu para ser dispensada, uog,

entrou correndo no apartamento, uog, a traição do Sandoval saindo pela boca, uog, vomitou tudo na privada. Sozinha, no quarto, a dor insuportável, Maritza procurou a cartela de Lexotan, tomou os três últimos comprimidos e se enfiou debaixo do lençol. Reviravolta no estômago, na cama, no quarto, na vida, não dava para entender, o relacionamento com o Sandoval estava ficando cada vez mais forte, mais cheio de cumplicidade, soluçava a Maritza, os pensamentos dopados tentando fazer sentido. Era um relacionamento sólido, verdadeiro, porque era primitivo, puro, sem-vergonha, sem máscara, fundamentado nos desejos egoístas do Sandoval. Maritza era a escrava certa para ele. Vou dizer uma coisa que até hoje não tive coragem de dizer nem a mim mesmo, o Sando confidenciara, no motel, Eu quero transar com homem, e a Maritza ficara com lágrimas nos olhos por merecer tanta confiança, Mas eu nunca vou ter coragem, ele dissera, então você fica brincando de vibrador comigo, e Maritza sorriu de alegria: aquele amor era para sempre. De repente, o golpe. Não dá para entender, agora vou dormir, quando acordar eu morro.

Para Cafeteira, aconteceu o que tinha que acontecer, e se a Maritza não entendeu, problema dela. Qualquer mulher com um mínimo de massa cinzenta sabe que não pode esperar nada de um relacionamento que nunca sai de dentro de um motel. Ele não tinha obrigação de ser babá dela. Já lhe dera muito trabalho se arrastar para fora do pântano de equívocos pessoais e profissionais em que ela o afundara. Os jornais, a mídia, isso tudo é uma antena, isso capta e dá uma expressão ao que se passa nos subterrâneos da sociedade, na alma humana. Quando se metia com a Maritza, Cafeteira, na visão da mídia, era uma caricatura numa charge. Agora, com a mulher certa, que diferença. Nota respeitosa, coluna social. O casamento com a filha do Douglas era sua reabilitação, erguia-o de volta ao nível em que a sociedade

o colocara. Era simples assim. Logo eles teriam o bebê, e o professor seria o chefe de uma família jovem e linda que cuidaria dele, quando velho.

Melissa chorou dois dias seguidos a morte de Alessandro. Douglas sofria pela sua hastezinha, Te levo num analista, Mel, nenhum homem merece isso, nem o papai, toma seu Ovomaltine. E os dois choravam juntos, abraçados, na cama dela, a porta fechada. A mulher do Douglas ficava chorando sozinha no banheiro e tendo as idéias.

– O professor Sandoval Cafeteira, que homem interessante, não, Douglas? Tá lá com a vida feita, sozinho, desperdiçado. Convida ele para jantar aqui esta semana. A Melissa precisa receber visita.

– Um boçal – rosnava o Douglas. – Não tenho a mínima paciência.

O rosto da Melissa inchando, a barriga crescendo. O Douglas com ela, nas consultas ao obstetra, e a mulher do Douglas tendo as idéias.

– O professor Cafeteira, tão rico e tão sozinho. Deve estar louco para casar e ter filho. Não demora muito e alguma lambisgóia vai fisgar aquele partidão.

– Aquilo não presta. Só quer comer copidesque.

Melissa engordando, o bebê chutando, e o Douglas tendo as idéias.

– Manda a Maria preparar uma paeja sexta-feira. E manda a Melissa se aprontar bem bonita que eu vou convidar o Cafeteira para jantar.

Um velho, não quero esse velho, tenho nojo de velho. A mulher do Douglas achou que Melissa reagiria assim, quando ele explicasse para a filha as idéias para um possível casamento com o professor Cafeteira. Mas não. A menina saiu do quarto mansa,

de mãos dadas com o pai, os dois com cara de quem está escondendo alguma coisa.

Melissa teria uma ou duas ou mesmo três casas só dela para encher de tudo que quisesse comprar com o montão de dinheiro a que teria acesso por estar casada com um homem rico que lhe lembrava muito o Douglas e que daria a ela e ao filho uma pensão altíssima quando ela enjoasse de tanta felicidade e quisesse pedir o divórcio. Melissa linda, vestida de azul, no curto período de um jantar empurrou sete vezes a cabeleira para cima da cabeça, deixando-a cair de lado em cascatas brilhantes, para os olhos sonhadores do professor.

Dona Liamara Minestrone não pôde faltar à recepção íntima na residência do casal. Não faria essa desfeita à mãe da noiva, sua amiga de infância. Viu um Cafeteira patriarca, limpo, cheio de dignidade, enfiando docinhos na boca da mulher, seguindo-a pela casa com alguma coisa na mão, um guaraná, um canapé, um guardanapo, desfilando abraçado com ela e parando na frente das pessoas para pousar o ouvido na barriga da futura mamãe e dizer Ele falou papai, ou então Ôpa, piada suja não, filho.

As famílias das vítimas de uma experiência proposta no livro didático A Magia da Ciência assistiram hoje cedo a uma missa ao ar livre, na frente da editora Tornatore, pela agilidade no pagamento das indenizações a que afirmam ter direito. Durante o sermão, o padre Tiago, que teve a idéia de realizar a missa, incentivou as famílias das vítimas a exigirem o máximo que lhes permitir a lei dos homens, porque, segundo ele, esse valor não é nada, se comparado com o valor do perdão de Deus ao terrorista arrependido. Nosso repórter José Madressilva tem mais notícias. José. Marília, a missa acabou agora há pouco e a situação está um pouco tumultuada aqui na frente do prédio da editora Tornatore.

Algumas senhoras ficaram incomodadas com a presença de representantes da organização Militância Lésbica na missa. Senhora, por favor, o que está acontecendo? Olha, Madressilva, essas moças, se é que eu posso chamar essas pessoas de moças, sabiam que a missa ia aparecer na televisão e vieram para cá com esses cartazes. Nós não temos nada contra elas, somos todas filhas de Deus, mas se elas quiserem aparecer, vão rezar sua própria missa, que esta aqui é uma missa de famílias de respeito. Obrigado. Vamos então saber a opinião de uma militante. Nossa luta, Madressilva, é pelo direito de sermos cidadãs lésbicas. Nossa luta é pela defesa da cidadania. Nesse sentido, nossa luta também é a luta destes cidadãos honestos e trabalhadores pelo direito à sua indenização. Comparecemos à missa para nos solidarizar com essas famílias e também para exigir, perante as câmeras do Jornal Internacional, a divulgação do poema Rockordel na íntegra, porque os trechos a que tivemos acesso indicam tratar-se de uma obra que aborda a questão da homossexualidade feminina com muito respeito. Obrigado. Marília, é com você. Obrigada, Madressilva. Mais um desdobramento do caso Rockordel: a polícia divulgou à equipe do Jornal Internacional que o polêmico poema foi encontrado numa pilha de originais candidatos a publicação, recebidos por uma grande editora carioca. O texto, enviado há três meses como carta registrada, só foi descoberto agora pela assistente encarregada da primeira triagem. Nele consta o nome Maritza Santacatarina como sendo o da autora, acompanhado do que parece ser a sua assinatura a mão. Esse fato, junto com a data da postagem, é uma forte indicação de que Santacatarina seja a verdadeira autora de Rockordel, já que ninguém provou ser. Veja as incríveis imagens da assinatura e do envelope com a data postal, captadas pelo nosso cinegrafista especial Vittorino Storaro. Maritza Santacatarina é a copidesque

acusada pelo autor Sandoval Cafeteira de ter sabotado seu livro didático A Magia da Ciência, provocando explosões e ferimentos em vários estudantes. Daqui a pouco no Jornal Internacional: pato de estimação salva vida de deficiente obeso nos Estados Unidos.

Ah, coisinha fofutcha, posso segurar um pouco? Meudeus, que bebezinho mais lindo. Credo, que careta mais feia, acho que ele não gostou de mim. Aretusa, venha aqui ver que coisinha mais gostosa.

Nooossa, Judite, me dá aqui, posso, Melissa? Ai, que vontade de ter outro filho, eu vivo insistindo com o Welson, ele fala assim pra mim: arruma um poodle.

A pepeta, quer pepeta? Cuspiu a pepeta, mamãe, cê viu? Quero pepeta não, mamãe. Ai, que saudade dos meus filhos nessa idade. Eu queria que eles ficassem sempre assim, é a idade mais gostosa. Depois crescem, dão tanto trabalho, a gente até se arrepende de ter tido.

Deixa ver, esse que é o filhinho do professor Cafeteira? Geeente, que criança mais linda, parece o pai. Melissa, parabéns, parece a mãe. Os olhos e a testa são do pai, do nariz para baixo é direitinho a mãe. As formas do pai, as cores da mãe.

Pois para mim todo recém-nascido tem cara de joelho.

Aaaave, Mateus, que maldade, né, gente? Homem não tem jeito com criança. O professor tem jeito com criança, Melissa?, com quantos quilos?, parto normal?, como chama?, é bonzinho?, dorme bem?, faz cocô durinho?

Como você está bonita, Melissa, não engordou quase nada, bochechudinha assim você sempre foi mesmo, né?, eu vi uma foto antiga sua no escritório do seu pai.

Maritza, venha aqui ver o filhinho do professor Cafeteira, olha que gracinha, chama Alessandro.

Maritza tinha decorado as paredes da sala de seu apartamento com as cartas de rejeição das editoras aos seus projetos de ficção. Duas paredes do quarto estavam cobertas com cartelas vazias de Lexotan. Nos fins de semana, quando não estava escrevendo, Maritza fazia quadros com psicotrópicos coloridos. As molduras dos quadros ela mesma montava com as embalagens dos remédios comprados ilegalmente em várias farmácias da cidade. A faxineira achava os quadros esquisitos, É de verdade, dona Maritza, esses comprimidos? São falsos, Juracinda, de giz.

Os personagens de seus dois últimos contos eram suicidas ou doentes terminais. Os cenários, necrotérios, cemitérios, lixões. Com a desculpa de buscar inspiração para escrever, Maritza perambulara por sanatórios, hospitais públicos, e pelo IML, onde se apresentara como pesquisadora da editora Tornatore. Quando alguém conversava com ela, na calçada, na portaria do prédio, ou ao telefone, era para falar só de coisa triste. Os médicos iam abrir a barriga do marido de Juracinda para ver se valia a pena operar, a vizinha do lado tinha trinta anos e esclerose múltipla, o filho único do porteiro fora estuprado e torturado até a morte, e só tinha seis anos, e o assassino era o pai. No jornal e na tevê, falavam-lhe de guerra miséria injustiça terrorismo seqüestro corrupção. Todos os cachorros e gatos e pombos e humanos famintos doentes fedidos de São Paulo cruzavam seu caminho entre o prédio, o supermercado e a Tornatore. Maritza namorava a dor com sua quota de erotismo. Cedia ao assédio da depressão, mas só até certo ponto, sem passar da dor que flagela para a dor que abate. Ia em direção ao braços gelados de um segundo suicídio, que deveria falhar, como o primeiro, e que a enchia de um medo vívido, e lhe dava caráter. Autora prolífica e inédita, talento incompreendido, persona antipática, amante extrema, suicida. O que conservava Maritza Santacatarina viva era saber que tinha estilo próprio.

Mas estilo próprio não enche barriga. Antes de finalizar o livro de Sandoval Cafeteira e tentar se suicidar de novo, Maritza concluiria seu mais recente projeto, uma epopéia cômica, com muita chance de virar best seller, ópera, disco e filme.

O livro A Magia da Ciência estava quase pronto. Como todo livro didático, tinha duas versões: o livro para o uso do aluno e o livro para o uso do professor, que é idêntico ao do aluno, mas com orientações pedagógicas e respostas a exercícios em letras pequenas, por cima das lições. Era um modelo do livro para o professor que tinha que ser avaliado pelo ministério da educação. E esse modelo, Maritza garantia, ia ser aprovado com distinção. Estava totalmente de acordo com as novas orientações do governo. A nova edição não tinha os enfoques preconceituosos da anterior. Nas figuras que ilustravam as lições, não se usava mais a cor preta para representar fenômenos e conceitos negativos como poluição, obscurantismo, miséria, perigo. Em caso de falta de imaginação do ilustrador na escolha das cores, bania-se a ilustração. Ao se representar alguém fazendo um trabalho doméstico, esse alguém era do sexo masculino (para não se reforçar no estudante a idéia de que serviço de casa é só para mulher), e de idade adulta (para não se estimular a exploração do trabalho infantil). Não se abordavam mais aborto, homossexualismo e prostituição como causas de doença. Não se faziam mais relações automáticas entre pobreza, ignorância e falta de higiene. O texto não fazia mais referência direta aos "alunos", mas aos "alunos e alunas", termo que aparecia na mesma quantidade que "alunas e alunos". Não se mostravam mais figuras de experiências envolvendo crueldade com animais. Maritza também eliminara as afirmações erradas da edição anterior, Miopia é a falta de capacidade de ver direito as coisas localizadas no infinito, Os fósseis humanos são raros porque os homens das cavernas eram mais inteligentes do que

os animais, por isso não ficavam atolados em charcos. Retirara todas as experiências perigosas e todas as sugestões de pesquisas inúteis ou inviáveis, como a que pedia aos alunos que entrevistassem um surdo-mudo. Maritza também tornara a linguagem do livro tão saborosa quanto possa ser a linguagem de um livro didático. E escrevera uma carta do autor, no lugar do prefácio, em estilo bem acessível até ao estudante de mais baixo rendimento da sétima série:

Alunas e alunos

É com muita alegria que convido vocês a fazerem esta viagem encantada pelas páginas do meu livro, A Magia da Ciência. Este livro é para dois tipos de estudantes: os que gostam de histórias de mágicos e os que têm medo de histórias de mágicos. Esses dois tipos de estudantes são pessoas curiosas e inteligentes que ficam maravilhadas com os mistérios do universo. E vão ficar mais maravilhadas ainda quando souberem como a ciência explica esses mistérios. Porque a ciência dá as respostas mais certas e mais fascinantes a todas as dúvidas de todas as pessoas. E porque a ciência pode ser fácil de entender. E muito gostosa de estudar.

Com o carinho deste cientista que não é maluco,

Sandoval Cafeteira.

http://www.folhanacional.com.br

Direitos de publicação do poema Rockordel arrematados em leilão por um milhão de reais.

Recém-saída de uma clínica psiquiátrica do estado, onde ficou internada durante três semanas em suposto estado de choque, a polêmica autora Maritza Santacatarina bateu o record brasileiro em faturamento com leilão de obra literária.

Ontem a escritora deu um depoimento às autoridades sobre seu possível envolvimento na sabotagem do livro didático A Magia da Ciência.

Informe-se mais:

- o grupo que arrematou os direitos
- tumulto no leilão: protestos pró e contra a publicação do poema
- autora almeja carreira internacional
- única parente da autora mora na Austrália
- trecho do depoimento
- TRECHO DO POEMA

http://www.folhanacional.com.br/policial/depoimento

Leia um trecho do depoimento dado às autoridades pela escritora Maritza Santacatarina:

Investigador: *É verdade que a senhora tinha um envolvimento com o professor Sandoval Cafeteira?*

Maritza: *O professor Cafeteira e eu tínhamos um envolvimento sim. Fiquei muito deprimida quando ele se casou, sem ter me contado nada, antes. Foi aí que comecei a pensar em me matar pela segunda vez.*

Investigador: *Mas o que a senhora está me falando é um absurdo. Como é que a senhora ia se matar pela segunda vez? Só se morre uma vez.*

Maritza: *Quero dizer, foi a segunda vez que eu pensei em me matar.*

Investigador: *Ah, agora a senhora está falando coisa com coisa. E como a senhora se matou?*

Maritza: *Eu não me matei, moço, se eu tivesse me matado não estaria aqui prestando depoimento.*

Investigador: *Agora a senhora me embananou. Eu quis dizer: como a senhora tentou se matar?*

Maritza: *Eu não tentei me matar.*
Investigador: *Quem foi que tentou matar a senhora, então?*
Maritza: *Ninguém. Eu me enchi de remédio para dormir, só para dar a impressão de que estava morrendo. Eu sei quantos Lexotan eu agüento, já tinha feito isso antes e tinha dado certo.*
Investigador: *E para que a senhora quis que as pessoas pensassem que estava morrendo?*
Maritza: *Da primeira ou da segunda vez?*
Investigador: *Hã... ih, agora a senhora me embananou de novo. Quando foi a primeira?*
Maritza: *Há dez anos.*
Investigador: *Faz muito tempo. Acho que não vem ao caso.*
Maritza: *Mas talvez o senhor devesse saber. Para conhecer um pouco mais sobre o meu processo psicológico. Pode ajudar o senhor nas investigações.*
Investigador: *Muito agradecido.*
Maritza: *Não há de quê.*
Investigador: *Então diga, por que a senhora queria que as pessoas achassem que a senhora estava morrendo, quando tentou o suicídio pela primeira vez?*
Maritza: *Para chamar atenção. Sabe, naquela época eu era mais jovem, muito imatura. Bastante insegura, profissional e afetivamente.*
Investigador: *Bom, isso foi há dez anos. Mas hoje em dia, por que uma mulher madura, uma escritora consagrada como a senhora tentaria o suicídio de novo?*
Maritza: *Para chamar atenção.*
Investigador: *Mmm, já entendi tudo. A senhora quis chamar atenção para o seu poema, por isso se enrolou toda nele, antes de tomar os comprimidos. Isso foi logo que a senhora viu a notícia sobre as explosões nas escolas, causadas pelas experiências do livro do seu ex-amante. A senhora quis capitalizar o escândalo que se seguiria às explosões.*

Colocou o nome Sandoval Cafeteira debaixo do título do seu poema, como se Cafeteira fosse o autor, para ligar as explosões ao seu poema e o nome do professor ao seu. Foi um golpe de marketing.
Maritza: *Puxa, como o senhor é esperto.*
Investigador: *Espere, ainda não terminei. O seu estado de choque, durante três semanas, na clínica psiquiátrica, foi fingimento. A senhora estava esperando a poeira assentar. Quando divulgaram que o poema tinha sido assinado e postado como carta registrada pela senhora, a senhora sarou.*
Maritza: *Isso mesmo. Já que sabe tudo, imagino que não vá mais me fazer nenhuma pergunta.*
Investigador: *Calma, que pressa é essa? Senta aí, moça. Falta a pergunta principal.*
Maritza: *Vai fundo.*
Investigador: *Foi a senhora que sabotou o livro A Magia da Ciência?*
Maritza: *Não.*
Investigador: *Era o que eu pensava.*
Maritza: *Posso ir embora, então?*
Investigador: *Mais um minutinho. Acaba de me ocorrer outra pergunta importante. Sua resposta poderá significar a solução deste caso.*
Maritza: *No que eu puder ajudar... Qual é a pergunta?*
Investigador: *Quem sabotou o livro?*
Maritza: *E eu lá sei? Quem tem que dar a resposta é o senhor!*
Investigador: *Era o que eu pensava. Obrigado, dona Maritza, pode ir agora.*

http://www.folhanacional.com.br/policial/poema/trecho
Leia um trecho da epopéia Rockordel, de Maritza Santacatarina:

No Gran Cassino Belzebu,
no começo da madrugada,
entram Deus e São Benedito
contando fofoca e piada.

São Benedito traz nas costas
um grande saco de bolotas
e guia com cuidado o patrão
que troca os passos, de pifão.

Passa a garçonete espremida
num corpete de lamê pink.
Na bandeja leva ambrosia,
salgadinhos de hóstia e alguns drinks.

Deus pega champanhe na taça.
O Dito prefere cachaça,
que derrama no chão pro santo
antes de molhar a garganta.

O Gran Cassino está montado
em uma estação orbital
do Céu, um planeta azulado
que é a zona residencial
mais valorizada de todos
Universos imaginados,
conhecidos e pesquisados,
abertos e mesmo fechados.
Só a sociedade de alto nível
tem acesso aos celestiais ares:
produtores de combustível

pra frotas interestelares,
banqueiros interplanetários,
donos de igrejas, santuários,
matéria escura, quasares,
aglomerados globulares,
anãs brancas e marrons,
galáxias e constelações
e estacionamentos full time
com cinco a sete dimensões.
E num condomínio fechado
tá sendo reservado um lote
todo computadorizado
para o dono da Microsoft.
Dentre os habitantes do Céu
é Deus o da bolsa mais cheia.
Tem idade, prestígio e cancha
pra ter feito um bom pé-de-meia.
A origem de seu patrimônio
virou um mistério filosófico,
e há quem garanta que o grã-fino
ganhou tudo isso no cassino.

– Marmelada, dona Liamara, cartas marcadas.

A professora chorava. Não porque fizesse questão de ganhar o estágio numa editora americana, já conhecia as etapas do processo editorial de trás para diante. Nem porque quisesse fazer um pouco de turismo, gostava mesmo é de ficar plantada no seu canto, fertilizando seu amor ao magistério.

– Mas as palestras que eu ia dar, Mateus, que judiação.

– E o Cafeteira nem fala inglês, dona Liamara.

A diretoria da Tornatore escolhera o professor Sandoval Cafeteira por unanimidade, para fazer o estágio. Que é que tem que ele não fale inglês?, argumentara Douglas Barroso na reunião para a eleição dos vencedores do concurso, É até bom o professor não falar inglês, chega de subserviência, se os americanos nos querem no país deles, que aprendam português ou então providenciem um serviço de tradução simultânea. Maritza Santacatarina escreveria a palestra que o professor daria na universidade. No fim do estágio, Cafeteira teria que entregar ao diretor editorial da Tornatore um relatório de quinze linhas sobre sua experiência na editora americana, com cópia para Spencer Prikston.

– O rei da cocada preta, esse Cafeteira, dona Liamara. Ainda mais agora, que casou com a filha do diretor.

Douglas lutara pela ida de Cafeteira ao exterior porque via na ausência do genro uma oportunidade de ter a filha inteirinha de volta, ao menos por duas semanas. O professor não queria se inscrever no concurso, achava humilhante competir por ninharia. Mas o Douglas insistira, Nós da Tornatore contamos com você, Cafeteira, para ser nosso embaixador, nosso cônsul nos Estados Unidos, porque temos que fazer bonito no estrangeiro, temos que mostrar nosso melhor produto, assim os gringos resolvem investir logo na gente, de forma que o futuro da editora Tornatore, Cafeteira, depende de você.

– Cartas marcadas, professora.

Dona Liamara soluçava e acariciava as folhas de papel com a palestra em inglês que tinha preparado para dar para os acadêmicos anglófonos. A língua portuguesa, diria ela, é uma das mais faladas no mundo. Cerca de duzentos milhões de pessoas na América do Sul, Europa, África e Ásia falam esta belíssima língua, que em muitos aspectos se parece com o espanhol, o francês e o italiano. Há mais pessoas falando a língua portuguesa no planeta do que a

francesa. E do que a alemã, do que a italiana, do que a japonesa. Português, informaria dona Liamara, e suas lágrimas borravam a palestra impressa no papel, português é a língua do Brasil, o maior e mais populoso país da América Latina, o quinto maior país do mundo, com uma economia poderosa em rápida expansão, que atrai investimentos maciços das maiores corporações mundiais, e o Gramática Com Alegria, continuou dona Liamara, descontrolando-se, transbordando sua tristeza oceânica, Calma, dona Liamara, O Gramática Com Alegria, Mateus, é uma pena que vá continuar desconhecido pela academia americana, porque se trata, diria a palestrante, de uma obra dinâmica, atual, sincronizada com as demandas educacionais da era da economia globalizada, uma obra que transcende o trabalho da gramática da língua portuguesa enquanto mero instrumental de expressão e criação pela palavra, e promove, num âmbito mais universal, a conciliação entre humanismo, tecnologia, autonomia intelectual e formação ética.

– Aqui, tome um pouco d'água, dona Liamara.

A professora tremia. O copo soluçou, chorou sua água fria na mão dela.

– Obrigada, Mateus. E parabéns! – ela desamassou o rosto. – Eu tinha me esquecido de cumprimentá-lo. Aproveite o máximo em Nova York, aprenda bastante no estágio.

Mateus ganhara o concurso por quatro votos a três. Sua concorrente mais forte tinha feito um teste melhor que o dele, mas era mãe de dois meninos pequenos, e os diretores decidiram que não seria justo privar os bebês dos cuidados maternos por duas semanas. Além disso, argumentara Douglas Barroso, seria bom dar uma oportunidade ao copidesque da professora Liamara Minestrone, autora de grande capacidade produtiva e muita inteligência, que teria sido a segunda colocada no concurso, se

houvesse prêmio de consolação. Maritza Santacatarina foi desclassificada na primeira eliminatória.

– Deus sabe o que faz, professora. A vez da senhora ainda há de chegar.

Dona Liamara enxugou as lágrimas, assoou o nariz, apalpou a fita cassete do Cristo na Veia dentro da bolsa.

– Vamos pela escada, Mateus, não quero ser vista na Tornatore com cara de choro.

Sairam da sala de reunião e foram à sala onde trabalhava o Jão, no departamento de artes. Os artistas e os burocratas espiaram o baterista assinar a capa da fita para a autora.

– Pronto, que agora tenho os autógrafos de todos os músicos do Cristo na Veia – tentou vibrar Liamara, a voz ainda fanhosa, o rosto resistente ao sorriso. – Ainda vão valer uma fortuna!

– O mais importante é que a banda tem fãs cabeça como a senhora – disse o Jão, que tinha parado um pouquinho de organizar a prateleira de fotolitos para gozar a tietagem.

Dona Liamara elogiou as ilustrações sobre as mesas dos artistas, destacou a clareza e o equilíbrio das páginas diagramadas nos computadores, observou que a atmosfera da sala era leve e divertida, viu que os fotolitos do Gramática Com Alegria ficavam entre os fotolitos do livro Filosofando Numa Boa e os do História Geral Bem Contada.

– Tudo em ordem alfabética, dentro de envelopes, que beleza. Além de artista de grande talento, você é muito organizado. Parabéns, Jão.

Daí elogiou a temperatura da sala, o bom gosto da decoração, reparou nas etiquetas que identificavam os fotolitos nas prateleiras, que capricho, Jão, para cada título de livro havia dois conjuntos de fotolitos: um conjunto para o livro do professor e outro para o livro do aluno.

A autora e o copidesque foram embora e Jão voltou ao trabalho. Aquele dia, sabe-se lá por que cargas d'água, uma pá de gente do editorial didático tinha cismado de ir olhar as prateleiras de fotolitos. Pois deram foi sorte, pensou o Jão, se tivessem vindo ontem, iam ver a zona que estava isto aqui.

O boy entregou um envelope ao Mateus. Dentro havia uma passagem de avião para Orlando e uma de ônibus, de Orlando para Weekeewawkeeville, o vilarejo do interior da Flórida onde os três estagiários da Tornatore passariam duas semanas.

– Mas não era Nova York? – desapontou-se Cafeteira.

– Pelo menos é perto de Orlando – consolou-se o editor.

– Weekeewawkeeville, mãe, nos Estados Unidos! – exultou o Mateus.

A editora Weekeewawkee Press pertencia à multinacional, que também era dona das companhias aérea e de ônibus pelas quais viajariam os estagiários. As refeições dos brasileiros viriam prontas de um supermercado, que também pertencia à corporação. Se eles precisassem de assistência médica, poderiam recorrer ao Weekeewawkee Medical Center, que também era um dos negócios da multinacional, e que cobraria aos pacientes da Tornatore apenas setenta e cinco por cento do valor de seus gastos.

A bênção, padre Tiago.

Graças ao bom Deus, o senhor aceitou minha idéia de fazer minhas confissões por e-mail. Já sei onde fica a igreja católica de Weekeewawkeeville, e tenho ido à missa diariamente, mesmo sem entender patavina dos sermões. Não me confessei porque duvido que o padre saiba português. Latim, que é uma língua morta, ele deve falar fluentemente, mas português já é pedir muito. Eu poderia me ajoelhar no confessionário e contar tudo,

normalmente, mas se ele não consegue entender os meus pecados, como é que vai determinar a minha penitência?

Desafortunadamente, não tenho notícias muito boas, padre Tiago. O estágio, sinceramente, tem sido uma bosta. A editora é pequena e tem poucos recursos. Perto da Tornatore, a Weekeewawkee Press é uma titica. Contudo, apesar de ter mais experiência no ramo editorial do que estes americanos, eu me sinto muito por baixo. É que não consigo entender nada do que eles falam. Posso ler, ainda que mediocremente, e falar, mesmo que sofrivelmente. Mas, quando alguém diz alguma coisa para mim, fico mudo, com cara de pastel, e faço acenos de cabeça, fingindo que estou entendendo tudo, para não dar uma de ignorante. Temo que durante meu curso de seis meses com o padre Brendan eu não tenha aprendido suficientemente. Meu conhecimento da língua tem muitos furos, e o senhor sabe que o Demônio está sempre à espreita, esperando pacientemente que se abram furos na vida da gente, por onde ele possa entrar, sorrateiramente, na nossa alma. O Sujo penetrou no meu coração, padre Tiago, e eu lhe imploro a caridade de me mandar um reply com a penitência urgentemente. Vou contar tudo detalhadamente, para o senhor poder avaliar quais as orações que deverei rezar, e quantas vezes cada uma.

A Weekeewawkee Press fica numa casa branca de madeira, de dois andares, parecida com casa de boneca. Nós três da Tornatore fomos, por assim dizer, "alojados" no andar de cima, em dois pequenos depósitos de livros, onde se improvisaram dois quartos de dormir, com sofás-camas. O expediente é das nove às nove, e de manhã a gente tem que se aprontar, tomar café e arrumar os sofás-camas antes que comece o entra-e-sai dos funcionários.

Na primeira noite, o autor da Tornatore, um imbecil que, aos olhos dos homens, mas não aos olhos de Deus, é mais importante

do que eu e o editor, pegou um quartinho exclusivamente para ele, e trancou a porta. Eu e o editor dividimos irmãmente o quarto que sobrou. Mas da quarta noite em diante, o autor parou de dormir lá, então eu peguei rapidamente o muquifinho dele para mim.

Anteontem, eu ainda estava dormindo profundamente, sonhando com Santa Luzia, quando bateram à minha porta. Olhei o relógio: sete horas. Perguntei quem era, nas duas línguas, para ser prático. Uma voz feminina respondeu atabalhoadamente, e quase todas as palavras se perderam nos furos do meu mau inglês. Verifiquei se meu pijama estava decentemente abotoado e abri a porta. Uma moça loura, lindíssima, de olhos muito claros, sorriu e entrou no quarto, carregando um aspirador de pó. Tinha os cabelos lisos e brilhantes, presos num rabo de cavalo, usava uma camiseta bastante decotada, colada ao corpo, e shorts de jeans, de forma que pude notar marcas vermelhas de sol no seu pescoço, seus braços, entresseios e coxas. Um par de tênis um tanto grandes protegia-lhe os pés. A moça pôs-se a limpar diligentemente o meu quarto, e custou-me acreditar que aquela princesa loira, de olhos tão azuis, pele tão clara e tão sensível à luz do sol, fosse uma faxineira. Terminada a tarefa, ela voltou-se para mim e, sempre sorridente, disse-me muitas coisas, às quais eu respondi com outro sorriso e o meu usual aceno afirmativo de cabeça.

Passei o dia todo tentando concentrar-me no trabalho, inutilmente, pois o Diabo, já instalado na minha alma, deliberadamente ofuscou todos os meus pensamentos, evocando a claridade da pele, do sorriso, dos cabelos e dos olhos da faxineira loira.

Depois do jantar, recolhi-me ao meu mocó e tentei melhorar meus conhecimentos da língua inglesa, comparando minuciosamente a bíblia naquele idioma ao meu exemplar em português. Confesso, padre Tiago, que no lugar dos versículos bíblicos, o que eu enxergava eram os olhos azuis da linda empregada.

Confesso também que vinha deles, não do abajur, nem de Deus, a luz que iluminava os dois livros sagrados que eu tinha à minha frente. Passados vinte minutos das nove horas, a campainha da editora soou. Ao atender, surpreendi-me. À soleira da porta, a faxineira loira me sorria, esfuziantemente. Não trazia nas mãos o aspirador de pó, como naquela manhã, mas uma bolsinha de plástico. Nem vestia um traje esporte, como a camiseta e o shorts que usara durante a faxina do meu quarto, mas um tubinho social, bastante curto, de tecido acetinado vermelho, um tanto chamativo, a meu ver (mas quem sou eu para emitir opinião a respeito da moda feminina?). Como seria de se esperar de uma moça de bom-gosto, ela soube escolher os calçados adequados ao seu traje, substituindo os tênis que usara de manhã por um discreto par de botas pretas que lhe envolviam as pernas até os joelhos. Ela disse coisas incompreensíveis, e reagi como costumeiramente, com os acenos afirmativos de cabeça.

Sem que eu a convidasse, ela foi entrando na editora e subindo os degraus até o meu quarto. Uma vez lá dentro, padre, ela passou a comportar-se estranhamente, assumindo atitudes incompatíveis com a imagem de pureza e discrição angelicais que transmitira anteriormente. Ela tirou as botas, padre, e também o vestido, não deixando nada sobre seu corpo de neve além da forte maquiagem e as marcas vermelhas do sol. Pude ver os olhos sangüíneos do Tinhoso fixos em mim, camuflados nas róseas auréolas daqueles lindos seios. Pude sentir o tridente do Capirocho me espetando, por meio daquele par de olhos claros como o relâmpago. Pude sentir também, padre, o meu órgão sexual rebelar-se contra a castidade, debater-se sob as amarras da minha cueca, avolumar-se em direção àquele corpo branco como uma onda contra a praia, durante um maremoto.

O Diabo, no formato da bela americana, aproximou-se

sedutoramente de mim. E foi com um esforço sobre-humano, inspirado indubitavelmente por Santa Luzia (que aparecera para mim em sonho, de manhã, com o intuito de me alertar contra a tentação que estava por me avassalar) que consegui sair correndo escada abaixo, persignando-me fervorosamente. Foi também Santa Luzia que levou minha mão à maçaneta da porta da sala e me fez abri-la, inspirando-me a frase "Get out!", que proferi repetidas vezes, ensandecidamente. "Get out", padre, quer dizer: "Saia".

A moça desceu a escada, assustada, ou melhor, o Diabo desceu a escada, amedrontado pelo poder de Santa Luzia. Concomitantemente, vestia-se, o que fez em alguns segundos, dada a pouca quantidade de roupas com que viera disfarçado. Eu tremia dos pés à cabeça, padre Tiago, não sei se de pavor do Demo, se de vergonha da minha ereção, se de arrependimento pela minha fraqueza, ou se por causa de todos estes sentimentos, simultaneamente. À saída, a moça disse outras coisas que não entendi. Notando que eu estava paralisado, estendeu a mão em minha direção, com a palma virada para cima, e falou, clara e demoradamente, de forma a se fazer entender: "Fifty dollars!". ("Cinqüenta dólares!").

Dei-me conta, então, de que aquela pobre criatura era uma prostituta, uma alma que pertence ao Demônio num corpo que pertence a todos os homens. Santa Luzia, na sua infinita benevolência, guiou-me a mão ao bolso, onde havia duas notas de vinte dólares, e fê-la oferecê-las à mulher. "Fifty dollars!", a puta insistiu. Novamente inspirou-me Santa Luzia, e eu consegui dizer: "I didn't fuck you. I pay you forty dollars, no more". ("Eu não fodi você. Pago-lhe quarenta dólares, não mais"). Com as feições visivelmente contrafeitas, o Capeta agarrou o dinheiro e escafedeu-se na noite, provavelmente em direção à casa ou ao automóvel de algum pecador.

Desafortunadamente, padre Tiago, não havia terminado, ainda, o meu entrevero com Satanaz. Mal a prostituta desapareceu da minha vista, corri ao computador da sala do editor americano para escrever uma confissão e enviá-la ao senhor pela internet. O uso do referido computador é permitido aos brasileiros após o expediente, e como o aparelho estivesse livre, uma vez que o editor da Tornatore fora convidado a um passeio com os funcionários americanos, acionei-o. Mas eu já houvera sido, conforme lhe informei, contaminado pelo vírus maligno, e novos sintomas da infecção acabaram por se manifestar. Assim, em vez de escrever e enviar-lhe a confissão, padre Tiago, pus-me a navegar por web sites pornográficos, as minhas mãos combinando avidamente o manejo do mouse, do teclado e do meu falo túrgido.

Após todo o ocorrido, padre Tiago, cheguei à conclusão de que não devo mais fingir que estou entendendo o que os americanos dizem. Minha estratégia agora é outra. Quando eles falam comigo, eu aponto para os meus ouvidos e faço um sinal de "não" com a cabeça, fingindo que fiquei surdo.

Peço perdão a Deus, padre Tiago, por meu pinto ter ficado duro na presença do Maligno. Por eu ter permitido que uma onda de romantismo tomasse conta de mim, quando lhe relatei meu encontro com ele. Por eu ter batido punheta na sala do editor da Weekeewawkee Press. Pelos meus palavrões. Por eu ter xingado os outros. Por eu ter mentido que entendia o que os americanos falavam. Por eu mentir que não consigo ouvir o que eles dizem. Pela minha gula, minha avareza, minha preguiça, minha mania de usar o santo nome de Deus em vão, minha inveja do editor da Tornatore por ele conseguir se comunicar superbem em inglês com os funcionários daqui.

Deus esteja conosco,

Mateus.

De passagem por Orlando, a negócios, Spencer Prikston, o representante da multinacional, aproveitara para receber os brasileiros no aeroporto e conduzi-los a seus assentos, no ônibus para Weekeewawkeeville. Estava acompanhado de um latino jovem, musculoso, de excelente aparência, e muito risonho, Aí tem, desconfiou o Cafeteira, de nome Antonio, que entretinha os recém-chegados com seu bom humor em espanhol. Prikston o chamava de Tony. Os dois se despediram com um abraço demorado, na hora de Tony embarcar no ônibus com os brasileiros e Prikston voltar para Nova York.

A precariedade do quartinho na editora irritou Cafeteira e ele telefonou a Antonio, pedindo-lhe o favor de comunicar a Prikston que ou a multinacional lhe arranjava acomodações dignas de sua posição no ramo editorial sul-americano, ou ele voltava para o Brasil naquele dia mesmo. Antonio passou um fax a Prikston e obteve autorização para hospedar o professor no hotel Gaytona Inn, no vilarejo de Gaytona, próximo a Weekeewawkeeville. O hotel pertencia ao próprio Antonio. Em Gaytona, ia-se à praia, passeava-se de barco, pescava-se, ia-se a restaurantes e a lojinhas de antigüidades. Gente um pouco mais endinheirada, do norte do país, possuía casa ali, para passar o inverno. Cidadãos de várias regiões dos Estados Unidos planejavam morar em vilarejos calmos e bonitos da Flórida, como aquele, quando se aposentassem. O hotel de Antonio ficava na praia de Gaytona Beach, conhecida como um ponto gay. O Gaytona Inn especializava-se em acomodar os freqüentadores da praia.

Bem que eu vi que ali tinha, disse o Cafeteira, ao telefone, para Melissa. Mas não me incomodo, aqui não é o Brasil, onde veadagem é aquela esculhambação, aqui é Estados Unidos, homossexual aqui é coisa séria. O lobby gay é poderosíssimo nos Estados Unidos, as bichas comandam setores importantes

da economia, têm uma presença forte na cultura. Veja você que na universidade americana, por exemplo, já tem uma linha de pesquisa chamada queer theory, que no meio acadêmico brasileiro acho que nem existe ainda, sei lá, não sou ligado nessa coisa de homossexualidade. Mas se essa linha de pesquisa existir no Brasil, deve se chamar teoria veadal. Eu digo teoria veadal, Melissinha, sem sacanagem nenhuma, porque, se é que entendi o que me explicaram aqui, essa palavra, queer, é uma gíria antiga que quer dizer, em claro e bom português, bicha louca. Essa queer theory analisa os fenômenos culturais, sociais, históricos, o escambau, tudo do ponto de vista gay. Quero dizer, ela estuda esses fenômenos levando em conta a repressão e a negação da possibilidade do homossexualismo que permeiam a sociedade, entende? Claro que não entende, você não é lésbica, você é Mulher com m maiúsculo, bem-casada, mãe de filho. Nem eu entendo, viu, Melissinha, eu, que sou professor e autor de livro.

Para ir de vez em quando à editora, e para dar a sua palestra, e eventualmente assistir a outras, traduzidas para o espanhol, bem baixinho, ao seu ouvido, pelo solícito Antonio, na Universidade Internacional do Estado da Flórida, em Weekeewawkeeville, Cafeteira pagou, do próprio bolso, o aluguel de um carro.

Antonio era divertido, contava piada de bicha, lésbica, polonês, caipira americano, gostava de filme musical e peça de teatro. Cafeteira vivia perto dele, só para dar risada. Melissa, cê vai gostar do Toninho, sujeito agradável, elegante, prestativo, fala espanhol mas a gente se entende que é uma maravilha. Ele que me explicou o que a palavra queer quer dizer. Vou te apresentar a ele quando te trouxer para cá com o nenê.

Se Antonio não tivesse feito ao Cafeteira, duas ou três vezes, a gentileza de lhe lembrar o dia e o horário da palestra de queer theory, o brasileiro a teria perdido. A palestra foi dada por um

premiado escritor e professor homossexual de uma universidade da Califórnia, que fez a leitura de um trecho de seu mais recente romance autobiográfico. Numa prosa repleta de palavrões, o escritor detalhou um de seus encontros num cinema pornô em São Francisco. Ao ouvido de um Cafeteira rígido, arrepiado, Antonio cochichou a tradução para o espanhol daquela literatura, Eu chupei o pau de John, ele gozou na minha boca, eu bebi sua porra, ele mijou na minha cara, eu comi o cu dele, eu dei o cu para James chupando o pau de Nick. Cafeteira engolia seco, reprimia suspiros, vigiava a ereção mal disfarçada pela calça de pregas. A platéia de acadêmicos tossia, respeitosa, sobrancelhas alçadas, ouvidos atentos.

Quando levantou da poltrona, ao fim da palestra, o professor sentiu-se zonzo. Faltou-lhe o ar, tremeram-lhe os joelhos. Seu corpo era uma porta aberta ao vento frio e aos perigos deste mundo. Antonio sugeriu que os dois fossem ao bar do Gaytona Inn para discutirem uns pontos da palestra que lhe tinham parecido obscuros. Cafeteira concordou. Estava com medo de ficar sozinho. Não iria conseguir dormir, naquela noite. Nem quis dirigir, passou o volante para Antonio, que enfiou o carro feito um foguete na escuridão da estrada, alegre, debochado.

O professor tomou seis uísques, sem conseguir relaxar. Melissa, estava na hora de telefonar para a Melissa, todas as noites, àquela hora, ele ligava para a mulher. Seus maxilares estavam colados, os lábios amortecidos, a língua grossa. Não conseguiria conversar direito com a Melzinha.

Antonio ria e criticava as roupas das pessoas e contava roteiros de filmes, e até falou da palestra, e Cafeteira pediu outro uísque. Antonio esfregava a mão na coxa dele, e ele pediu outro uísque. Dois homens se beijavam, o garçom lhe sorria muito, o pianista tocava canções de amor que Antonio conhecia de velhos musicais

americanos, e que cantava baixinho, ao seu ouvido, a mão brincando nas pregas da sua calça. Outro uísque, one whiskey, please, Cafeteira pediu aos dentes do garçom, que se exibiam para ele. A língua de Antonio entrou na sua boca. No hotel não, não quero mais dormir no hotel, quero dormir com a Melissa, no meu quartinho, me leve para o meu quartinho, em Weekeewawkeeville, disse Cafeteira, a língua tropeçando no copo. Antonio inclinou-o, de bruços, na cama de um quarto vago do hotel, deitou-se por cima dele. Cafeteira gritou, Já falei que no seu hotel não, bichona filha da puta, encho sua cara de porrada, veado filho da puta. Antes que algum hóspede se queixasse do barulho, Antonio já estava metendo o professor no carro para levá-lo a Weekeewawkeeville.

Os funcionários da Weekeewawkee Press tinham convidado o editor da Tornatore para jantar fora, deixando Mateus sozinho. Ele checou seu e-mail. Cinco dias, desde a sua confissão virtual, e nada de resposta do padre Tiago. Talvez o padre estivesse demorando de propósito, para Mateus purgar os pecados na ansiedade da espera, martirizar-se com o medo de morrer sem ter sido perdoado, flagelar-se com o pavor de o Diabo aparecer de novo para ele, disfarçado de faxineira loira, ou de uma coisa feia. Mateus desligou o computador. Ajoelhou-se, no escuro, para oferecer a Deus uma série de pai-nossos, a título de adiantamento da penitência. Me deixa em paz, veado, a Melissa está no quartinho, Mateus escutou. Não ponha a mão na minha bunda, bicha sacana, a Melissa mandou você tirar a mão da minha bunda. Era a voz do professor Cafeteira, embolada, cavernosa, distorcida pelo Demônio. Vinha na direção do Mateus, misturada ao tropel da Besta. O copidesque meteu-se debaixo da mesa, Cafeteira e o Diabo entraram, a porta fechou os três na mesma sala. Aqui não é o meu quartinho, disse Cafeteira, e o Demônio respondeu,

Es tu cuartito, sí, tu estás en tu cuartito en la Weekeewawkee Press, ahora relájate y dame tu culito. De seu esconderijo, Mateus pôde ver as patas do Demônio atrás das pernas do pecador, as calças deles caindo sobre os sapatos, os urros de Sandoval Cafeteira sodomizado pela Besta.

Fizeram um pacto de amor. Um dia se casariam no Havaí. Antes mesmo que esse sonho se realizasse, usariam alianças na mão esquerda. Antonio teria uma conversa com seu namorado, Spencer Prikston, o mais cedo possível, para anunciar-lhe o romance com Sandoval, rompendo um relacionamento de mais de cinco anos. O brasileiro daria fim a seu casamento heterossexual. O casal teria dois lares, um no Brasil, outro nos Estados Unidos. Os dois juraram que suportariam com coragem e fidelidade os períodos iniciais de separação forçada.

O professor estava feliz como nunca. Ao contrário do que aprendera e ensinara, não eram os conflitos ou os problemas que movimentavam o universo. O motor da evolução era a paz. Pois não era a paz que ele sentia, ao lado de Toninho, o que estava mudando toda sua vida? Fez planos. Iria aprofundar seus conhecimentos científicos para propor uma teoria da paz. Desenvolveria seu pensamento num livro escrito em inglês, dedicado a Antonio. No prefácio, explicaria que o ponto de partida de suas pesquisas foi a sensação de paz que obtivera no momento em que dera o cu. Não, aquilo não era engraçado. Não era esculhambação. Aquilo era, sem tirar nem pôr, queer theory combinada com ciência. Aquilo, no mundo acadêmico americano, seria levado a sério. O livro de Cafeteira promoveria a união das ciências humanas com as ciências naturais, harmonizando teoria veadal com teoria da evolução.

– Sou um homem novo, disse Cafeteira, passeando de mãos

dadas com Toninho pela praia de Gaytona Beach. Dúvida, contradição, culpa, não sei mais o que é isso. Sou um homem limpo, passado a ferro.

Antonio não entendia bem o idioma mas percebia a intenção daquelas palavras. Como resposta, beijava o pescoço do Cafeteira, na frente dos outros homens.

– Se eu tiver que me culpar de alguma coisa, vai ser de ter esperado mais de meio século para ser o que nasci para ser. Magoei muitas mulheres, sabe, Toninho? – e Cafeteira tentava captar, pelo canto do olho, um sinal de ciúme do namorado. – Tratei-as como um cafajeste, verdade seja dita, mas por pura ignorância de mim mesmo.

– Mulheres são como leoas, serpentes, baleias – disse Antonio na sua língua. – Nós as achamos fascinantes, contanto que fiquem longe.

Riam, beijavam-se na boca.

– Eu poderia ter poupado as coitadas, se já soubesse que não queria estar com elas. Eu não sabia o que queria. Pois se um ser humano, que é um animal, não sabe o que qualquer animal sabe por instinto, que é o modo como quer trepar, como é que pode saber o resto, porra?

Abraçavam-se. Cafeteira, sempre que possível, roçava com carinho o obelisco que indicava seu lugar no cosmos e lhe apontava seu rumo.

– É essa daí a garçonete que vai ficar louca?

– É. Ela fica louca depois que vê o marido ser torturado por dois traficantes.

– Esse que é o marido?

– É.

– Credo, uma mocinha tão meiga, tão fofinha, ser casada

com um cafajeste desse aí. Parece eu e o Douglas. Sabia, Liamara, que depois que o Sandoval viajou, o Douglas não dormiu mais comigo?

– Não me diga.

– Ele dorme com a Melissa, na nossa cama de casal, Liamara. Eu fico no quarto do nenê, com insônia, tentando ouvir se os dois transam.

– Pare com isso, você não faz idéia da bobagem que está falando.

– Pelo menos já sei que do Douglas o filho não é. O Douglas é lisinho feito sabonete, sem um pêlo no corpo. E o menino é peludo, precisa ver, parece um ursinho. Tem uns pelões pretos até no bumbum. Acho que com dez anos o coitadinho já vai ter que fazer a barba. Olha lá, a louquinha está apaixonada pelo personagem da novela a que ela assiste.

– Nossa, o ator da novela também é cafajeste.

– Peraí, quem que é cafajeste, o personagem ou o ator? É pelo ator ou pelo personagem que ela está apaixonada?

– Você não presta atenção no filme, fica falando o tempo todo, então se perde.

– Me explique, Liamara, é o ator ou o personagem?

– Não vou explicar, quero prestar atenção no filme.

– Tanto faz ser o ator ou o personagem, homem é tudo cafajeste mesmo. Não vê o Douglas? O Douglas é bígamo e incestuoso. Não desgruda da Melissa. Vão juntos ao clube, à academia, ao cinema, ao restaurante, às compras. Eu fico de babá do peludinho, que nem para trocar uma fralda aquela vagabunda presta.

– Não fale assim, ela é sua filha.

– Deus que me perdoe, se eu soubesse que a Melissa ia dar no que deu, tinha abortado aquela mal-agradecida. Não vejo a hora do marido dela voltar dos Estados Unidos. Porque aquela

encardida parece que esqueceu que tem marido. Nem fala mais com ele ao telefone.

– Brigaram?

– Vire essa boca para lá, quero que eles vivam felizes juntos, pelo resto da vida. Preciso do meu marido de volta, Liamara. Acho que a Melissa não brigou com o Sandoval não. Mas com o Douglas tratando ela a pão-de-ló, para quê que ela precisa de marido? Pois se até sexo com o pai ela faz. Ih, olha lá, a louquinha está ficando sã, na frente das câmeras de televisão.

Nem a charge publicada pelo O Manuscrito, com a caricatura do professor Sandoval Cafeteira no corpo do veadinho Bambi dando pinotes no parque Disney e cavalgado por um vistoso rapaz seminu, suscitou comentários. A recepção à notícia de que o autor tinha assumido sua homossexualidade foi uma das mais anêmicas em toda a história das surpresas da Tornatore. O interesse pela informação esgotou-se em dois dias. Não houve a investigação sobre a origem da fofoca, o confronto de versões, os debates apoiados no bom senso e na ética do se-fosse-eu, procedimentos intrínsecos à boataria que lhe conferem peso antropológico. Dada sem rodeio ou mistério pelo professor Cafeteira em pessoa, a notícia já nasceu desnutrida e logo morreu. A certas pessoas até entediou.

– O cara sempre deu tanta bandeira, não viu antes quem não quis – bocejou a copidesque de história geral.

Cafeteira fez seu pronunciamento numa reunião geral de emergência no refeitório dos funcionários, com a presença do sócio-majoritário, dos autores e diretores disponíveis, de pelo menos dois empregados de cada setor da empresa, de outros que convocou, alegremente, no caminho entre a sala do Douglas e o local da reunião, e das copeiras e cozinheiras que preparavam o recinto para o almoço.

– Quero comunicar a todos que sou homossexual – disse ele, sem introdução, e todo mundo ficou procurando o que pensar. – Sei que alguns ou muitos de vocês também devem ser gays, ou conhecem outras pessoas que sejam – e os funcionários da manutenção olharam, desconfiados, para os da arte. – Então ninguém precisa ter medo nem vergonha de uma coisa tão normal e tão gostosa – uma crente teve falta de ar e precisou sair. – Minha mulher já sabe de tudo e concorda com a nossa separação, certa de que tenho que seguir o meu caminho para que ela possa seguir o dela – e o Douglas Barroso esfregou uma olhada desafiadora nas caras de todos os presentes. – Eu faço um apelo a vocês, que são brasileiros, e que gostam de namorar pessoas do mesmo sexo: sigam o meu exemplo, não tenham vergonha de ser bichas – um concerto de pigarros, tosses e risos reprimidos fez-se ouvir. – Veados, giletes, sapatões, travestis, transexuais, vão fundo, soltem a franga, ajudem a tornar a homossexualidade tão respeitada no Brasil como no primeiro mundo! – uma cozinheira e uma copeira se entreolharam e ficaram de mãos dadas. – Heterossexuais, superem seus preconceitos, não neguem aos seus irmãos e irmãs o direito de definirem sua orientação sexual. A intolerância é sempre prejudicial, não só a gays e lésbicas, mas a toda a humanidade – a voz solitária do autor de geografia sibilou a palavra Certíssimo. – Eu decidi dar a notícia aqui, sem enrolação, por dois motivos. Primeiro, porque quero compartilhar com vocês a minha felicidade e o meu orgulho de ser gay – dois sujeitos da gráfica não agüentaram mais e cairam na risada. – Segundo – continuou o professor, altivo – porque quero evitar especulações vulgares e estúpidas sobre a questão gay, que é da maior seriedade. Obrigado.

Ouviram-se alguns aplausos, uns fiu-fius zombeteiros, um zumbido humano, Bicha louca, Admiro a coragem dele, Pirou,

Palhaçada, O cu é dele e ele dá para quem quiser, Me tirarem do serviço para isto, Pior é quem mente que é macho, Às vezes também acho que não gosto muito de comer mulher não.

Cafeteira voltou para casa, orgulhoso. Transformei a editora Tornatore num lugar melhor, pensou.

Um lugar pior. Foi o que Spencer Prikston, impelido pela dor do ciúme e da saudade de Tony, quis fazer da Tornatore, quando convenceu os chefes da corporação multinacional de que não valia a pena investirem um níquel na editora brasileira.

O romance de Cafeteira com o namorado de Prikston afugentou os dólares cobiçados pela diretoria da Tornatore, mas nem por isso Douglas Barroso sentiu raiva do ex-sogro. Se a editora tinha perdido uma oportunidade entre tantas que ainda viriam, Douglas tinha recuperado a filha para sempre. Agora dava razão à mulher. Ele não tinha que achar homem para Melissa. Nem ele, nem a própria Melissa, nem ninguém. Porque não havia homem que cuidasse tão bem daquela menina quanto o pai. E não havia homem que ela amasse mais, pelo menos não no reino dos vivos. Só vou ter um amor na vida, dizia-lhe Melissa, e esse amor é o Alessandro. Um dia, pai, vou localizar o túmulo dele, nos Estados Unidos, para mostrar para o Alessandrinho. O papai leva vocês, Melzinha, dizia o Douglas, cheio de disposição.

– Ela nem ligou de perder o marido, a casca-de-ferida. Vejo o Douglas se arrastando atrás dela e penso, mas não digo, Um dia vai ser você, seu banana, que ela vai perder, e não vai dar nem tchum.

– Por que você não pede o divórcio?

– E deixar os dois sozinhos? Da minha casa e do lado do meu marido eu não saio, Liamara. Olha lá, o chinês mongolóide vai espirrar água da mangueira no cantor de karaokê.

No coração de Maritza Santacatarina, calejado de golpes e amortecido pelos comprimidos de Lexotan, a revelação de Cafe-

teira também teve pouco impacto. Confirmou aquilo de que ela já desconfiava e ajudou-a a curar a ferida causada pelo casamento do ex-amante com a Melissa. Estavam quites, ela e a filha do Douglas, a quarentona e a adolescente, a pobre e a rica, a bruxa e a fada. Tão diferentes, uma da outra, mas igualmente rejeitadas. Tão diferentes, uma da outra, mas sem macho, todas as duas.

A professora Liamara Minestrone não se conformou com o fato de Sandoval Cafeteira ter conseguido fazer uma reunião de emergência com cento e cinqüenta pessoas, incluindo autores e membros da diretoria. Fosse ela tentar fazer uma reunião de emergência! Só conseguiria arrastar o Mateus.

– O Cafeteira tem parte com o Demônio, dona Liamara.

Mateus estava emagrecendo. Andava sério, calado, os olhos muito redondos, os beiços cada vez maiores puxando a cara para o chão. Dentro daquelas roupas de gordo, caberiam agora dois ou três dos novos Mateus, soturnos, envelhecidos. Confessava, fazia a penitência, e não conseguia livrar-se da culpa. Tentou confessar várias vezes por semana, mas o padre Tiago disse que não havia necessidade, Você já está perdoado, paga o dízimo à igreja, tem Cristo no coração. Mateus sentiu-se mais culpado ainda. Padre Tiago não queria mais ouvir suas confissões sujas, sentir o cheiro de enxofre que o Capeta exalava através do seu hálito, no confessionário. Passou a confessar com três padres de diferentes paróquias. Saía de um confessionário para ir ao outro, fazendo as penitências no caminho. Culpado.

– No inferno, dona Liamara, o Cafeteira tem uma fogueira reservada ao lado do Chifrudo, no inferno.

– Maritza, o que você está fazendo?, é o Douglas.

Maritza começava a copidescar um livro sobre literatura brasileira. Douglas fizera o favor de encaixá-la no projeto, concluído

o Magia. Pelo menos você fica em contato com a literatura, dissera o chefe, crente que lhe dava uma grande oportunidade.

Douglas chamou-a à sala dele. Ela foi, entrou, e logo perdeu o jeito, muito encabulada, vendo Cafeteira e Douglas abraçadinhos. Será possível que até o Douglas Barroso...?, ela pensou, mas os dois se desabraçaram, contentes, e foi a vez de ela própria ser envolvida nos braços do chefe.

– Parabéns para você também, Maritza, fez um trabalho magnífico. O Magia foi aprovado com três estrelas pelo ministério.

Três estrelas era a nota máxima do governo aos livros didáticos. Esperava-se que quanto mais estrelas um livro recebesse, mais professores se sentissem motivados a adotá-lo, dando mais lucro à editora.

Cafeteira estendeu à ghostwriter uma mão gelada, o braço impondo uma boa distância entre os dois. Parabéns, Maritza. Era a primeira vez que se encontravam, desde o casamento dele com a Melissa.

– Três estrelas! – berrou dona Liamara, à mesa da cozinha de sua casa, por cima de uma pilha de redações. – E ele não escreveu uma linha daquele livro!

O livro da professora Liamara tinha recebido duas estrelas e meia. Muito bom, dissera o Douglas, a maioria dos livros, de todas as editoras, recebeu só uma estrela. Meus parabéns, professora, fez um trabalho muito bom.

– Duas estrelas e meia! – chorava e gritava a professora. – Se a Tornatore tivesse me dado um décimo do apoio dado ao Cafeteira, o Gramática Com Alegria teria recebido três estrelas também!

Mateus mergulhava o beiço no chá, mordia a torradinha light, sem apetite. Sentia-se culpado por não ter contribuído com mais meia estrela para a professora Liamara. Ela merecia, era tão capaz,

tão doce com seu copidesque. Uma santa. Se a Tornatore tivesse me dado um décimo do apoio dado ao Cafeteira, ela dissera. Isso significava que, na opinião dela, o Mateus valia menos do que a vagabunda atéia que escrevera o livro para o professor.

– O Cafeteira tem parte com o Chifrudo, professora.

Dona Liamara explodiu:

– Pare de falar em Chifrudo! Eu não agüento mais ouvir você falar em Chifrudo! Se abrir essa boca para falar em Chifrudo de novo eu ponho você fora da minha casa!

Mateus encolheu-se dentro das roupas frouxas. Coitada da dona Liamara, estava atravessando um período difícil. Problemas profissionais, e, certamente, a menopausa. Menopausa tirava qualquer senhora do sério. Na verdade, era a única coisa que fazia a professora perder um pouco a educação.

– A senhora tem razão. Quanto mais a gente fala no – Mateus fechou a boca e representou dois chifres sobre a testa, com os dedos indicadores, – mais a gente o atrai. Prometo que não vou mais falar no – sinal representando os chifres.

– Acho bom – disse Liamara. Molhou os pulsos na água fria, enxugou o choro, sentou-se à mesa. – Então, eu chamei você aqui, Mateus, para pedir sua colaboração mais uma vez. Você tem que me ajudar a desmascarar o Cafeteira publicamente. Tem que me ajudar a chamar a atenção de toda a sociedade brasileira para os aspectos nefastos da criação, produção e comercialização de livros didáticos como o A Magia da Ciência.

De um telefone público, bem distante de seu bairro, usando nome falso e fingindo ser escritora ganhadora do prêmio Jabuti, Liamara Minestrone pediu a um químico de uma universidade que lhe ditasse um experimento explosivo simples, ao qual ela faria uma referência num livro de ficção sobre terrorismo, que

estava escrevendo. Disse que era amiga do diretor da faculdade. O sujeito lhe ditou as instruções para um experimento explosivo com ácido sulfúrico concentrado, material disponível em lojas de materiais de construção e de produtos para piscinas. Prometo que não vou publicar a fórmula inteira, ela disse ao rapaz e deu risada, não sou louca de ensinar experiência explosiva no meu livro! O rapaz também riu que só vendo. Depois Liamara examinou as experiências do A Magia da Ciência, aprovado com três estrelas pelo ministério da educação, para escolher uma que, nos livros para o uso dos alunos, pudesse ser substituída pela explosiva. Achou-a, logo no primeiro capítulo, numa parte sobre matéria e energia em transformação, e indicada como "experimento número 5". O texto, mais ou menos do tamanho do texto ditado pelo químico, estava todinho em letra preta, sem ilustração. A experiência era a segunda de duas, na página 21, ambas em letras pretas e no mesmo formato. Com a ajuda de um Mateus sem ânimo, Liamara preparou o texto da experiência explosiva, no mesmo formato e com o mesmo número de linhas que a do Magia. Imprimiu seu texto numa folha de papel, arrancou com cuidado a página do livro que ia ser sabotada e entregou tudo ao Mateus.

– Já pode mandar fazer o fotolito, Mateus. A mulher do Douglas me falou que ele anda estúpido com ela porque, apesar de os professores já terem tido tempo de sobra para escolher os livros que vão adotar, o departamento de marketing ainda não recebeu nenhum pedido de compra de livros para os alunos.

– Então a impressão dos livros dos alunos está para estourar – gemeu o copidesque.

– É. Aí começa aquela correria, impressão feita a toque de caixa, funcionários tensos. Muito fácil deixar escapar erro.

– Vou grudar no Jão, professora. Ele é sempre um dos

primeiros a saberem quando vai ser a impressão, porque organiza os fotolitos.

Mateus pousou na língua uma bala de algas marinhas adoçada com estévia, oferecida por Liamara, e pressionou-a contra o céu da boca. Na mesma hora enjoou. Não merecia chupar balas. Cuspiu a guloseima na embalagem e embrulhou-a, para levá-la para a mãe. Culpado.

– Coitados dos estudantes, dona Liamara. O Cafeteira apronta e eles que pagam.

– Um ou dois gatos pingados vão ter que se sacrificar pelo bem de toda a população, Mateus. Até Jesus Cristo seguiu essa política. Se ele, o filho de Deus, deixou-se morrer na cruz por nós, que que custa a um ou dois alunos ficarem com uma queimadurinha?

– Como a senhora sabe que vão ser uns gatos pingados?

– Pode ser até que a explosão nunca aconteça, Mateus. O professor que se der conta de que a experiência que está no livro dos alunos é diferente da que está no livro dele vai preferir que os estudantes façam a do livro dele, porque é mais cômodo. Então ninguém vai se machucar.

– Esse tal desse professor pode até sacar que a experiência do livro dos alunos é explosiva, e pode avisar a polícia...

– Pode, e isso também prejudicaria a comercialização do Magia. Mas eu acho que o rumo da coisa vai ser outro. Quase todos os professores de ciências da quinta à oitava série são biólogos, não químicos, então não sabem quase nada sobre fórmulas explosivas. Ainda por cima, nem dez por cento deles estão a par de que o ministério condena a manipulação de ácido sulfúrico concentrado por estudantes do nível fundamental.

– Então a senhora está contando com o azar... quero dizer, com a sorte de algum professor achar melhor que os estudantes façam a experiência sugerida só no livro dos alunos.

– É. Nesse caso, como eu disse, apenas um ou dois gatos pingados vão ser atingidos pela explosão, e agora vou explicar por quê. A dinâmica das aulas varia muito, de classe para classe, de escola para escola, de estado para estado. Vai ser quase impossível que mais de uma classe faça a mesma experiência no mesmo dia. Acontece a primeira explosão, que atinge só as crianças mais próximas do material; a imprensa corre a noticiar a tragédia; o governo entra no meio, alerta as escolas, suspende o uso do livro; e pronto, não há mais vítimas. Haverá, Mateus, isso sim, uma ampla discussão nacional sobre a qualidade dos livros didáticos, a competência dos autores e professores, a responsabilidade das editoras e do ministério, o nível do ensino brasileiro. Não acha que o país precisa de um debate assim?

Os olhos do copidesque iluminaram-lhe o cérebro, procurando uma opinião.

– Não sei se explosão em sala de aula é a melhor forma de começar um debate, dona Liamara.

– Nós dois estamos sendo convocados para uma guerra santa, Mateus. Existe uma luta entre Deus e o – dona Liamara imitou chifres com os indicadores. – Você tem que escolher de que lado quer ficar. Cafeteira e Maritza já contam com a ajuda do – sinal de chifres. – E nós dois não vamos fazer nada de errado, porque contamos com a ajuda de Deus.

Parecia que a professora tinha razão. Pelo menos Mateus sempre acabava concordando com ela. Dona Liamara ainda iria ser canonizada. Santa Liamara, guerreira, Joana D'Arc, claro que podia contar com Mateus na luta contra todos aqueles que têm parte com o Demônio. Estou à sua disposição, professora, em nome de Deus, ele disse. Mas não conseguiu mais comer guloseimas.

Mateus levou a folha arrancada do livro do Cafeteira e o texto com a experiência explosiva a uma firma que faz fotolitos. Encomendou um fotolito da página refeita com a experiência trocada. Os pedidos dos clientes eram identificados só por números, então Mateus não precisou dizer seu nome. Ele pagou o serviço em dinheiro vivo, fornecido por Liamara.

A troca do fotolito seria feita na noite anterior ao transporte dos fotolitos do livro dos alunos para a gráfica. Liamara passaria as últimas horas daquela tarde na editora, fechada na sala de reunião, analisando as edições novas de alguns livros de gramática de outras editoras, que concorriam com o dela. Às seis e quinze, passada a guerra dos sovacos, ela iria até o relógio de ponto, que já estaria às moscas, e bateria o cartão para o Mateus, registrando a saída dele. Estacionaria o carro a dois quarteirões da editora, e ficaria dentro, esperando o copidesque sair da empresa, o que deveria acontecer entre seis e trinta e cinco e seis e quarenta. Às seis e meia, Mateus sairia da sala de copidesque, levando o fotolito alterado dentro de um envelope para a sala de arte, já vazia. Colocaria luvas para não deixar impressões digitais, localizaria o envelope em que estava escrito A Magia da Ciência – livro do aluno – capítulos 1 a 5, retiraria o fotolito da página 21, colocaria o fotolito alterado no lugar dele, e guardaria o outro no envelope que trouxera. Tiraria as luvas, sairia com o envelope, sem bater o cartão, já registrado por Liamara, e a encontraria no carro. Entregaria o envelope à professora, que o incineraria no fogão da sua casa.

Mas dona Liamara acabou não passando o final da tarde na sala de reunião, e sim na sala do Douglas, que a entupiu de elogios pelo inesperado, mas merecido, estouro de vendas do seu título.

– Três milhões de exemplares, professora Liamara! É o best seller didático nacional! Aceita um cafezinho? Só se for desca-

feinado? Judite, manda o boy comprar urgente um estoque de café descafeinado para a professora Liamara Minestrone. Três milhões, dona Liamara, dois milhões e novecentos mil para a rede pública, cem mil para a rede particular, um fenômeno! Eu sempre soube que um dia isso ia acontecer, um dia o professorado brasileiro iria amadurecer, reconhecer o valor do trabalho da senhora, tanto quanto eu sempre reconheci. E isso é só o começo. Porque o professorado brasileiro ainda vai evoluir muito, ele ainda está um pouco acanhado, ainda está assimilando as mudanças feitas pelo ministério. A senhora veja o seguinte, as editoras estão chegando à conclusão de que, normalmente, os poucos livros que ganham três estrelas do ministério, ou duas e meia, não têm as vendas aumentadas não. Os livros mais adotados são os que ganham uma estrela, sabia? Um livro considerado excelente deixa o professor inseguro com relação ao próprio conhecimento, requer mudanças metodológicas, esforços de reciclagem e de atualização, exige trabalho demais do profissional desgastado pela carga horária excessiva, o salário baixo, o desinteresse de alunos despreparados e malnutridos. Por essas e outras que eu sempre disse e continuo dizendo: a senhora, professora, é um fenômeno.

Liamara calculava quanto ganharia em direitos autorais. Três por cento de três reais, que era o preço de cada livro para o governo, vezes dois milhões e novecentos mil. Mais três por cento de trinta reais, que era o preço de cada livro na loja, vezes cem mil. Não era muito boa em matemática, a professora, precisava se concentrar para fazer as contas, não prestou muita atenção quando o Douglas disse que o livro do Cafeteira recebera quinhentos mil pedidos. O quê?, quem?, quinhentos mil só? – gaguejava Liamara, os olhos soltando estrelas no teto. Quase esqueceu de bater o cartão do Mateus, às seis e quinze.

Mateus viu as colegas irem embora, uma a uma. Sozinho na sala, tirou o envelope com o fotolito alterado da gaveta. Checou se as luvas estavam nos bolsos das calças. Sentiu a pancadaria do coração. As lágrimas de Santa Luzia molhavam-lhe a testa. Culpado. Fechou os olhos e ofereceu à santa dez pai-nossos, dez ave-marias, oito atos de contrição, oito salve-rainhas. Santa Luzia que o iluminasse, lhe desse um sinal, um aviso sobre o que fazer. Atenção, silêncio, berra o Demônio pela boca da professora da sétima série, loira, cabelos presos num rabo de cavalo, olhos verdes, shorts de jeans, camisetinha decotada, pele branca e vermelha, tênis grandes, aspirador de pó na mão. Silêncio, por favor, o pessoal da experiência tá me ouvindo? Chiu, gentê, presta atenção, berra o Capeta, no seu vestido tubinho de cetim vermelho, botas pretas até os joelhos, bolsinha de plástico. Tudo pronto? Vamos lá? Atenção, o pessoal da experiência já pode começar, e bum!

Mateus viu o clarão, protegeu o rosto com as mãos, sentiu a pele esquentar, o sangue escorrer dos olhos. Enxugou-os no lenço e procurou as manchas no tecido. Só viu as manchas das lágrimas de Santa Luzia e do próprio suor. Agradeceu à santa por não deixar que a explosão o ferisse e por lhe dizer o que fazer. Dona Liamara Minestrone que se danasse, mas o Mateus não trocaria o fotolito.

Liamara abriu a porta do carro para o copidesque entrar, agarrado ao envelope, os olhos duas luas cheias.

– Que demora, Mateus. Deu tudo certo?

– Certinho – mentiu. Não queria que ela sentisse ódio dele, muito menos que, caso descobrisse a traição, ela resolvesse fazer a sabotagem por conta própria. – Eu vou com a senhora queimar este fotolito.

– Não precisa, eu queimo sozinha. Posso levar você até sua casa, antes.

– De maneira nenhuma, vamos terminar a coisa de uma vez. Não é bom a senhora ficar andando com o fotolito do Cafeteira por aí.

– É verdade, eu devia me desfazer logo disto. Posso deixar você ali no metrô, então.

– Olhe aqui, professora – os beiços se agitaram, – eu sou um sujeito de responsabilidade, não acho certo deixar a senhora sozinha nessa operação. Quero estar do lado da senhora na hora de queimar esse envelope.

Dona Liamara estranhou a insistência do copidesque. Quem sabe estivesse escondendo alguma coisa.

– Me dê esse envelope, Mateus, quero ver um negócio aí dentro.

Mateus arrebentou um choro.

– Desculpe, professora – ele gritou, chupou as lágrimas pelo nariz, – eu estou tão nervoso – tremeu, esfregou o rosto, – achei que não fosse conseguir trocar os fotolitos, mas na hora agá eu pensei na força, na fibra, na garra da senhora, dona Liamara, e foi isso que me fez ir até o fim.

Liamara amoleceu, tocou os dedos um pouquinho enojados nos cabelos do copidesque.

– Eu imagino como você se sente, Mateus, mas o pior já passou. Não tem nada que ficar nervoso. Você não deixou nenhuma pista. Agora vou levar você ao metrô.

Mateus voltou para casa rezando, Santa Luzia, fazei com que a professora Liamara queime o envelope sem abri-lo, Santa Luzia, se a professora abrir o envelope, fazei com que ela se torne uma pessoa com perda de visão, uma cega mesmo, à alteração do fotolito.

No trânsito, Liamara foi planejando como gastar o dinheiro dos direitos autorais. Passaria as férias em Cancun. Depois pediria um afastamento da escola e viajaria para países onde o português

fosse a língua oficial. Precisava fazer esse sacrifício, para se reciclar. Portugal já conhecia bem, podia escolher entre São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau e Cabo Verde, já que Angola, Moçambique e Timor Leste eram um pouco perigosos para uma senhora sozinha. Quando voltasse ao Brasil, pararia de lecionar. Três milhões de seus livros, em média, seriam vendidos a cada três anos, proporcionando-lhe rendimentos de cinco vezes o seu salário de professora, sem que ela precisasse fazer quase nada. E aquilo era só o começo, dissera o Douglas. Ela daria um presente para o Mateus, uma caixa de lenços de algodão. O moço merecia. Era um matusquela, mas sobrava-lhe em lealdade o que lhe faltava em cultura. A caixa de lenços seria também um presente de despedida. Na atualização do Gramática Com Alegria, dali a uns cinco anos, Liamara exigiria um copidesque de fora, um free lance indicado por ela própria, contratado a peso de ouro. Tinha cacife para fazer exigências. Era uma estrela. Três milhões! Cafeteira e todos os outros autores do país deviam estar se contorcendo de inveja. Um deles poderia até querer sabotar o livro dela, prejudicar estudantes inocentes... A professora se arrepiou.

Fez um retorno cantando os pneus, chispou de volta à Tornatore. Três milhões! Três milhões de crianças inocentes iluminando-se, afundou o acelerador, desenvolvendo seu potencial humano, furou dois sinais vermelhos, construindo sua identidade, sobrevoou um viaduto, exercendo sua cidadania, ultrapassou pela calçada, capacitando-se para estruturar um país melhor com a ajuda do livro de Liamara Minestrone! Estacionou na frente da Tornatore, A senhora vai...? Deixar isto na mesa do Douglas Barroso, ela respondeu ao porteiro, erguendo o envelope que Mateus lhe entregara, Sou autora. Assine aqui, por favor. Ela assinou o livro de entrada, correu à sala de artes, que estava escura, acendeu uma luz, suficiente para localizar o fotolito da

página 21 do livro do aluno e, olhos e ouvidos atentos às portas da sala, trocou-o rapidamente pelo que estava no envelope que trouxera. Parou num bar, comprou um isqueiro, e, numa praça ali perto, incinerou o envelope em que metera o fotolito roubado da prateleira. Decidiu não contar nada ao Mateus, um fanático, com sintomas de esquizofrenia, que via o Demônio, chamava Liamara de santa. Nunca se sabe como esse tipo de gente vai reagir a uma traição.

Se você acha que a professora Liamara Minestrone e o copidesque Mateus Veloso são culpados pelas explosões que feriram os estudantes, porque planejaram e tentaram realizar a sabotagem, ligue para zero oitocentos oitocentos zero. Se você acha que a professora e o copidesque são inocentes, porque tentaram, no último momento, evitar a sabotagem, ligue para zero oitocentos oitocentos um.

E esquenta a polêmica em torno do best seller Rockordel. A Congregação do Bispado Brasileiro pediu às autoridades a proibição da venda do livro, alegando que ele contém um linguajar abusivo e sacrílego que estimula a dissolução dos valores cristãos e desrespeita a religião católica, levando aos lares brasileiros a blasfêmia, o homossexualismo, o vício das drogas e o preconceito racial.

Para Sírius Jorge Libanês, juiz da Primeira Vara da Infância e da Juventude do Distrito Federal, o pedido de proibição do texto é exagerado. Mas ele observa que a publicação fere o Estatuto da Criança e do Adolescente, pois contém material impróprio a menores de idade, e deveria ser comercializada em embalagem lacrada, com um selo de advertência quanto a seu conteúdo.

Já o Movimento Negro Brasileiro está dividido quanto a um possível teor racista do texto. Enquanto uma parte do grupo acha

o poema ofensivo à raça e aos arquétipos da cultura negra, outra, formada em sua maioria por feministas, considera o texto o mais contundente libelo contra a dominação patriarcal branca já escrito em língua portuguesa.

A polêmica em torno de Rockordel tem chamado muita atenção do público e as vendas não param de subir. Àqueles que foram até a livraria e voltaram de mãos vazias porque a quarta edição já estava esgotada, a editora informa que outros quatrocentos mil exemplares estarão à venda a partir de amanhã. Boa noite.

Rockordel

epopéia de Maritza Santacatarina

Rockordel

epopéia de Maritza Santacatarina

No Gran Cassino Belzebu,
no começo da madrugada,
entram Deus e São Benedito
contando fofoca e piada.

São Benedito traz nas costas
um grande saco de bolotas
e guia com cuidado o patrão
que troca os passos, de pifão.

Passa a garçonete espremida
num corpete de lamê pink.
Na bandeja leva ambrosia,
salgadinhos de hóstia e alguns drinks.

Deus pega champanhe na taça.
O Dito prefere cachaça,
que derrama no chão pro santo
antes de molhar a garganta.

O Gran Cassino está montado
em uma estação orbital
do Céu, um planeta azulado
que é a zona residencial
mais valorizada de todos

(2)

Universos imaginados,
conhecidos e pesquisados,
abertos e mesmo fechados.
Só a sociedade de alto nível
tem acesso aos celestiais ares:
produtores de combustível
pra frotas interestelares,
banqueiros interplanetários,
donos de igrejas, santuários,
matéria escura, quasares,
aglomerados globulares,
anãs brancas e marrons,
galáxias e constelações
e estacionamentos full time
com cinco a sete dimensões.
E num condomínio fechado
tá sendo reservado um lote
todo computadorizado
para o dono da Microsoft.
Dentre os habitantes do Céu
é Deus o da bolsa mais cheia.
Tem idade, prestígio e cancha
pra ter feito um bom pé-de-meia.
A origem de seu patrimônio
virou um mistério filosófico,
e há quem garanta que o grã-fino
ganhou tudo isso no cassino.

Divindades da Grécia Antiga
e seres de vários planetas
jogam pôquer e bacará,

(3)

fazem apostas na roleta.
Velhas deusas aposentadas,
da era do matriarcado,
tentam ganhar no caça-níqueis
a grande fortuna ou o trocado:
a fortuna para as viagens,
o trocado para o cigarro
que fumam, feito chaminés,
entre uma tossida e um pigarro.
Santidades da Bíblia jogam
bilboquê, lenço atrás, peteca
com o infante Pequeno Príncipe
que a todos encanta, sapeca.
São Sebastião é alvo dos dardos,
com aquele jeito de boneca.
Joana D'Arc vende seus fósforos
e ecstasy lá na discoteca.
No karaokê, um capeta
dubla uma triste ladainha.
Diabos fazem os serviços
de limpeza, copa e cozinha.

Deus dá muita gargalhada,
sentado à mesa do bar.
Aposta com Benedito
quem que consegue encaixar
o seu halo nas garrafas
do balcão, sem levantar.

Duas anjas seminuas
estão sentadas com eles,

(4)

lindas como a luz da lua,
leves como dois mosquitos,
uma, no colo de Deus;
outra, no saco do Dito.

Nisso, os vigias parrudos
da São Pedro Segurança,
que tomam conta da porta,
rolam na pista de dança
feito bolas de boliche.
O povo sai nas carreiras.
O Anjo Gabriel diz "Vixe!",
some numa fumaceira.
Um inca venusiano
se mete sob a cadeira.
O som que rola emudece.
Quem pode, desaparece
dentro de qualquer buraco.
O Cassino fede a lixo.
Dito agarra firme o saco,
assustado c'o bochicho.

Quatro tipos mal-encarados
entram bem devagar, fedendo,
pisando seus passos pesados,
as botinas pretas rangendo.
Os humanóides que são machos
têm longos cabelos cacheados,
mas o único que é mulher
tem o coco todo pelado.
Cabelos, careca e uniformes,

(5)

estes pretos, bem agarrados,
estão sujos de poeira cósmica,
de graxa e cocô lambuzados.
Os rombos das roupas revelam
cicatrizes e tatuagens,
não dando pra ver diferença
entre ferimentos e imagens.
A pose que fazem contrasta
co'a inhaca e co'a roupa indigente.
Olham de cima, com desprezo,
nos olhos de cada presente,
erguem as queixadas, insolentes,
parecendo gente abastada
e quando parados mantêm
as coxas muito separadas.
Aquele que parece o líder
carece cabelo na fronte,
mas de peito, pança e culote
o marmanjo tem bem um monte.
O bruto desmancha o penteado
de uma ET idosa e gordota,
sacode e esguicha Coca-Cola
no decote em V da velhota.
Os demais membros da quadrilha
imitam seu vil comandante.
Tomam os copos da clientela,
chutam cadeiras e gestantes,
soltam puns e dão gargalhadas
perto de elegantes mocinhas,
passam rasteiras nos idosos,
cospem nas bondosas velhinhas.

(6)

E não bastando toda a afronta
e o prejuízo provocado,
o chefe da gangue ainda exclama,
impertinente, debochado:
"Nesta porra deste Universo
todo mundo é frouxo ou veado!"

O halo do Senhor despenca
do alto da cabeça ao chão,
e Dito logo o recolhe
pra Deus não dar tropeção.
Deus olha em volta, indignado,
tomado de ira divina,
e cochicha com cuidado
para uma das meninas:
"Por todos buracos negros,
quem são esses xexelentos?"
Diz a ninfa ao Seu ouvido:
"É a gangue do Ted Nojento,
o bárbaro mais temido
de todos os Universos
cogitados, pesquisados,
abertos e até fechados.
São andróides, os possessos,
meio humanos, meio robôs
(dão apenas meios-arrotos,
fazem apenas meios-cocôs).
Eles foram fabricados
para trabalhar pesado
em planetas perigosos,
mas viraram revoltosos.

(7)

Optaram pela violência
e fugiram num motim,
tornando-se marginais
do nosso espaço sem fim".
"Não é um trombadão high-tech
que vai caçoar de mim",
diz o Todo-poderoso,
mostrando quem é o gostoso.
E pra esconder a tontura
se apóia no ombro do Dito
antes de ficar em pé
e passa na gangue um pito:
"Este cassino é pequeno
demais pra mim e vocês.
Junte os capangas, Nojento,
e se mande de uma vez."

Nojento assedia as anjas,
machista, fora de moda,
e dirige-se ao Senhor,
naquele estilo calhorda:
"Aí, coroa panaca,
bota as vagabas na roda!"
"Pra mim chega!", Ele esbraveja,
lascando um tapa na mesa.
"Pena que vocês não passem
de carniça e lataria,
do contrário, prum duelo
eu já os desafiaria!"
"Eu aceito o seu desafio",
diz o ladrão cibernético,

(8)

"quanto tem para perder,
seu bode velho e caquético?"
"Pois fiquem vocês sabendo",
fala o Espírito Perfeito,
"que sou o latifundiário
mais rico e de mais respeito,
mais famoso e bajulado
de todos os Universos
cogitados, pesquisados,
abertos e até fechados.
No cartório universal
tenho tudo por escrito:
meus domínios só terminam
nos limites do infinito".

Daí Deus vai cambaleando
pra perto da andróide fedida
e pergunta ao líder do bando
numa corajosa investida:
"Que tal apostarmos algum
dos meus numerosos planetas
contra esta gatinha encardida
de grandes e redondas tetas?"
"Você é quem comanda, velhote!",
ironiza o andróide chumbrega.
Então Deus mergulha no saco
de bolas que o Dito carrega.

"Mercúrio?", Deus se pergunta,
com u'a bolinha entre os dedos.
"Não, nem mesmo num milênio!

(9)

Ali tem muito selênio."
Escolhe outra miniatura
de planeta, bem ao azar,
e com seus próprios botões
continua a conversar:
"Arrakis, dos supervermes,
eu até que arriscaria
se os bichos não produzissem
ricas especiarias.
Quem sabe, então, Ganimedes!
Parece um planeta, o puto,
mas fica com mais três luas
girando em torno de Júpiter...
Não, Ganimedes é quase
todo composto de gelo,
e gelo (é coisa sabida)
é agá dois ó endurecida
que pode ser exportada
para regiões ressequidas
e lá, transformada em chuva,
possibilitar a vida."

E enquanto o Senhor procura
um planetinha de bosta
os clientes do cassino
organizam a própria aposta.

"Quinze mil no Ted Nojento!",
grita um belo serafim.
Mas muda de idéia e diz:
"Deus sempre vence no fim."

(10)

São Benedito se afasta
pra fazer a sua fezinha,
investindo numa zebra
todas suas moedinhas.

A pesquisa do Supremo
no fim das contas se encerra
quando Ele encontra no saco
a miniatura da Terra,
e brincando co'a bolinha
resmunga, triste, mofino:
"A Terra não vale nada
c'os humanos de inquilinos."
Larga o saco, aliviado,
e as bolas rolam no chão.
São Benedito nem nota,
apostando no vilão.

Deus põe a bola da Terra
na mesa de pebolim.
Os times são bonequinhos
Capetas e Querubins.
O senhor tem o direito
de dar o primeiro chute
e pra ficar afiado
Ele enxuga um bom vermute.
"Que vença o melhor!", diz Ted,
e o duelo então procede.

A torcida vibra e goza
co'a grande competição.

(11)

Mas o jogo acaba em empate,
tem que ter prorrogação.
Ted abraça os companheiros,
consola a amiga careca.
Deus só quer saber do chope,
que toma numa caneca.
Na prorrogação vão horas,
ninguém agüenta assistir,
a platéia se acomoda
num cantinho pra dormir.
Ted pasma ao constatar
que o velhinho está a mil.
E Deus insiste no chope,
que já toma de barril.

Lá pelas tantas a gangue
acorda, de calundu,
querendo mandar mei' mundo
tomar bem no olho do cu,
e começa a saquear
todos caixas do pedaço
quando ouve o grito de "GOL!"
com um grande estardalhaço.

Deus comemora, contente,
com u'a champanhe na mão,
mas Ted também faz a festa,
como se fosse o campeão.
Deus ri e dá cambalhota,
Nojento saltita e dança.
E a andróide, que não quer homem

agindo feito criança,
mostra que tem muito siso
e pra acabar co' a frescura,
de Ted dá um soco na pança,
de Deus quebra a dentadura.
Deus cai por cima das bolas
e nos braços de Morfeu.
Estava grogue demais
pra entender o que ocorreu.
Ted massageia a pança e,
vibrante como a esperança,
confiante feito um ateu,
ousado que só Odisseu,
grita: "Quem venceu fui eu!
Pois bebum como uma lontra
o velho marcou um gol contra!
Ganhei a Terra de Deus!"

A gangue pula e festeja,
e diz o mais brucutu:
"Vamos vender o planeta
e dividir o tutu!"
"Não, Angu Velho", corrige
o mais sabido e sensato,
"se vendermos o planeta
torraremos tudo no ato,
e não achando boa alma
que pão na nossa mão ponha
continuaremos bandidos
sem terra, paz ou vergonha".
"Eu concordo c'o Vão Ralo,

coloca-se a fedorenta.
"Cansei de fugir dos tiras,
suja de graxa, sebenta.
Quero me estabelecer,
ter uma vida normal,
usar bucha, sabonete,
dentifrício e fio dental."

O líder dá um passo à frente,
c'o punho erguido e fechado,
as pernas bem separadas,
o queixo bem levantado,
o olhar sério e confiante,
e até bastante abusado,
no que é devidamente
pelos outros imitado,
e emocionado conclama
ao soar de uma trombeta:
"Vamos à Terra, cambada,
tomar posse do planeta!"

E assim acabam caindo
numa rua bem central
de São Paulo, quase em cima
de uma banca de jornal.
Olham tudo, curiosos,
farejam a poluição,
acompanham o vaivém
louco da população,
escutam a barulheira
de buzinas, britadeiras,

(14)

lojas de som, marreteiros,
sirenes e tiroteios,
e à vontade já se sentem
nesse novo ambiente.
"Que planeta acolhedor",
comenta a fêmea-robô,
"tem atmosfera saudável,
clima tépido e agradável".
"De acordo com meus sensores",
diz Vão Ralo, o razoável,
"a forma local de vida
superior, inteligente,
que é também a dominante,
é semelhante à da gente".

Vem uma velhinha andando
de mão dada c'um guri.
O moleque está chupando
um pirulito, feliz.
Diz Angu Velho, babando,
nervoso feito um sagüi:
"Vamos mostrar pros terráqueos
quem que manda nisto aqui!
Comecemos por aqueles
dois viventes do local."
A gangue se esconde atrás
da banquinha de jornal.
Quando a dupla se aproxima
Angu dá um salto mortal
e, seguido pelo bando,
pula na frente da velha,

faz careta, abanando
suas pontudas orelhas,
mostra o muque, mexe a pélvis
imitando um pouco o Elvis.
A velha e o guri, nem te ligo,
ela com cara de tacho,
ele c'um sorriso amigo
pros tipos de longos cachos.
Até que a gangue se cansa
e diz para a velha a criança
contente como ela só:
"Olha um cònjunto, vovó,
dos que tocam heavy metal,
aquele rock mais pesado.
Quero pedir um autógrafo
pr' esse mais destrambelhado."
A velha aplica no neto
um cascudo bem certeiro;
diz que não tem cabimento
dar trela pra maconheiro;
que se o neto, em seus cueiros
tivesse levado um pau,
autógrafo não pedia
pra artista homossexual.
E agarrando o coitadinho
pelo mirrado pescoço
manda ele cuspir o doce,
que está na hora do almoço.
Mas de levar desaforo
pra casa o guri não é,
e ele sapeca na avó

dentadas e pontapés.
E os dois se afastam, trocando
porradas e xingamentos,
sem saber que estão assustando
a gangue do Ted Nojento.

"Esqueçam esse incidente",
diz o líder mocorongo,
ao ver chegar um sujeito
de cabelo sujo e longo.
O tipo ginga, matreiro,
com panca de marginal.
"Esse é um rapaz bem maneiro,
boa-pinta, mais legal.
Há de ser bem diferente
dos dois que vimos, tomara!
Sua natureza submissa
está estampada na cara."
A gangue confia em Ted
e se esconde atrás da banca,
mas, quando vai dar o susto,
perde a pose, fica branca,
pois a vítima segura
um estilete ensangüentado,
que treme, vermelho e prata,
para eles apontado.
"Aí, seus punks de butique,
me passem logo as carteiras!",
o tipo já dá um aplique.
Surge um senhor, às carreiras,
a roupa toda rasgada,

o peito todo sangrando;
"Pega ladrão!", ele grita,
o marginal indicando.
O bandido, muito atento,
larga, sem mais lero-lero,
o estilete com Nojento
e pernas pra que te quero.

Nisso um veloz camburão
cheio de milico entra em cena.
Vendo o estilete na mão
de Ted, os guardas, sem pena,
afinam os seus porretes
dando na gangue um cacete.
É tabefe, piparote,
peteleco, cuspe, choque,
soco, puxão de cabelo,
pé-de-ouvido, pescoção,
rasteira, pisão no calo,
pau-de-arara, beliscão.
O senhor ensangüentado,
querendo fazer justiça,
tenta apartar os andróides
dos bandidos da polícia:
"O ladrão foi pr'outro lado,
esses caras são inocentes!"
Mas também é desancado
e perde todos os dentes.
Antes de puxar o carro,
o cabo quer relaxar
e acerta um bom pontapé

(18)

no rim de cada mané,
rosnando, pra arrematar:
"Bando de hippie sortudo!
Uma coça faz é bem
pra malandro cabeludo!"

Aos poucos os replicantes
voltam ao estado normal.
Vão Ralo faz uma análise
da situação geral:
"É evidente que esta nossa
força bruta nada pode
contra os índios desta joça."
"Quem não pode se sacode",
Angu Velho choraminga,
"quero voltar para o espaço,
onde, só a nossa catinga
já derretia até aço!
Lá éramos criminosos
invencíveis, pavorosos.
Aqui somos impotentes...
vão exterminar a gente!"
"É cedo pra desistir",
diz o líder, paciente,
"demanda sempre algum tempo
o ajuste a um novo ambiente."

E estão nesse vai-não-vai
quando Erva Daninha avista
uns posters de heavy metal
na banquinha de revista.

"Vejam isto aqui, rapazes,
vejam esta obra pictórica".
Os tontos observam os cartazes
com a banda e a platéia eufórica.
Como a gangue, o tal conjunto
tem presença, muita panca
e cabeleiras imensas
que quase lhes vão às ancas.

Fala Vão Ralo, o mais vivo:
"Deve ser um ritual
com milhares de nativos
louvando, num transe atroz,
uns palhaços enjoativos
bem semelhantes a nós!"

Erva repara nas capas
das revistas mais vendidas
com fotos de bandas heavy
em palcos bem produzidos:
"Os paspalhos sempre estão
sobre uma espécie de altar
com tanta iluminação
capaz até de cegar,
onde são idolatrados
pelos nativos pirados!"

E das fotos dos roqueiros
segurando os instrumentos
e também os microfones
o Ted tem um pensamento:

(20)

"Eles 'tão sempre empunhando
pitorescos artefatos
que me parecem ser mais
que técnicos aparatos.
Eu diria, sem temor,
que esses objetos curiosos
que portam com tanto ardor
são ícones religiosos.
Cada treco desse aí
é um símbolo do Sagrado.
É o próprio poder divino
na Terra representado!"

A partir desse colóquio
não é difícil chegar
à conclusão que estes versos
em rimas vão presentar.
Pois os capangas do Ted
assentam, com ar de mestres:
"Esses paspalhos das fotos
são os deuses cá dos terrestres!"

"Inacreditável! Absurdo!",
a gangue diz numa só voz,
"tem que ter muita boa vontade
pra adorar alguém como nós."
"Isso me lembra que até agora
não demos oportunidade
ao nosso eficaz aparelho
de localizar boa vontade."
Dizendo isso, Vão Ralo estica

u' antena num dispositivo
e afirma que co' essa coisica
eles vão encontrar os nativos
imbuídos de boa vontade
que lhes entregarão o poder
num clima de tranqüilidade
sem ninguém precisar sofrer.
O aparelhinho se sacode,
se esquenta, produz um ruído,
e seu ponteiro se remexe
mostrando o rumo a ser seguido.
E quanto mais a gangue chega
perto do local pretendido
mais quente fica o aparelhinho,
mais alto o barulho emitido.

'Modos que chega uma hora
que a gangue não agüenta mais
pois já está ficando surda
com o som que o aparelho faz.
Vão Ralo solta o bagulho
que está queimando sua mão,
e o coiso apita e escoiceia
até que explode no chão.

"Meteoritos me atropelem!",
exclama Ted, bem na frente
da loja de discos Thara.
"Faça uma idéia, mi'a gente,
de quão grande e de quão rara

é a boa vontade presente
justo aqui, na nossa cara."

Entram na loja, posudos,
pra saber quem tá lá dentro,
e vêem fotos de roqueiros
como as da banca do centro.
A proprietária vai expondo
a melhor mercadoria;
quer ser amiga do bando,
com quem tem logo empatia.

Ted diz que não quer cd,
fita rara nem pirata,
e mostrando um grupo heavy
que a arte de um poster retrata,
manda, sem pensar duas vezes:
"Fale-nos sobre esses deuses!"

A moça se maravilha
co' a frase do visitante.
E mete pela narina
certo pó branco excitante,
pois lhe passa no tutano
que os caras estão viajando,
e ela quer embarcar junto,
indo fundo nesse assunto.
"Ah, esses aí são os carinhas",
explica a moça, fungando,
"que gravaram essa música
que vocês 'tão escutando."

A gangue presta atenção
cheia de pose, concentrada,
no heavy metal ambiente,
e cai numa gargalhada.

"Música? Isso?", diz Nojento.
"Eu pensei que fossem os guinchos
que solta uma pestilenta
ratazana de Vulcano
quando um forte cio atenta."

"Eu produzia melhor música",
fala Angu Velho, o boçal,
desentupindo as privadas
de um albergue espacial."

Debocha a Erva Daninha:
"As britadeiras atômicas
que eu manejava nas minas
de Urano eram mais harmônicas!"

E Vão Ralo fala: "Um verme
lá de Arrakis vomitando
tem a voz mais afinada
que a desse idiota cantando!"

A dona da loja ri,
aprova a esculhambação.
"Os caras são uns gozadores",
ela pensa, com paixão,
"têm vocação verdadeira

(24)

pois cada um demonstrou
o espírito de deboche
do velho e bom rock and roll."
E assim ela se apresenta,
serelepe, encantadora:
"Prazer, sou Thara Pimenta,
dona de uma gravadora
de discos independente
e também desta lojinha."
"Eu me chamo Ted Nojento.
Sou líder desta turminha
de andróides: este é Vão Ralo.
Angu Velho. Erva Daninha.
Viemos do espaço infinito
em paz, que o de paz não erra,
com o grande e nobre objetivo
de dominar toda a Terra."

"Eu sei o que cês têm em mente",
Thara mostra u'a foto e diz.
"Querem dominar o mundo
como este conjunto aqui.
Ter grana, poder, prazeres,
c'os quais ninguém nem sonhou,
a Terra toda a seus pés
através do rock and roll!
Com toda essa pinta aí
cês devem ser um puta
conjunto de heavy metal,
uma banda de batutas!
Onde é que estavam metidos?

(25)

Mocozados aqui perto?
Nem precisam responder,
vieram ao lugar certo!
Aqui no fundo da loja
eu tenho um pequeno estúdio.
Por que não fazem um som?
Aproveito e gravo tudo!"

A gangue não entende bem
o que a Thara está falando
mas acha melhor fazer
tudo que ela está mandando.
Pra disfarçar o embaraço
e pra que a gangue relaxe
o líder sacode a crina,
fazendo a pose de praxe.

Desajeitado, segura
diante da pança a guitarra.
Arrisca um toque nas cordas,
mas se assusta co' a algazarra
pois o som daquilo é ardido
e lhe arruína os ouvidos.

A corda lhe lasca a unha,
e o Nojento se aperreia.
A guitarra ele arrebenta,
xinga, chuta, pisoteia.
Thara, que não perde tempo,
tudo registra e apreceia.

(26)

O Nojento pega então
a palheta entre dois dedos,
aperta e vê se sai som,
se descobre o seu segredo.
Vão Ralo, seguindo o instinto,
avança pra Ted, porreta,
e esfrega com violência
a guitarra na palheta.

Na bateria, Angu Velho
descarrega todo o Mal.
Dá murros, chutes, bundadas,
morde e esmigalha o chimbau.

Ao microfone, Daninha
dá berros, pensa que é rock,
mas pega num fio exposto
e toma um puta dum choque.
Não há nada mais medonho
do que o seu grito de dor,
fenômeno comparável
só a seu incrível fedor.
Mas Pimenta tudo grava,
segura da qualidade
do som, que ela crê que tem
bossa e originalidade.

Tanto é o talento contido
naquela encenação
(ou é culpa do barulho
que faz a amplificação?),

(27)

sei que o gravador explode
enfumaçando o salão,
e o show da gangue termina
por falta de condição.

"Genial!", grita Pimenta,
erguendo o cd na mão,
pulando feito cabrita,
a cara feito tição.
"Isto aqui vai salvar minha
gravadora independente
do buraco e minha lojinha
vai ter cartaz suficiente.
Não percamos um segundo
pra fazer nossa conquista.
Vamos mostrar para o mundo
a força do metal paulista!"

Deus acorda de ressaca e descobre
suas bolotas espalhadas no chão.
O cassino está trancado e vazio.
Deus não entende aquela situação.
Cata o seu halo do chão e o ajeita
sobre a cabeça estourando de dor.
Começa a recolher as miniaturas
gritando o nome do seu servidor.

Ao chamado do Senhor Dito acorda,
em cima dumas cartelas de bingo.
Os dois vão pondo as bolinhas no saco,
todos os planetas vão conferindo.

(28)

E é de comover até o Capirocho
a mágoa de Deus, pai do carpinteiro,
quando, ao não achar o planeta Terra,
Ele lembra o duelo c'o bandoleiro.

Corre para lá e para cá, perdido,
com uma bolsa de gelo na testa,
e, sendo pelo seu halo seguido,
enumera cada perda e protesta:
"Dois terços da superfície da Terra
estão bem cobertos de agá dois ó!
Em toda Via Láctea 'inda não se achou
maior reserva salina, tem dó!
Jazidas de ferro, silício, estanho...
Caramba, fiz u'a boa presepada!
Cada camarãozão deste tamanho...
Preciso consertar essa burrada!"

Pede a Dito que prepare já o seu
teletransportador de onipresença
e avise em casa: vai viajar à Terra
numa arriscada missão de emergência.
E para entre os terráqueos se meter
discreto, fazendo bela figura,
incumbe Benedito de lhe ver
um traje clássico, de boa costura.

A Rua Direita, em São Paulo,
está sempre cheia de gente.
É um ir-e-vir de pedestre
infernal e permanente.

(29)

Nessa rua Deus caminha
contrafeito e avexado,
pois por todos é medido
e ridicularizado.
É que o Dito lhe arrumou
como figurino clássico
uma vestimenta fina
de clássica bailarina.

Uma nova tentativa se faz
e Deus desce na Terra com decência
envergando um terno feito de linho
e carregando sua onisciência.
É uma televisãozinha portátil
a onisciência que Deus liga e vê.
Na tela aparecem Ted e seu bando
falando com Pimenta, em seu apê.
"O disco de vocês vai estourar!",
diz Pimenta ao quarteto espacial.
"Só falta o mix, amanhã à noitinha.
Será nosso o mercado mundial!"

"Rock!", diz o Poderoso num resmungo.
Então foi essa a arma que aqueles trapos
escolheram pra dominar o mundo!
Esta disputa já está no meu papo."

Deus continua assistindo
à telinha, por inércia.
Thara hospeda os bandoleiros,
divide o quarto com a Erva,

serve a eles melancia
que comem com casca, os trastes,
e quando ela entra no banho
Deus ajusta cor, contraste,
brilho, foco e até faz zoom.
Thara mergulha na espuma
cantando um roque pesado
enquanto Deus se avoluma.

"Aí, hein, ô Sumidade",
chega o Dito e dá uma prensa,
"de novo espiando os outros
pela sua onisciência?"
"Como se atreve a falar
co' essa falta de respeito?",
responde o grande Deus Pai,
e no caso já dá um jeito.
Nas imaculadas mãos
surgem lápis e prancheta
e Ele faz anotações.
"Tô estudando este planeta
sob o prisma antropológico.
É fã do banho diário
o terráqueo brasileiro,
musical e hospitaleiro".
"Perdoai minha ousadia,
Criador de Todos Nós,
mas eu vos conheço e sei
quão mulherengo sois vós.
É um alerta, não esqueçais
o que vos trouxe pra cá",

diz o Dito, o olho grudado
num mamilo ensaboado.
Deus aponta o fura-bolo
pro nariz do empregadinho,
solta a voz como um trovão,
recitando estes versinhos:
"Dos meus atos não preciso
prestar contas a ninguém,
muito menos a um servente
chulé feito tu, neném.
Sei o que faço e não erro.
Ninguém tem nada com isso.
De gamela de onça brava
gato não coma o chouriço."
Dito vira pr' este lado,
olha bem para o leitor
e diz, co' as mãos na cintura:
"Ô velho metido, sô!"

À tarde Deus vai à loja, de terno,
e como um pesquisador se apresenta.
Faz que é americano e também inventa
que é um engenheiro de som tão moderno
que cria um som legal até no inferno.
Pesquisa os instrumentos primitivos
acústicos dos tais povos nativos
que todos chamam de índios, é claro.
Quer comprar discos, baratos ou caros,
de raiz, com sopro e som percussivo.

Thara Pimenta já torce o nariz,
diz que seu negócio é roque pesado,
o heavy metal é que é o seu mercado,
E pra dispensar de cara o infeliz
fala que pra essa coisa de raiz
é melhor procurar Marlui Miranda.
E vira as costas, que o relógio anda.
Mas Deus quer intimidade com a moça
e seu belo corpo em pele de louça,
então finca pé e dali não se manda.

"Tenho muitos contatos nos Esteites",
insiste, para ser mais sedutor,
"que pro seu business podem ter valor."
Contatos não são coisa que se enjeite,
e Ele ouve de Pimenta, com deleite:
"Tá bom, vamos nos ver, tá combinado."
Ela lhe dá um endereço anotado
para um encontro na noite seguinte:
no Estúdio Aurora quem sabe ele pinte
quando o cd da gangue for mixado.

Na tal noite, Thara, no Estúdio Aurora,
só encontra o técnico de lá e a gangue.
Capricham na mixagem, dão o sangue
mas a coisa continua amadora.
Pimenta, achando que tá meio caipora
propõe irem embora. Já é tão tarde
que o olho de todo mundo até arde.
Vão voltar de manhã e meter bala,

(33)

mas quando trancam a porta da sala
não vêem Deus escondido sem alarde.

Assim que o Criador se vê sozinho
aciona o som da gangue no aparelho.
"Mas que barulho horrível e pentelho!",
conclui sobre a guitarra o bom velhinho.
"Pode até fulminar um passarinho,
de tão ácido, cortante e estridente.
Vou aumentar este som indecente!"
Assim diz, assim faz, que Ele não brinca.
O som insuportável o vidro trinca.
Deus não agüentava, se fosse gente.

A noite toda trabalha o Pai Nosso
pra deixar pavoroso aquele disco.
Esmurra o equipamento, joga cisco,
chuta, xinga, cospe e mija no troço.
De manhã, seca o suor do pescoço
e do terno, que está todo empapado.
E, dando o trabalho por encerrado,
chama Benedito por um radinho
que traz no bolso do terno de linho,
juntinho com seu halo bem guardado.

São Benedito atende, bocejando:
"Bom dia, Hosana. Como foi o trampo?"
"Tranchã! Tô pronto pra sair de campo.
Vamo lá! Vá me teletransportando."
A máquina, porém, está enguiçando.
E Deus vê Pimenta, na sua inocência,

entrar co' grupo, sem pedir licença.
"Não posso imaginar", resmunga Deus,
"pior hora pra não dispor do meu
teletransportador de onipresença..."

É bem grande a surpresa de Pimenta
vendo o americano pesquisador,
tão grande quanto a pressa do Senhor
guardando o walkie-talkie. Ela comenta:
"Sua presença nos alegra e me alenta.
Por favor, dê alguma sugestão
de experiente engenheiro de som
pra melhorar este nosso trabalho."
Deus se sente pregado no assoalho
e Thara liga aquele barulhão.

"Mas isto está perfeito!", Thara exulta
c'o som que do aparelho se desgarra.
"Que solo primoroso de guitarra!
Que mixagem magistral e absoluta!
Que combinação de efeitos enxuta!
Parece que baixou um santo, meu,
e fez um milagre aqui. Benzadeus!"
O Pai tudo vê e ouve, estupefato.
Thara lhe aponta o dedo e diz no ato:
"Foi você que no nosso som mexeu!"

"Você que fez esse favor pra gente!",
Daninha acrescenta, com ar de esperta.
O Supremo, mais calmo, não se aperta
e admite que lhes deu esse presente.

(35)

Pimenta lhe agradece e vai em frente,
dando à gangue nova orientação:
"Levem o cd na rádio Sonzão
e entreguem pro didjêi que é meu amigo.
Ele trampa amanhã, chama Rodrigo.
Vai tocar o som sem cobrar tostão."

Daí vai todo mundo comer pizza
no apê da empresária independente.
A Pimenta pede, educadamente,
pro engenheiro falar das suas pesquisas.
Deus conta uma lorota e teoriza
sobre uma canção índia do Xingu
que explica como foi criado o cu
de todo o mulherio brasileiro,
que antigamente não tinha traseiro,
que é como faltar pena ao urubu.

"A lenda", disserta o falso engenheiro,
"joga luz na questão da recorrência
da bunda feminina na essência
da expressão musical do brasileiro.
No início dos tempos, no pardieiro
que os habitantes hoje chamam mundo,
não havia uma só cunhã com bunda.
Elas eram felizes, co' exceção
das cunhãs naturais da região
que ora é o Brasil, onde a canalha abunda.

Pindorama era o nome do país
das cunhãs chorosas e inconformadas.

E tanto choravam as desgraçadas
que as aldeias do Oiapoque até o Chuí
de lágrimas estavam inundadas.
Então Tupã tomou uma decisão.
Reuniu todos os Pajés da nação
e disse: 'Vou fazer bundas pra elas.
Me digam, ó Pajés, sem esparrela,
que forma tem que ter um bom bundão.'

O Pajé-palmiteiro diz, perito:
'A bunda da cunhã de Pindorama
será conforme o sonho de uma dama.
Comprido e roliço como um palmito
o cu da cunhã vai ser, tenho dito.'
Mas as cunhãs não gostaram da idéia,
fizeram Tupã adiar a estréia.
'Estas bundas aumentam nossa zanga
pois não nos permitem vestir as tangas',
argumentaram, chorando, as tetéias.

O Pajé-rio veio então sugerir
que o cu das cunhãs devia se formar
de água doce e desembocar no mar.
Umas cunhãs começaram a rir
mas a maioria continuou a exprimir
em prantos a sua grande frustração.
Pois nunca cessaria a inundação
das aldeias se as cunhãs adotassem
bundas d'água que a todos afogassem.
E o caso continuou sem solução.

(37)

A lua, Jaci, que lá do firmamento
via as belas cunhãs perdendo a fé
e aquela incompetência dos pajés,
chamou Tupã no seu acampamento
e, redonda, fez seu assentamento:
'A bunda das cunhãs de Pindorama
tem que ser feita, pra gozar de fama,
de duas bolas bem cheias e grandonas,
sejam as cunhãs moças ou matronas,
sejam pequenas ou fartas suas mamas.'

E logo as cunhãs experimentavam
as bundas redondas como Jaci,
na forma de dois polpudos caquis,
e com muita alegria constatavam
que podiam requebrar quando andavam,
ser modelos de revista e posar,
usar maiôs fio dental e sambar.
Pararam com o choro e a inundação.
A bunda se espalhou pr' outra nação
e cu todos passaram a usar."

Thara acha a lenda da canção chapante,
mas não saca o que tem o cu c'as calças.
Deus sustenta sua personagem falsa
e diz, como músico diletante:
"Minhas pesquisas são muito importantes.
Meu estudo da música brasileira
vai renovar a música estrangeira
e revigorar a indústria do disco

ianque, europeu, japonês ou mourisco,
enfim, a música da Terra inteira."

Nisso toca o radinho do Senhor
e-Ele se enfia num canto pra atender.
É Benedito, louco pra dizer
que consertou o teletransportador,
trocou a pirambeta do motor.
Deus vai dispensar o Dito, irritado,
pois na Pimenta quer ficar colado,
mas ela começa a se despedir,
então o Pai também acha melhor ir,
deixando outro encontro co' ela acertado.

Mais tarde, o Supremo de novo espia
Pimenta na banheira mergulhada.
Ela improvisa uma doce balada
como esta aqui, que agora se desfia:
"Quem quer guardar segredo não confia
nem no padre que escuta confissão
mas para estas bolhas de sabão
sei que posso contar, sem ser traída
que de paixão estou enlouquecida.
Oh, bolhas, tô morrendo de paixão".

Deus sente o coração palpitar forte,
pensando que já está nessa parada
como muso inspirador da balada,
e achando Thara uma moça de sorte
c' um caso de futuro até na morte.
Mas Dito vem de novo perturbar:

(39)

"É a moça errada pra se apaixonar!
É joio, ó Majestade, não é trigo
a agente dos seus próprios inimigos!"
Deus corta o papo: "Vamos trabalhar!"

Na rádio, o didjêi que Thara
indicou aos replicantes
elogia o disco deles,
que julga muito importante.
Diz que vai botar no ar
o cd, mas vai tocar
alguns comerciais antes.

Nojento e seus companheiros
ficam ali para ouvir.
Toca reclame de roupa
de pura lã e caxemir,
xampu, condicionador,
devedê, aspirador,
shopping qu' inda vai abrir.

Sabão Omo, leite Ninho,
canetas Bic e Piloto,
cereais Tony Snacks da Kellogg's
chocolate da Garoto,
Doritos, Chisitos, chips,
flat pra clientela vip,
serviço de água e esgoto.

Lojas Modélia, C&A,
Le Postiche, Americanas,

(40)

Marisa, Casa das Cuecas,
e Casas Pernambucanas.
Garbo, Casa das Calcinhas,
AACD, Sanatorinhos,
show Chiclete com Banana.

Automóvel da Toyota,
lavadeira da Brastemp,
bicicleta da Caloi,
tevê da Toshiba Semp,
cadeados da Papaiz,
petróleo da Petrobrás,
disco ao vivo do Planet Hemp.

Pedicuros Doutor Scholl,
sandalinhas da Melissa,
Alka Seltzer, Sonrizal,
livro de bolso Clarissa,
o último do Paulo Coelho,
emplastro para o joelho,
culto, ação de graças, missa.

A pilha de comerciais
que o didjêi põe não definha.
A gangue, de saco cheio,
diz que vai para a lojinha
da Thara para escutar
seu cd indo pro ar,
que a empresária está sozinha.

(41)

"Ok, vai rolar loguinho",
diz o didjêi sobre o disco.
E aponta a pilha que falta,
mais alta que um obelisco.
Na loja, já vão três horas
até que a coisa melhora
co' anúncio do molho Arisco.

"Com o patrocínio do molho
Arisco pra macarrão",
anuncia então o didjêi,
"a sua rádio Sonzão
vai rolar para vocês
o melhor disco do mês,
um heavy metal do bão!"

"É agora!", grita Pimenta,
grudada no rádio, dura.
E continua o didjêi:
"É uma banda que segura
o heavy metal mineiro
e o sucesso no estrangeiro!
É o conjunto Sepultura!"

E enquanto o didjêi transmite
o conjunto anunciado
escapa de seu boné
um halo todo dourado
que é pr' eu mostrar ao leitor
que o didjêi é o Senhor
novamente disfarçado.

Ted dá um pontapé no rádio,
Angu Velho abre um berreiro.
Mas a Pimenta pondera
que se o conjunto mineiro
brilha em diversas nações,
Nojento e seus medalhões
dominarão o mundo inteiro.

"Já que não tocam em rádio,
cês têm que fazer um show",
incentiva a empresária.
"Como é que ninguém pensou
numa coisa dessa antes?"
diz o Vão Ralo, vibrante.
"Para o ensaio agora eu vou!"

Dia e noite vão ensaiando
com muito empenho e vigor
quando Deus vê com horror
os cartazes anunciando
o show com data, local,
preço, quem que tá bancando.
Têm muito apelo visual,
em tapumes figurando.

Depressa, Deus seleciona
quatro tipos debilóides
parecidos c'os andróides
e a esses caras proporciona
aulas de expressão corpórea,
heavy metal que emociona

e nunca sai da memória.
E os andróides Ele clona.

Cola, depois, uns cartazes
sobre esses dos replicantes
anunciando um show dançante
c' o grupo de nome quase
igual àquele do Ted,
mesmo dia e hora, na base
do "paga nada, só pede",
em frente ao show dos rapazes.

De falso engenheiro de som,
Deus vai passear com a Pimenta
no dia seguinte, na cidade.
A moça está que não se agüenta,
só quer falar, na realidade,
no show da tal banda nojenta.

Deus procura mudar de assunto,
quer saber se a Pimenta conta
se tem e quem é sua paixão.
A danada se faz de tonta,
só reitera sua gratidão
pra com o engenheiro de ponta.

Ele vê naquilo uma brecha
para se declarar à amada,
e é o que faz então, sem frescura.
Mas a tipa diz que obrigada,

(44)

porém é por outra criatura
que está, infelizmente, gamada.

O halo de Deus queima no bolso,
Ele é macho, e não vinte-e-quatro.
Pede a Pimenta esforço e fé,
que por Ele cairá de quatro
quando levá-la a cabarés,
festas, batizados, teatro.

Vai levar sua amada aos cassinos,
e a turismos em procissão,
a cerimônias de finados
e de primeira comunhão.
Pimenta gargalha um bocado
c'o companheiro malucão.

Mais tarde, Deus desabafa
no ombro de São Benedito.
Tomado pelo remorso,
vive um terrível conflito.
Pois Thara tem tanta fibra,
na batalha insiste e vibra,
mostra força e gabarito,
enquanto Ele, mascarado,
no que ela vira pro lado,
lhe dá rasteira, o maldito.

Dito ouve tudo, calado,
baixa as pestanas e a testa,
vez ou outra, pigarreia,

não critica, não protesta.
Mas, quando o Divino pára,
o subalterno prepara
a resposta e desembesta:
"Patrão, vóis sois um canalha!
Não temeis ir pra fornalha,
que é só pros pequenos, esta!"

Uma coisa é Deus do Céu,
lá na sua sabedoria,
admitir um pecadilho.
É até uma simpatia.
Mas outra é Deus dar fé
a um subalterno chulé,
que nem fez a academia,
vindo co' aula de moral
e justiça social.
Assim se instala a anarquia!

"Canalha, São Benedito",
diz furioso o Criador,
"é a cadela que o pariu.
É o demo que a emprenhou
no bordel da tua família
quando se deitou co'as filhas
e a mulher do teu avô.
Canalha também é tu
que tem medo de nhambu
e de urubu-caçador.

Tu é amigo da onça,
abraço de urso tu dá.
Nos cabelos do sovaco
tu esconde cobra corá.
O umbigo teu é um grotão
coalhado de escorpião,
sanguessuga e boitatá.
Teu suspiro o ar polui,
tua espécie só evolui
pro fuxico e o bafafá."

"Pois tu, co' essa barba branca",
responde o Dito, nervoso,
"parece o Papai Noel
cruzado co' cão tinhoso.
Veneno de cascavel
tu traz na fala de mel
e no trejeito meloso.
Tu parece mesmo é bicha.
Tua mãe é uma lagartixa.
Teu pai, jumento teimoso."

(Deus)
"Tua toada é sem engenho,
tua memória é de galinha.
Duvido que tu consiga
desmanchar as duas linhas:
caninha, cana, cachaça,
cachaça, cana, caninha."

(São Benedito)
"Teu desafio me dá sono,
de tão fácil, tão sem graça.
Mas não me custa a resposta
que te cale e satisfaça:
cachaça, cana, caninha,
caninha, cana, cachaça."

(Deus)
"Está certa tua resposta,
mas queimaste tua pestana.
Pois eu, c'os dois pés nas costas,
consigo ser mais bacana:
Cana, caninha, cachaça,
caninha, cachaça, cana."

(São Benedito)
"Responder teu desafio
só me faz mesmo é cosquinha.
Tô dormindo e 'inda recordo
tua primeira ladainha:
caninha, cana, cachaça,
cachaça, cana, caninha."

"Benedito, cê tem sorte",
o Pai Celeste troveja,
"por ganhar esta peleja.
Mas tinha perdido o norte
quando disse, alto e forte,
'Patrão, vós sois um canalha!'
A mim ninguém achincalha,

muito menos um santinho
de quinta, um santo escurinho
feito tição e borralha."

"Escurinho?!", berra o Dito,
os olhos saltando fora.
"Me esculhambastes, agora!
Sou preto, negro convicto!
Preto é bom e é bonito.
De ser preto sinto orgulho,
e se me vem um entulho
me rebaixando a escurinho,
eu picoto ele todinho,
amasso, prenso e embrulho!"

Diz então o Grande Obreiro:
"Dito, é notável meu siso
e perfeito o meu juízo.
Mas seu jeito futriqueiro
derrubou o meu pandeiro,
me perdeu a educação.
Se eu xinguei, foi sem intenção.
O valor das criaturas
está no caráter delas
e não na coloração."

Responde o santo, mais puto:
"Pois eu digo que o valor
está inclusive na cor.
Dizer 'preto' é absoluto,
dizer 'escurinho', fajuto.

Preto se escreve com P,
Já caráter é com C.
Eu falo, não tenho medo.
Mas o Senhor, cheio de dedo,
embaralha o ABCD."

"Em vez de você malhar
meu caráter duvidoso",
responde O Mais Venturoso,
"tinha que me agraciar
o favor de lhe entregar
um cargo de confiança
c' um salário de sustança.
Antes, cê comia jerumba
no terreiro de macumba;
hoje, só reza e descansa."

"Não compensa a humilhação!",
diz o criado insurgente.
"Qualquer hora, de repente,
pra aliviar minha tensão
eu faço uma acusação:
conto tudo pra Pimenta,
quem você é e o que inventa
pra acabar com os planos dela
e da banda matusquela.
E é aí que a coisa esquenta!"

"E você acha, moreno,
diz o Senhor num esgar,
"que ela iria acreditar

que sou o pai do Nazareno
a banir extraterrenos
da Terra, pois a intenção
deles é a dominação
do planeta em geral
'través do heavy metal?
Ô escurinho trapalhão!"

"Já chega!", decide o santo,
"peço as contas, me demito."
"Deixa disso, Benedito,
vai viver em qualquer canto,
sem ter que lhe cubra um manto?",
diz Deus, quase num afago.
"Pois com isto que eu lhe pago
sei que não pôde ajuntar
grana pra se aposentar.
Vem, vamos tomar um trago!"

"Eu tenho direito a u'a grana!",
berra Dito, vingativo.
"No jogo sou muito vivo,
bom de aposta e de gincana,
e enquanto vós, Pé-de-Cana,
dáveis vexame no duelo
eu ficava rico e belo
apostando no Nojento.
Vou receber tudo isento
de imposto, no paralelo."

(51)

"Traidor, duas caras, peste!"
esbraveja o Maioral.
"E tem a cara-de-pau
de xingar de cafajeste
o divino Pai Celeste!
Se manda daqui, mocinho,
não cruze mais meu caminho.
Quem acha pena em angu
não dá panela a urubu.
Xamã de piche! Escurinho!"

Benedito, furta-cor,
pisa duro e vai embora
e se mete na mesm' hora,
sem sentir medo ou pudor,
no teletransportador
de onipresença do Pai.
Co'a geringonça ele vai
muito pra lá do arrebol,
pensando no besteirol
que da boca de Deus sai.

Na noite de estréia, o show dos andróides
é cancelado por falta de público.
Nervoso, Angu arranca os pêlos púbicos.
Vão Ralo denga e acalma o infantilóide.
Lá fora, um som de chuva de asteróide,
num misto de guitarra e gritaria,
deixando todos surdos denuncia
o show da banda igual e concorrente

de graça, na pracinha ali na frente.
"Que triste coincidência", Erva avalia.

Nisso, um sujeito todo moderninho,
desmunhecado, esnobe, bem blazê,
mais seco do que o rabo de um bassê,
cabelo desmanchado e amarelinho,
entra no teatro, cheira um pozinho,
e crítico de rock afirma ser.
Diz que a banda tem um grande cd
mas só uma gravadora poderosa,
u'a multinacional prestigiosa
fará o grupo no mundo acontecer.

Daí o bem informado jornalista
diz que numa multi tem um contato
e pode arranjar logo um bom contrato
para aqueles talentosos artistas,
e a Thara, do projeto que desista!
A empresária protesta e balbucia
que crítico sofre de acefalia,
e os dois começam a se xingar tanto
que Vão Ralo propõe que com um canto
debatam, sem neura nem baixaria.

O andróide cria e determina o mote:
"Uns puxam, outros ficam empatando,
mas o carro da cultura vai andando."
O crítico desiste de fricote,
a Thara amarra os cachos num birote,
alguém arranja até duas violas,

e os rivais puxam pelas suas cacholas
feito dois cantadores do nordeste,
do litoral, do sertão ou do agreste.
Em paz a peleja se desenrola.

(Thara)
"No mundo tem dois tipos de pessoas:
um tipo faz, o outro só fica olhando.
Quer seja na ciência, arte ou negócios,
um fica produzindo, o outro invejando.
Um trabalha, dá duro e realiza,
enquanto o outro só fica comentando.
O artista se inspira, transpira e cria,
vem o crítico e diz: 'Que porcaria!'
Uns puxam, outros ficam empatando,
mas o carro da cultura vai andando."

(Crítico)
"O crítico promove o entendimento
das obras que ninguém está manjando.
Fornece até um monte de informação
pro público à obra ir se acostumando.
O crítico é parceiro do artista,
os dois pela cultura trabalhando.
Não crê nessa verdade o bitolado,
o artista de talento maldotado.
Uns puxam, outros ficam empatando,
mas o carro da cultura vai andando."

(Thara)
"A crítica letrada e inteligente

na mídia brasileira está faltando.
É fácil plagiar as traduções,
ficar só do estrangeiro copiando.
Consigo compreender melhor as obras
do que entender um crítico falando.
Todo crítico é um artista frustrado
e deixa o público desorientado.
Uns puxam, outros ficam empatando,
mas o carro da cultura vai andando."

(Crítico)
"Filisteus e picaretas não faltam,
em todas áreas sempre se infiltrando.
O bom crítico tem de denunciar
os que ficam do público abusando.
Também deve proteger e orientar
talentos verdadeiros se expressando.
A arte verdadeira nunca se abala,
a má crítica não pode matá-la.
Uns puxam, outros ficam empatando,
mas o carro da cultura vai andando."

(Thara)
"Isso de bom, bonito e verdadeiro,
em quê o crítico tá fundamentando?
Me mostre uma evidência científica
que prove que o crítico tá acertando.
O belo para um, para outro é feio.
Um detesta enquanto o outro está adorando.
Eis a verdade sobre a coisa artística:
ninguém mais perde tempo lendo crítica.

(55)

Uns puxam, outros ficam empatando,
mas o carro da cultura vai andando."

(Crítico)
"Do meu mister você pensa que entende
mas nem mesmo do seu cê tá sacando.
Se fosse uma empresária talentosa
não tava na lojinha se esfalfando,
seu grupo heavy metal tinha um tour,
de todo o mundo os estádios lotando.
A banda do Nojento quer voar,
você não deixa o grupo decolar.
Uns puxam, outros ficam empatando,
mas o carro da cultura vai andando."

A gangue então concorda c'o loirinho
e dá por encerrada a tal peleja.
Ele espalha o seu pó numa bandeja,
a gangue nela mete seu focinho.
Pimenta, emburrada num cantinho,
vê o grupo combinar c' o magricela
que vai entrar na dele e se livrar dela.
Ela chora, diz tchau, ninguém escuta.
O crítico 'inda xinga ela de puta.
E a gangue, fissurada na branquela.

Depois que todo mundo vai embora
o crítico retira a peruquinha
soltando da cabeça uma luzinha
que pula, espicha e num halo se aflora.
O crítico era Deus disfarçado, ora!

(56)

E à noite, novamente no seu terno,
de pesquisador se disfarça o Eterno
e faz uma visita para a amada
que o recebe co' a cara toda inchada.
Ela desabafa; Ele, bem fraterno.

No quarto da Pimenta, tão quentinho,
com o Deus camuflado ela se enrosca.
O que os dois sentem é melhor que cosca.
Ele levou pra ela pão e vinho.
O pão sobrou; o vinho foi todinho.
Vamos então parar de olhar a cena
melada feito mingau de maizena
e vamos pular pro dia subseqüente
quando o Senhor, num bosque florescente
declama um canto em vez de uma novena.

(Deus)
"Vou pedir a Pimenta em casamento.
Cá na Terra eu pretendo me instalar.
Mas viver neste planeta é um tormento,
u'as mudanças vou ter que realizar.

Matança, poluição, epidemias,
população crescendo sem parar,
desastre ambiental, dor, carestia...
isso eu não tenho saco de mudar!

Superstição, racismo, impunidade,
o crime organizado, a exploração,

(57)

abuso de poder, perversidade...
se quiser, mude você, meu. Eu não!

Eu achava a Terra um planeta a mais
até que resolvi morar aqui.
Farei umas mudanças radicais,
vou ter que descascá' 'ste abacaxi.

Dos pênis vou mudar a anatomia
deixando-lhes a mira melhorada.
Os homens vão perder essa mania
de urinar no assento da privada.

Os tufos de cabelos e de pêlos
serão agora bem administrados.
A verba para o buço da mulher
vai pro fundo do calvo abandonado.

Todos lábios e línguas já vão ser
órgãos refratários e resistentes.
O povo não vai precisar fazer
barulhão ao tomar bebida quente.

Os pêlos lá de dentro das narinas
vão ter filtro especial para odores
tornando pum, mau hálito e cecê
fragrância de lavandas e de flores.

Também vou introduzir a água em pó
pr' aqueles que não gostam de um bom banho.
Cadeira sem assento, dó sem ó,
quilômetro de todos os tamanhos.

Matança, poluição, epidemias,
população crescendo sem parar,
desastre ambiental, dor, carestia...
isso eu não tenho saco de mudar!

Superstição, racismo, impunidade,
o crime organizado, a exploração,
abuso de poder, perversidade...
se quiser, mude você, meu. Eu não!"

A gangue consegue, de fato,
assinar aquele contrato
de que falou o crítico chato.
O acordo com a gravadora,
a multi superprodutora,
é feito num microssegundo.
"Vocês vão dominar o mundo!"
garante o diretor, na hora.

Daí, o diretor, bem finório,
se tranca co' a Erva no escritório
e diz, baixando o suspensório:
"Tire a roupa, me mostre tudo.
Preciso testar seu agudo."
Mas o resultado do teste
é um grito horroroso que o peste
do diretor solta com tudo.

Pois o que o sacana não nota
é que no lugar da xoxota
Erva tem algo que picota,

tritura, derrete e cozinha
tudo aquilo que ali se aninha.
O executivo, enfurecido,
segurando o orgulho ferido,
rompe o contrato co' a turminha.

"O agudo dessa vocalista",
explica o abusado machista,
"não me impressiona nem conquista.
Neste caso, reza o contrato,
o acordo é desfeito no ato,
e uma multa de meio bilhão
no intuito de indenização
cês me devem de imediato."

Dizendo isso, o profissional
da empresa multinacional
lhes empresta um fenomenal
microscópio superpotente,
e por meio da superlente
eles podem ler sobre a multa
em letras mínimas oculta.
Erva protesta, incontinenti.

"Isto é uma armadilha nojenta!",
a andróide se esgoela, violenta,
que ela tem cabelo na venta.
"Você vai ser penalizado,
se haver com o nosso advogado!"
E ela vai, fedendo a carniça,

procurar alguém da Justiça.
Mas contrata Deus, disfarçado.

Não somente, leitores mis,
o advogado dos imbecis
perde a causa lá no juiz,
como também, no julgamento,
são os músicos do Ted Nojento
confundidos c' uns guitarristas
que mataram um jornalista.
E vão pro cárcere piolhento.

Deus, de pesquisador gringo,
encontra a Thara Pimenta.
Pra pedi-la em casamento
está louco, não se agüenta.
Diz que está fazendo planos
pra viver no Vaticano
e só beber água benta.

Diz que a noite que passou
com a virtuosa empresária
foi tão significativa
que ele precisa de várias.
A ele ela tem que se unir
e ele não vai admitir
uma hipótese contrária.

Thara enrola, desconversa,
ele insiste na proposta.
Mas ela fala outra vez:

não é dele que ela gosta.
"Diz qual é teu gosto então",
se aflige o Pai dos Cristãos.
E se engasga co' a resposta.

"Eu não gosto de salsicha",
a empresária abre a tramela,
"passo bem sem a banana.
Do pepino, nem rodela.
Pra lingüiça e pro salame,
pra mandioca e pro inhame,
não dou crédito nem trela.

Meu manjar é caviar,
meu petisco, quiabada.
Meu prato principal, ostra.
Marisco eu como de entrada.
Manga eu chupo no caroço,
e só na baba-de-moça
é que meu almoço acaba.

Eu gosto de colar velcro,
briga de aranha promovo.
Enrolo e embaraço linha,
até aí, nada de novo.
No amor eu bato bolacha.
Se me meto em briga, é racha.
Galinha vem antes de ovo.

Estou pouco me lixando
pra gente com preconceito.

(62)

Meu amor tem validade
na ciência e no direito.
Quem eu amo é Erva Daninha
mas eu vou ficar sozinha
co' este segredo no peito."

Ao escutar a confissão
Deus esquece o seu latim.
O halo lhe queima no bolso,
dói-lhe o saco, dói-lhe o rim.
Uma dúvida o atormenta:
"O que aquela fedorenta
da Erva tem que falta em mim?"

Depois passa quatro dias
encharcando-se de mé
e chegando à conclusão
que é hora de dar no pé,
pois a gangue está detida,
a missão d'Ele, cumprida,
e no amor perdida a fé.

Fala co' a seguradora,
atende uma tal de Kátia.
"Meu transportador roubaram",
diz Deus, recompondo a 'faccia'.
"Me transportem já pro Céu.
Tô na casa do chapéu:
São Paulo, Terra, Via Láctea."

(63)

De volta ao Gran Cassino Belzebu,
Deus dá de cara com São Benedito.
O santo tá sem graça, mei' esquisito,
Deus fica co' aquela cara de cu.
Desinibido, então, pela Pitu,
o Pai, sem esconder o seu despeito,
puxa assunto co' santo, mei' sem jeito:
"E aí, tem feito suas rondas diárias
em busca de outra aposta milionária
pra viver sem emprego, satisfeito?"

Responde o ex-servente: "Com que grana?
Me deram um calote, Sapiência!
Perdi o tutu da aposta e a paciência."
Deus gira o olho por baixo da pestana:
"Bom, se você quiser, esta semana
pode voltar a trabalhar pra mim.
Tem muito santo de primeira a fim
de trabalhar de graça pelo status
que dá gerenciar meus aparatos.
Não tive tempo de dizer um sim."

O santo dá a resposta, bem manhoso:
"Sobre mim chovem cartas muito amáveis
co' ofertas de trabalho irrecusáveis.
Também não tenho tempo, ó Majestoso,
de olhar nenhum currículo precioso
de quem aspira a ser o meu patrão."
"Eu acho que isso quer dizer então
que quer voltar a ser meu secretário?"

"Somente pelo triplo do salário".
E os dois logo entram em negociação.

No lúgubre xilindró
a gangue tem boa presença.
Quer, por bom comportamento,
u'a redução da sentença.
Um big show beneficente
pelo bem do meio ambiente
talvez ao juiz convença.

Os ensaios têm início
c'um número intitulado
Dieta Vegetariana,
todo protagonizado
por Angu Velho e Vão Ralo
que caem no maior embalo
como flores fantasiados.

A flor Angu Velho tem
na mão um pernil rosado.
A flor Vão Ralo segura
um vegetal bem ramado.
Tudo aparece no vídeo
pelos guardas do xadrez
ferozmente vigiado.

(Flor que segura pernil dirige-se a flor que segura vegetal)
"Como vai, minha amiguinha?
Tudo bem? Está servida?
Prove um pouco do petisco

que com gosto preparei.
É um pernil muito fresquinho,
minha carne preferida.
Eu mesma que destrinchei,
temperei e defumei."

(Flor que segura vegetal responde a flor que segura pernil)
"Faça muito bom proveito
e depois escove os dentes,
mas eu devo reprovar
sua atitude desumana.
Para que derramar sangue
de bichinhos inocentes?
A dieta mais saudável
é a vegetariana."

(Flor com pernil)
"Consumir só vegetais
vai ser minha perdição,
não se deve desafiar
a lei da Mãe Natureza.
Eu sou uma planta carnívora,
comer carne é mi'a função.
Um bifinho malpassado,
um galeto, que beleza."

(Flor com vegetal)
"Couve, tofu, grão-de-bico,
cereal na vitamina,
podem com muita vantagem
a carne substituir.

São fontes ricas em cálcio,
contêm ferro e proteína,
e afáveis animaizinhos
vamos parar de oprimir.

Pense bem no sofrimento
do boi lá no matadouro,
ou de uma pobre garoupa
debatendo-se no chão.
A carne branca ou vermelha,
vendida a peso de ouro,
precisa ser boicotada
por toda população."

(Flor com pernil)
"Você já me convenceu,
vou deixar de ser sacana.
Não vou mais comer peru
nem vitela nem sardinha.
E agora que sou adepta
da dieta vegetariana
eu vou devorar você
temperada com salsinha!"

Atrás da flor natureba
corre a planta convertida
jogando fora o pernil
pra trocar a sua comida.
Erva e Ted batem palmas:
a performance tem alma
mas não tá amadurecida.

Ensaiam com mais afinco
pra fazer do show um poema.
Vão doar pruma campanha
que tem um bonito tema
todo dinheiro que entrar.
"Respeite o animal que há
dentro de você" é o lema.

Enquanto isso, Dito e Deus dão risada
junto a Lúcifer no bar do cassino.
Com um talento inato e genuíno
todos três contam causos e piadas
daquelas cabeludas e escrachadas.
O que o Divino bebe é uma piscina.
O Dito tanto ri que até se urina.
O Lúcifer tá ali só de passagem,
sem tempo pra ficar na vadiagem;
seu trampo exige muita disciplina.

(Lúcifer)
"Tinha uma bichinha que o sonho dela
era um modelito do Dener ter.
Mas era muito pobre, e esse prazer
as amigas é que deram a ela
provando ter-lhe amizade singela.
De tanta emoção, a bicha enfartou
e usando seu Dener pro céu voou.
São Pedro, ao vê-la assim tão elegante,
pensou que ela fosse muito importante
e a visitar Jesus a autorizou.

Na frente de Jesus, nossa menina
levanta o nariz, anda até a janela,
que nem num desfile de passarela,
ergue os peitos e, orgulhosa, se empina,
e fala: 'Tá vendo, Jesus Cristina?
É um Dener! Um Dener, santa, olha só!'
Jesus, que do trono de faraó
nos perdoa a Soberba, pela Fé,
também levanta o queixo, fica em pé,
e diz, para arrasar: 'O meu é Dior!'"

(Deus)
"Qualquer pecador, com ou sem dinheiro,
ao morrer, tem que escolher um inferno
onde viver seu sofrimento eterno.
São três esses infernos, companheiros:
Americano – alemão – brasileiro.
No ianque, o condenado diariamente
bebe dez caldeirões de água fervente;
toma dez chicotadas na lombada;
e pra não ter a saúde abalada
de merda come dez pratos bem quentes.

No inferno alemão o cálculo é cem:
cem caldeirões d'água em ebulição,
cem golpes de chicote no costão,
nunca faltando a refeição também
de cem pratos de bosta pra ninguém.
Já no inferno brasileiro, é mil tudo.
Pergunto então a Dito e a ti, Chifrudo:
dos três infernos aqui apresentados

qual é o escolhido pelos condenados?"
"O ianque", dizem Dito e o Catingudo.

"Errado", o Poderoso vai dizendo.
"É o brasileiro o que mais satisfaz.
Ali não pagam a conta do gás,
então a água nunca fica fervendo.
Aqueles chicoteadores horrendos
vivem em greve, então ninguém apanha.
E a merda...". "Tá em falta!", Dito se assanha.
"Tem muita, mas é só pra exportação
pro inferno americano e o alemão",
conclui Deus, e já ri que se arreganha.

De todos, quem mais ri é o Benedito,
até das piadinhas mais sem graça
porque Deus se incomoda co' as chalaças
de Lúcifer sobre assuntos benditos,
ao passo que o sinistro Anjo Proscrito,
a cada vez que Deus manga do inferno,
solta um riso gelado feito o inverno.
"Eu tenho uma legal de português",
faz média o Benedito, por sua vez,
piscando pro Canhoto e o Pai Eterno.

Conta a do português, a do mineiro,
da loira, do judeu, do japonês,
da bicha de Pelotas, do francês,
da lésbica, da puta, do bicheiro.
É grande o preconceito zombeteiro
de todos envolvidos na folia.

A dor dos outros, deles é a alegria.
Mas o melhor remédio é dar risada
e Deus agora tem outra piada
que pra escutar o Dito silencia.

"Quem sabe me dizer quando escurinho
consegue tomar um suco de fruta?"
A pergunta de Deus o Dito escuta,
sentindo o quanto dói um escarninho.
Depois ouve a resposta, enfezadinho:
"Apenas quando tem guerra na feira!"
Só o Dito que não ri, acha uma asneira.
Deus pra atirar mais farpas não se avexa.
Ri tanto que o halo enrosca na sua mecha.
E dá seqüência àquela baboseira.

"Quando é que escurinho faz alpinismo?
Quando ele sobe o morro, pobrezinho.
E então tinha aqueles três escurinhos
que contra a intolerância e o anacronismo
defendiam o multiculturalismo,
com orgulho de sua herança e sua raça.
Um dia se encontraram numa praça
e ficaram teimando no coreto
pra ver quem é que tinha o pai mais preto.
E é o seguinte o debate que se passa.

'O meu pai é tão preto', um começou,
'que um dia, sem querer, feriu o dedão
e era preto até o sangue de sua mão'.
'O meu pai é tão preto', o outro falou,

'que um dia até o osso ele se cortou,
e o osso dele era preto do mais puro.'
E argumentou o terceiro, bem seguro:
'Preto feito o meu não há pai algum;
'certa vez, só porque ele soltou pum
ficamos uma semana no escuro.'"

Deus e Lúcifer ficam gargalhando
mas Dito sai, disfarçando o furor.
Se mete no teletransportador,
mexe daqui, dali, fica fuçando,
até conseguir transportar o bando
de andróides do xadrez pro apê da Thara.
Vingado, sua velha ferida sara,
e ele volta pro cassino num raio,
querendo contar a do papagaio
que entra no buraco negro da arara.

Thara, naquele momento,
puxava pela memória.
Questionava seus conceitos
e sua própria trajetória
pra planejar um futuro
que parecesse seguro
e com algumas vitórias.

O tal pesquisador gringo,
– sabe-se lá o motivo -
era u'a lembrança freqüente,
o quadro mais claro e vivo,
com seu papo de raiz

tendo como diretriz
a música dos nativos.

E é quando surgem do nada
Nojento e seus três velhacos
sem entrarem pela porta,
janela ou outro buraco.
Todo mundo se apavora
mas se abraça e comemora:
"Isso é do balacobaco!"

Só que a euforia não dura
e os andróides ficam tristes.
Querem voltar pra cadeia
onde uma chance 'inda existe.
Suas caras são manjadas,
fora das grades, são nada,
só alvos de ódio e de chiste.

"Bobagem", diz a empresária.
"É bem grande o coração
e muito curta a memória
da gente desta nação.
Hoje quem é malfeitor
amanhã é senador.
Não morre a esperança, não!"

"Quer dizer que ainda há chance
de dominarmos a Terra?",
perguntam os alienígenas.
"É claro!", a Pimenta berra.

(73)

E o Nojento grita assim:
"Co' heavy metal enfim
vamos ganhar esta guerra!"

Mas a Thara os decepciona:
"Tenho uma notícia má.
Enquanto estavam em cana
passando a água e fubá,
o heavy metal, que foda,
saiu totalmente da moda,
ninguém mais ouve falar!"

Os andróides esperneiam,
Angu Velho se estapeia.
Mas a Thara uma vez mais
os chiliques deles freia.
Fala que essa foi de morte,
mas eles têm muita sorte,
sorte, sorte às mancheias.

"Vocês estão num país",
a moça dá a explicação,
"abençoado por Deus,
sem terremoto, tufão,
sem nevasca ou terrorismo,
sem guerra nem fanatismo
um país de clima bão.

Um país imenso e lindo,
com praias paradisíacas,
florestas luxuriantes,

comidas afrodisíacas,
mulheres belas demais,
cavalheiros de boa paz,
e festas dionisíacas.

Um país que tem café
e futebol pra valer
e ainda o Som do Futuro
para o cosmos entreter,
a Música Sideral,
o Ritmo Universal:
CATIRA - ou - CATERETÊ!"

Tem grand finale esta história
como os velhos musicais
do teatro ou Roliúdi
ou dos filmes nacionais
que provocavam risadas
e se chamavam Chanchadas
promovendo os carnavais.

O grand finale se dá
no cassino Belzebu.
Nojento toca viola
mais o Vão Ralo e o Angu.
Cantando o cateretê
eles enchem de prazer
do marciano até o Exu.

Daninha comanda a dança
co' as palmas e o sapateado.

(75)

Todo mundo no cassino
participa do bailado.
Deus grita: 'Eu sou brasileiro,
nem sambista nem roqueiro.
Ameríndio é meu legado!
ÔBA!'"

trafegam por situações fantásticas em direção à aventura mais empolgante de todas (que o leitor descobrirá qual é). A outra história é uma epopéia extravagante, um delirante folheto pós-moderno que joga com diferentes versificações, temas e ideologias da literatura de cordel. Se a história principal é globalizada, *Rockordel* é universalizada, com personagens bíblicas, míticas e de ficção científica em migração pelo cosmos, modificando sua identidade em busca de uma vida melhor.

O título *Livro que vende* parece explicar o porquê de a autora ter montado seu romance a partir de gêneros best seller como o thriller, o didático, o infanto-juvenil e o cordel. E é bom lembrar também que a epopéia *Rockordel* é um romance em dois sentidos: "romance" é a denominação que se dá ao cordel de 32 páginas ou mais e aos cantos épicos ibéricos da idade média.

Assim, com a voz própria que dificulta sua classificação em alguma tendência literária, e com suas imagens poéticas vívidas, Regina Rheda estrutura um surpreendente romance de múltiplas camadas, de histórias dentro de história, romance dentro de romance e livros que vendem dentro de um *Livro que vende*.

A sabotagem das instruções para um experimento proposto em um livro didático de ciências causa explosões que machucam crianças em algumas escolas do país. Mal a notícia aparece na tevê, o corpo da principal suspeita pelo ato terrorista é encontrado pela sua faxineira, coberto por folhas de papel onde se imprimiu um longo poema chamado *Rockordel*. A autoria do poema é atribuída ao professor que assina o livro didático sabotado. Dois tempos narrativos vão revelando a trama relacionada às explosões e mostram, com humor e agilidade, um Brasil que entra no terceiro milênio claudicando entre o anacronismo e a modernização.

Regina Rheda nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo, SP (1957). É formada em Cinema pela Universidade de São Paulo. Suas neochanchadas musicais *"Fuzarca" no Paraíso* e *Folguedos no Firmamento* estão entre os filmes que inauguraram o boom do curta-metragem brasileiro, em meados dos anos 80.

Ganhou o prêmio Jabuti com seu livro de estréia, *Arca sem Noé - Histórias do Edifício Copan* (Paulicéia, 1994; 2ª ed. revista, Booklink, 2002). Um dos contos do livro, "O mau vizinho", foi premiado com o Maison de l'Amérique Latine, do Concurso Guimarães Rosa de Contos, em 1994. Seus outros trabalhos são *Pau-de-arara Classe Turística* (Record, 1996), romance sobre uma imigrante brasileira na Europa, e a coletânea de contos eróticos *Amor sem-vergonha* (Record, 1997). Também tem contos publicados nas antologias *Pátria Estranha* e *Histórias dos Tempos de Escola* (vários autores, Nova Alexandria, 2002).

Em 2004, a maior parte de sua obra será publicada em inglês pela editora norte-americana University of Texas Press.

Regina Rheda pesquisa o tema de seu próximo livro. Mora nos Estados Unidos com o marido, Charles, e os gatos Tipsy, Mia e Tolstoy.

ISBN 85-87770-20-9
9788587770202